

beijar-te a trança dourada
e teus labios de coral!

Tenho ciumes da rosa,
que ja brilhou tão viçosa
da existencia no verdor,
e que ora, murcha e fanada,
trazes ao peito de fada,
como reliquia d'amor!...
tenho-os tambem do regato
que reflecte teu retrato,
teu retrato encantador!...

Dos astros tenho ciumes,
dos astros, que em vivos lumes,
te inundam a tez de luz!...
tenho-os do livrinho sancto,
sôbre que vertes teu pranto,
ajoelhada aos pés da cruz...
tenho ciumes das aves,
que te dão cantos suaves
de cima dos troncos nus!...

Tenho ciumes do monte,
que alem se ergue no horisonte,
onde fixas teu olhar...
tenho ciumes do leito,
onde repousas teu peito,
que em delirio ouvi pulsar...
tenho-os, emfim, da almofada,
onde a face idolatrada
tu costumavas recostar!...

Seminario de Vizeu, novembro de 1863.

A. Candido Pereira de Figueiredo.

AHI VAE!

AO MEU CARÍSSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

«Desde que a espada deixou de ser
argumento unico, a palavra e a escri-
pta, ajudadas da imprensa que as re-
produz, tornaram a ter grande valor.

Os homens que, falando ou escreven-
do, chegaram a convencer os outros e
a obrigar-os a mudar de opinião, vie-
ram a ser tão célebres como os antigos
capitães, e tão poderosos como os reis.
A sua voz marcharam os povos no ca-
minho da civilisação, e a penna veio
a ser o sceptro da nova realza!»

O Sampaio, por A. A. Teixeira de Vasconcellos.

I

(Continuado de pag. 57)

Mais as necessidades porém brotavam espon-
taneas aos pes do rei da criação, mais este se

convencia pouco e pouco de que o imperio das
circunstancias lhe reclamava novos esforços para
debellar o soffrimento, que aquellas geram e és-
tas patenteiam.

O estabulo começou de ser mais permanente,
e ao lado d'elle fixou-se por mais tempo o do-
micilio para resguardo das intemperies.

Origina-se a propriedade na occupação e no
trabalho pessoal; um pouco mais, e dá-lhe novo
incremento, faz-lhe tomar nova face a multipli-
cação da familia, que reclama para cada domi-
cilio e augmento de mais uma pedra no lar do-
mestico.

Ergue-se no seio d'aquella o chefe, reconhe-
cido tal em pleno convivio; dá principio ao cen-
so; tenta verificar o cálculo aproximado do seu
despendio diario e annuario: e d'um lado a ne-
cessidade; d'outro a curiosidade, impellido o
homem a pequenos ensaios de contabilidade,
inculcam ja os primeiros elementos d'uma arith-
metica, cujos symbolos deviam de ser, por
mais adequados, os phalansterios digitaes.

Tal é o esbôço rapido dos movimentos so-
ciaes, que 'nessas eras de tão longe data se fa-
ziam ja sentir em dois poderosos elementos da
riqueza pública e particular.

Era que o homem, fitando a abobada celeste
que o cobria, medira com a vista a altura im-
mensa dos astros, e, attentando melhor em tanta
sublimidade, volvéra os olhos para a terra, por-
que ahi lhe cumpria assentar o theatro de suas
lides!

Não era la, 'naquella concha reluzente, pa-
tria d'abrolhos; que não se dão espinhos onde
so vegetam boninas!...

Gloria! — Lêra o homem no azul dos ceus.
E — *trabalho!* — fôra a condição penosa e dura,
imposta ao mesmo para alcançar aquella. Exer-
cel-o pois era a tarefa que cumpria.

E o homem que mirava o ceu, contemplan-
do-o extatico, sentiu-se deslumbrado pelo bri-
lho de taes fulgores!...

Bem poucos momentos depois desceu suas
vistas sôbre a terra que chamava por elle. A
vida positiva foi subito acordal-o em seu des-
lumbramento; e as dores de novo lhe excita-
ram a actividade.

Instado á acção benefica, de que pendia o
balsamo para calmar aquellas, outra vez consa-
gra o trabalho; e, votando esforços á distribui-
ção d'este, na preparação do solo cimenta a agri-
cultura, e com os outros em seus meneios fo-
menta a industria.

A agricultura e a industria ampliam-se e
prosperam, felicitando o homem todos os dias
mais; e no abraço que ambas se trocam, vão

consubstanciar-se no estabelecimento do commercio, que, trazendo uma nova phase á sociedade, alarga as dimensões da sua esphera e proporciona-lhe uma escala mais vasta e variada pela communição de novas necessidades e novos meios de as satisfazer. (Continúa).

G. Pereira.

DEUS T'O PAGUE!

A. . .

Deus t'o pague, mulher, que uma saudade
Nas aras do passado vens depor;
Deus t'o pague, meu anjo, que assim lestras,
Que assim recordas nosso ardente amor!

Deus t'o pague, formosa, que á minh'alma
Mandaste num olhar consolação:
E num sentido adeus me deste provas
Qu'inda bate por mim teu coração.

Amei-te; d'esse amor a intensidade
Fui vendo pouco e pouco esvaecer;
A culpa tua foi, amada minha...
Não devo, pois, da causa o veu erguer.

Esse amor expirou; não me envergonho
De assim te confessar que ja te amei,
E que pura amizade, em vez d'amores,
Mais tarde, em seu lugar, somente achei.

E mandas-me um adeus, uma saudade!
E assim 'inda te apraz lembrar de mim!
Deus t'o pague, mulher, que ao meu retiro
Enviaste essa flor do teu jardim.

Deus t'o pague, mulher, que não pensaste
O bem que me traria a pobre flor!
Tórno a ver no meu ceu brilhar a esp'rança,
E teu peito mimoso arfar d'amor.

A. F. Barata.

DUAS PALAVRAS

A RESPEITO DO ESCRIPTO QUE SE SEGUE

«..... Sei que v. não é dos que zombam das tentativas mulheris; antes anima os fracos para grandes commettimentos. É por isso que, enviando a v. os *Contos da thia Cecilia*, me atrevo a pedir para elles um canto na *Chrysalida*, o que talvez não mereçam, mas á falta de melhores escriptos... Conheço que nada valem, mas as recordações que me trazem faz que para

mim tenham algum merecimento. Ao menos que ésta confissão me sirva de desculpa aos olhos de v. Se este primeiro ensaio merecer a approvação de v. prometto continuar com outros romancesinhos 'neste genero, que tantos assumptos para elles se deparam 'nestas boas terras da Bairrada.....»

Nem tanta modestia em labios de v. ex.^a Os *Contos da thia Cecilia* têm muito merecimento para quem se compraz em ler nos livros ineditos das crenças do seu povo. O genero de litteratura, que v. ex.^a escolheu, é dignissimo de cultivar-se, principalmente por quem o sabe tractar como a auctora dos *Contos da thia Cecilia*.

As tantas lendas, que por ahi se somem, esquecidas em Portugal, são outros tantos monumentos litterarios, que devem erguer-se do po do esquecimento.

Oxala que os nossos sabios se decidissem a escavar essas preciosas minas, apenas conhecidas do povo, que as não sabe avaliar.

Foi Garrett um dos que mais trabalhou por levantar das ruinas esses mutilados fósseis de acções incognitas, e como em signal de bom exito levantou nas lettras um marco commemorativo — a *Adozinda*.

Porque sera que o exemplo do mestre não attrahiu as atenções dos discipulos? É que as ideias da cidade fizeram esquecer o caminho para a aldeia.

Quanto mais vale um serão volvido em volta de fogueira aldean do que um baile da cidade, aonde se confrangem os convidados com maneiras ridiculas, e mal desempenhadas etiquetas e sorrisos malignos?!

La aprende-se muito e vive-se mais, porque a vida é a innocencia e a felicidade, e éstas fogem da cidade para a solidão coroada pelas benções e sorrisos de Deus.

Foi, por certo, na tranquillidade da aldeia que v. ex.^a foi buscar os materiaes para os singelos contos que fez a honra de nos mandar.

Aconselhámos-lhe que não esmoreça na obra em que anda empenhada, para gloria de v. ex.^a e regosijo nosso; e accredite v. ex.^a que não somos nós da opinião de J. M. da Costa e Silva: apoiámos até os arrojados da nossa poetisa D. Isabel de Castro e Andrade; porque a mulher tem tanto direito a sentar-se á restea do sol da instrucção como o homem.

Não somos nós dos que desprezam a Sapho para gabar Pindaro: aquella por ser mulher não deixa de ter assento menos distincto nos jardins do Parnaso.

Queríamos até que a instrucção começasse pelas mulheres e subisse depois ao homem. A mãe, com preferencia sôbre os paes, sabe melhor incarnar no coração dos filhos o verbo da sciencia, verdade e educação.

Ja ve que não podêmos zombar das tentativas mulheris, nem v. ex.^a produz cousas que provoquem zombaria, antes o que nos manda é apreciavel e sel-o-á tambem pelos leitores da *Chrysalida*, cujas columnas ficam á disposição de v. ex.^a

CONTOS DA THIA CECILIA

S. Sebastião

I

Era 'nesses tempos em que as nossas varzeas e collinas não eram atravessadas pela estrada mac-adamisada e pelos carris pesados da via ferrea: era 'nesses tempos, em que em vez de jornaes e fios thelegraphicos havia o verbo persuasivo dos missionarios e dos frades, que conduziam assim a civilisação ás nossas aldeias em limpida corrente que dimanára das páginas do evangelho: era 'nessas epochas em que o *oidium* e tantas gigantescas molestias não tinham castigado os homens honrados, patriotas e christãos, que eram então.

Oh! tempo cheio de tradições, de estupidez, de cegueira para nós outros que temos trepado mais um grau na escada da civilisação — e que ás vezes tanto nos rimos do passado!... Pois d'esses tempos me dizia a thia Cecilia, contando-me este conto:

— Bello tempo!... todos os d'aldeia iam á missa: a fidalga da terra não ficava na cama até alto dia: não se desprezava a religião sem se saber porque... era tempô em que nós beijavamos os habitos dos sanctos frades... Ai! que bello tempo o dos frades!

E a thia Cecilia derramava uma lagrima.

Mas era 'nesses tempos que a thia Cecilia presenciou, quando 'numa manhan cedo, muito cedo, a sr.^a Thereza, indo á lenha, encontrou 'numa collina formosa e vicejante, em um altar de madresilva, funcho e loiro... mas que encontraria a sr.^a Thereza, a mulher a mais beata da aldeia de... e diante da qual todos se descobriam, quando a avistavam? A thia Cecilia m'o contou: encontrára 'num altar, que por si se formára, uma rica e linda imagem que ella bem comprehendeu ser a d'um sancto!

Ai! mas como poderia eu pintar a afflicção, a alegria, o pavor, o estremecer, o pensamento

tumultuoso da sr.^a Thereza quando vê no peito do sancto fistulas d'onde escorria sangue bento, quando observa as mãos do sancto atadas a um tronco, onde o martyr está prêso, quando parece ver-lhe gottejar das palpebras uma lagrima de resignação e de graça, lagrima que de certo os anjos apanhavam em taças de diamantes para regar o jardim vicejante dos ceus, onde as almas sanctas passeiam! A sr.^a Thereza succumbia a tantas impressões: ajoelhada na relva macia e humida e em grande extasi de devoção, extasi que lhe arrancára tambem pungentes lagrimas, exclamou:

Ai! meu bom sanctinho!... vós que estaes na côrte dos ceus pedi a Deus por mim!... Eu peccadora me confesso de meus peccados... ai! e que Deus Nosso Senhor me perdoe!...

A sr.^a Thereza não pôde fallar mais: as palavras, quando vêm do íntimo, enfraquecem e emmudecem os labios!

E ella continuava a chorar... mas repentinamente foi despertada d'esse agonisar por uma voz mysteriosa, que um poeta tomaria por gemido echoante da orchestra dos anjos, com que alegravam no Eden aos nossos primeiros paes, mas que a sr.^a Thereza affiançára ser do proprio sancto! A voz dizia assim:

— Teus peccados estão perdoados!... E no ceu ja está um logar para a tua alma; mas é mistér que faças o que por Deus te digo: — levar-me-ás á aldeia d'onde és, e dirás ao povo que eu sou S. Sebastião, que nasci, vivi, soffri e morri por Christo, o Redemptor da humanidade, ás settas do impio Diocleciano, em Roma. Ora eu quero ser patrono d'esta terra, porque aqui ainda não veio assentar o seu throno Satanaz e seus subditos, portanto levantar-me-ão uma capella, onde serei adorado para eu intervir ás vossas afflicções perante Deus!... Eu o digo e Deus o quer!

A sr.^a Thereza logo que acabou d'ouvir fallar o sancto collocou-o ás costas e se encaminhou para a aldeia, apressada e electricada pela alegre nova que ia dar aos seus.

E era um quadro bello para o pincel de um Ruben, vel-a corcovada, coitadinha da velhinha, com passo trémulo, quasi escorregar aqui, prêso o pe pela haste do junco, entrepeçando alli na cepa da vinha, e sempre offegante e trémula a respirar, caminhando sempre, não obstando o suor que em jorros lhe distillava!

Ai! mas o sancto era de pedra, e a sr.^a Thereza achava-o pesado como de pedra! E tambem sessenta annos 'naquelle corpo e muitas abstinencias e cilicios, porque á boa christã tudo lhe tinha enfraquecido as forças de beata!

Cansada propriamente chegára a uma limpa fonte, que era a fonte da aldeia. A sr.^a Thereza colloca com geito e amor o sancto no pequeno assento de pedra, que borda a origem da corrente; corre o lenço pela frente e pela face; refresca os labios sequiosos do cansasso na lymphá cristallina, e mais afflicta do que Cyreneu, e olhando com olhos de beatitude o bom do sancto, assim exclamou do íntimo com as mãos erguidas:

— Senhor S. Sebastião! vós que fazeis tantos milagres... oh! valei-me agora... Eu não posso mais, sou uma pobre velhinha sem fôrças, ja não tenho o vigor de rapariga. Ah! Senhor S. Sebastião, fazei-me nova de fôrças, se não morro!

E a sr.^a Thereza, com fe e confiança, se agarra ao sancto... e qual é o seu pasmo quando o acha leve que nem se fôra de pau!

— Milagre! Milagre! gritou a boa velha.

A esse grito começou a acudir o povo, que ia para a agricultura de suas terras. A beata conta mil vezes o que ouvira: e o povo boqui-aberto a tudo o que succedêra rodeia a sr.^a Thereza, gritando jovial:

— Milagre do Senhor S. Sebastião!...

E depois, reunidos todos no *terreiro* da aldeia, construíram logo, a lembrança da boa da velha, um templosinho de pau, em quanto se não faz outro de alvenaria e mais proprio para um tão bom sancto!

(*Continúa*).

Heresta do Vaticinio.

A FLOR DA VIRTUDE

'NUM ALBUM, NO DIA D'UNS ANNOS

A mulher pura, innocente,
É do mundo a maravilha,
É qual anjo sôbre a terra,
É do ceu candida filha!
M. Adelaide Pratta.

Conheci-te pequenina,
Tenra e fina
Como a flor;
Hoje ja na face airosa
Tens da rosa
A rubra côr!

Guarda-o bem, casta donzella,
Pura e bella,
— O teu carmim.
Juncta da rosa á côr pura
A candura
Do jasmim!...

Hoje linda, como a aurora
Quando chora
Sôbre a flor,
Has de ter por entre as salas
Meigas fallas...
— Tudo amor —

Mas não t'illudas, donzella,
Tem cautella...
Pensa bem...
Não julgues que ha so carinhos
Onde espinhos
Ha tambem!...

Hoje de todos querida
Tens da vida
Almo frescor?!...
Tambem no campo a baunilha
Nasce, e brilha,
E perde a côr!...

Tambem a rosa dos prados
Tem agrados
Mil e mil;
Tambem nos campos as flores
Têm amores
No mez d'abril;

Tambem o lirio dos montes
Tem das fontes
O correr.
A praia la tem a vaga
Que a affaga
Em seu gemer.

.....
.....

Passa o tempò, tudo esmaga...
Morre a vaga,
A flor é po!...
So não murcha a linda côr
D'uma flor...
Mas d'uma so!

Donzella, teu virgem peito
Seja estreito
Vaso seu!...
Que os encantos que ella encerra
São da terra
E são do ceu!...

Guarda-a bem, que linda e bella
Tem da estrella
Almo fulgor.

Não 'squeças na juventude
— Da virtude
A linda flor.—

Coimbra, 6 de fevereiro de 1862.

F. A. Duarte de Vasconcellos.

EIA!

AO MEU AMIGO

Duarte de Vasconcellos

As impressões agradáveis ou desagradáveis, sentem-se; tentar descrevel-as, é querer o impossível. Podêmos quasi sempre dar-lhes uma fôrma material, mas ésta ha de ficar muito á quem, do que ellas são.

Amigo, eu sei que os sentimentos que te adornam o espirito, são de mui subido quilate; sei que tocam o extremo da pureza, e por ventura podem ir em competencia com a virtude, se é que elles não são a propria virtude.

Averiguar o ponto de acrisolamento, a que elles se elevam não nos pôde caber. Falta-nos um estalão por onde aferil-os no estadio em que gravitâmos. Preconisar, o que so por si se recommenda, é uma ousadia imperdoavel. Nós bem o sabemos: mas o que não podêmos é abafar as manifestações, que mais ou menos podem exprimir o que nos dita o coração.

O estygma não cahirá sôbre nossa fronte, porque as nossas abluções são leaes, e não vêm manchadas de pungente ironia.

Vaes definhando-te de dia para dia 'numa existencia atrophiciada de agonisantes dissabores, e victima resignada, nem sequer soltas um gemido... um queixume...

Comprehendeste o que é o mundo, que por um momento de prazer nos obriga a tragar as amarguras mais atrozes, offerecidas em taça de ouro. Deslumbra-nos a vista com flores arteiramente combinadas, mas em seguida sentimo-nos varados pela dor que nos inflige o espinho occulto 'nellas.

Eú tambem me não queixo, e soffrendo em silencio, nem ao menos projecto uma vingança, porque o mundo é abjecto, e sordido de mais, para ser digno d'uma vingança nobre. Nós não podêmos abater-nos até o charco, onde elle se revolve.

Ja que te não entendeu, porque as suas faculdades são hermeticamente calafetadas para tudo quanto é sublime e elevado, supporta com valor e coragem, os insultos que elle te arrojara

á face, onde vislumbra a nobreza d'alma, que a elle ha de sobreviver e aos seus insultos, sem ser embaciado.

Coimbra, dezembro, 1863.

José Ferreira d'Albuquerque e Castro.

CHRONICA (a)

Estâmos em 1864!

Isto ja todos o sabem; mas temos de dizel-o ainda aqui, para terem cabimento as boas festas ás amaveis leitoras e bondosos leitores. Áquellas desejámos que as consoadas não fizessem mal; a estes que passassem umas férias divertidas no seio de suas familias, em volta do lar domestico, aquecidos ao calor do *cepo* do Natal.

Nós por cá ficâmos, mergulhados na *semsaboria*, que é tão d'esta terra 'nesta época, em quanto que 'noutras as noites de Natal e Anno Bom são noites *cheias*, enebriantes de prazeres e de folgares innocentes.

Tambem cá tivemos *missa do gallo* em Sancta Clara, Sanct'Anna e Therezinhas; mas seja-nos permittido dizer que achâmos uma missa como qualquer outra, sem aquella sublimidade divinamente poetica, sem aquella unção de graça e doce arrobamento que nos trasborda n'alma ao assistir á sáncta singeleza d'uma *missa do gallo*, celebrada á meia noite, e acompanhada dos sons innocentes e pastoris d'uma gaita de folle e d'um tambor, 'numa igreja d'aldeia.

Alli é que se disfructa, em toda a sua singeleza, a scena mais encantadora do drama da redempção.

Assistir la fóra a uma *missa do gallo* é como que estar ainda a sentir os vagidos do Christo nas palhas do presepio da Galilea: e nós que não fomos gozar tantos encantos! Talvez tivessemos ido, se a ideia — a grandiosa ideia — d'um uniforme academico para as férias não tivesse ficado abafada no seio de nós — da academia — como ficam abafadas quasi todas as ideias aproveitaveis. Um *fato* proprio da estação so para trajar por quinze dias é muito luxo para um chronista; e a fazer de *cavalheiro da triste figura*, antes ficar em *copas*.

Foram-se os *meinos florentinos*, que ja se acham em Braga no theatro de S. Geraldo. Desejámos-lhes que sejam alli bem acolhidos, como merecem.

Despediram-se d'aqui com o beneficio do actor-cantor da companhia Eduardo Pons. Esteve ainda bem concorrido, apesar do pouco interesse que

(a) Estava feita no dia 7 d'este mez, como se vê da sua data.

Coimbra ia mostrando ja nas ultimas récitas pelos *meninos*, cujos bailes tão continuados em D. Luiz ja se iam tornando monotonos e enfadonhos. A enchente quasi total d'esta noite acabou de demonstrar ao joven artista que Coimbra soube avaliar bem o seu merecimento, e sympathizou sempre com o sr. Pons, por ser um moço de talento e maneiras mui delicadas.

Natalini teve *bis* na sua despedida que fez em verso castelhano. A plateia despediu-se com saudade dos beijos d'aquelle anjo de innocencia e candura.

Tivemos no dia 3 o primeiro baile de mascararas em D. Luiz. Havia pouca animação. Pelos camarotes nada havia que despertasse interesse e animação; na sala da plateia reinava *genuina pepineira*.

Os mascararas eram muito poucos e, no geral, de pouco *gosto*.

Os vestidos eram trivialissimos: quasi todos usavam de *dominó* ou *gavão*.

Reinava em todos grande carestia de espirito, á excepção d'um de *dominó róxo* e mascara preta, que era realmente seringador, e por vezes tinha dictos tão picantes que chegavam a tocar a insolencia. Advertimol-o de que tenha mais cautella para os bailes seguintes, porque o *espirito de um mascarara* não estende a sua periphéria por tão longe que chegue até aos gracejos insolentes!! Com isto não julgue o sr. mascarara que o seu *espirito* nos incommodou. Pelo contrario nos admirou e maravilhou muitissimo. Folgámos — porque não somos invejosos — de ver nos outros aquillo com que a natureza se não dignou brindar-nos. Damos-lhe, pois, os parabens, porque nunca suppozemos que debaixo d'aquelle *chapeu d'abas incommensuraveis*, e d'aquelle frack *chronico*, se escondesse um homem tão *espirituosamente chistoso*. Foi por isso que o não *matámos* logo.

Esperámos e desejámos que os seguintes bailes se apresentem com mais vida, para o que é indispensavel que as amaveis leitoras não fiquem em casa como d'esta vez. Pois nem *gratis!!*

Forte falta de *gosto!*

E la vem a *cabra* dizer que as férias acabaram, e que acabe aqui tambem a chronica para me agarrar ao *Digesto!*

Que falta de *gosto* que tem a *cabra* tambem! Façamos então o que ella manda, e Boas noites.

Coimbra, 7 de janeiro de 1864.

O *chronista*.

EXPEDIENTE

A redacção d'este jornal espera dos srs. assignantes das provincias que mandem satisfazer o importe das suas assignaturas por seis mezes (840 réis) o mais breve e pelo meio mais comodo que lhes seja possivel.

Julga-os a todos mui cavalheiros, para esperar que lhes seja repetido um similhante pedido, devendo ter em consideração que a publicação d'este jornal tem em vista um fim essencialmente nobre, qual é o auxiliar um academico; fim que por certo a redacção não alcançará, e antes se comprometterá, se os seus assignantes não satisfizerem prompta e cavalheirosamente o importe de suas assignaturas.

Esperámos que nos não façam repetir um pedido que, com quanto seja tão justo, por certo nos não fica bem, nem aos srs. assignantes, e muito principalmente, se nos virmos na dura necessidade de publicar seus nomes.

Cumpre-nos tambem por esta vez e a este respeito advertir, que o importe deve ser remetido, com *toda a cautella*, e *exclusivamente* á redacção d'este jornal, ao administrador responsavel Duarte de Vasconcellos; ou entregue a quem so entregar um recibo *impresso*, com o nome do mesmo administrador tambem *impresso*.

Obriga-nos a usar d'esta advertencia *um tal cavalheiro d'industria*, que a titulo de *secretario* d'este jornal tem ja *chupado* alguns vintens.

Recommendámos, pois, aos nossos assignantes cautella com elle, para não perderem o importe da sua assignatura.

Novamente advertimos tambem que a redacção d'este jornal tem o seu escriptorio na Rua dos Estudos n.º 22, e não na Rua da Trindade n.º 3.

Pedimos desculpa a todos por não ter sahido o jornal durante estes quinze dias de férias. Obrámos assim, attendendo a que, sendo academicos de Coimbra e Porto a maior parte dos nossos assignantes, podia haver muitos extravios e transornos no serviço do jornal.

Em troca d'isso haverá um mez em que em vez de quatro receberão cinco numeros.

Aquelles srs. que ainda não têm o 1.º e 3.º n.ºs pedimos desculpa, e participámos que ainda este mez receberão pelo menos o 1.º

Coimbra — escriptorio da redacção da *Chrysalida*, Rua dos Estudos n.º 22 — 4 de janeiro de 1864.

A redacção.



O SECULO DEZENOVE

(Continuado de pag. 51)

Temos fallado sôbre o desinvolvimento social do homem; passemos hoje a consideral-o individualmente. O progresso individual do homem consiste no desinvolvimento da sua natureza moral; este desinvolvimento não pôde ser outro, senão a perfeição relativa das faculdades — *liberdade, razão e sensibilidade*. A perfeição d'estas faculdades pôde, com razão, julgar-se comprehendida no desinvolvimento progressivo da *liberdade*. Demonstrado, pois, o progresso da liberdade, está demonstrado o progresso do homem moral.

Considerâmos portanto esta questão do progresso individual pelo lado da liberdade humana. Progredir é caminhar, e não se caminha sem se ser livre. O primeiro symptoma de progresso em qualquer povo manifesta-se na mais plena liberdade de pensar, que comprehende a liberdade de consciencia, de cultos, etc.

A apparição de Christo sôbre a face da terra, as reformas de Lutero e Calvino, e a revolução franceza de 1789, são os tres pontos capitaes que havemos de tocar, para demonstrarmos a regeneração progressiva do homem moral.

Vivia o homem desde o peccado original mergulhado no pelago da devassidão, e involvido nas trevas da mais escura barbaria; era o escravo da materia e das proprias paixões; a força bruta era a unica que imperava, o homem era um automato, um miseravel. Os primeiros sabios e pensadores d'aquellas epochas de envilecimento eram tambem os primeiros escravos: não podia haver um Virgilio, um Horacio sem um Mecunes.

Mas eis que apparece no mundo o prometido Messias; este homem, certamente divino, passa os primeiros tempos da sua vida na mais

escura humildade. Depois do sexto lustro da sua sancta vida manifesta-se aos homens; prega e vae prégar as mais sublimes e sanctas doutrinas; sanciona no seu evangelho a egualdade entre os homens, e liberta-os das leis necessarias da materia. O homem é restituído á sua antiga dignidade; os principios da doçura e humildade substituem a força bruta e o orgulho.

Christo, prégando as suas sábias e sanctas doutrinas, deixa a todos a faculdade livre de as abraçar, ou de as repellir: a força é completamente banida do seu systema. Evangelisa os povos; diz-lhes a verdade, mas não os obriga a acreditar-o. O homem é portanto julgado um ser livre pelo proprio filho de Deus...

Todavia torrentes de povo seguem-o irresistivelmente; fascinados com as verdades que elle eloquentemente prégava com a força da convicção, querem eleva-lo em triumpho, que elle rejeita.

A todos maravilha tanto prodigio! Os potentados da terra recuam horrorisados em presença de uma tal transformação social; temem que os povos esclarecidos pela palavra do Divino Mestre digam: — acabou o vosso reinado de tyrannos; somos todos eguaes; so Deus é nosso superior. Jesus Christo foi sem dúvida o primeiro democrata, porque foi o primeiro progressista. (Continúa).

Coimbra, 16 de janeiro de 1864.

A. Eduardo de Moura.

VERSOS AO ACASO

Eu quizera ter cantos, quizera,
Mas meus cantos so lagrimas são!
Morre a flor da gentil primavera,
E com ella os perfumes la vão!

E quizera ter crença sincera!
Vão desejo! se a fe ja morreu:
Por gozal-a outra vez quanto dera,
Quem á força de dor a perdeu?!

E quizera inda esp'rar; se eu podéra!...
Mas esp'rança, não mais volverás.
Como nasce nas campas a hera
Tambem lucto minh' alma teras.

E quizera ter prantos; quizera:
Quantas vezes chorar nos faz bem?
Quantas vezes allivio trouxera
Esse pranto que aos olhos nos vem...?!

Mas nem prantos eu tenho, nem crenças,
 Nem um raio d'esp'rança ou d'amor:
 Tenho penas e máguas immensas
 Sob um riso que gela de dor!

Porto, 6 de novembro de 1863

Henriqueta Elisa.

PHILOSOPHIA?

INTRODUÇÃO

(Continuado do n.º 3)

Disse; e disse bem, supposto mesmo não tenha dito cousa nova e inaudita. Sua ou alheia, d'elle ou d'outros, como é também nossa pela adopção, a ideia tem calado fundo no coração de muitos pensadores. E todos elles, excluindo com a unidade a pluralidade de deuses, que é cousa desusada ja hoje n'um seculo de luzes, têm exprimido, mais ou menos fielmente, as aspirações da humanidade para o infinito, como ideal da perfeição; e, revelando assim as tendencias naturaes, buscam na unidade do eu a unidade do pensamento, na do pensamento a do sentimento, em ambas a da vontade, em todas a da acção; e na uniformidade da acção a harmonia, que é a synthese de todos esses postulados d'ordem, que se disputam o campo entre a these e a antithese por meio da hypothese, que alli não pôde ter senão uma existencia transitória e passageira: porque a philosophia, que tiver por principio o absoluto, por meio a boa ordem das relações entre todos os seres congeneres, e por fim a approximação d'estes em suas diversas gradações para a unidade, não temporisa, nem pôde condescender com as temporisações, senão em quanto instada pelas necessidades da situação, — a que é ainda uma temporisação relativa, por último uma relação, e consequentemente um simples meio, para melhor se demandar a posse do fim que se propõe e pretende lograr, á custa de esforços constantes.

So assim se pode conceber a ideia d'harmonia; e a harmonia é, ou deve ser, o principio regulador do universo, e cousequentemente o fim a que devem tender e dirigir-se todos os entes, qualquer que seja a sua condição e natureza.

Mas, para que esta ideia sympathica se converta de realidade subjectiva, i. é, para que a concepção se realice practicamente, e a idea se traduza em facto, o facto ideal em facto material, de modo que o bem so ideal se torne tam-

bem um effeito sensível, o bem realisado na práctica, e a palavra *harmonia* fique assim exprimindo verdadeiras relações entre todos os seres, vindo então a significar, proxivamente, o primeiro e o último termo, — o principio e o fim de todos elles; — é mister, ninguem o duvida, que todos, nós os racionaes (se me daes o favor de entrar no número), estejamos convencidos, e convencidos d'uma vez para sempre, de que a condição da humanidade, pelo seu fim mais nobre, resume as condições e o fim de todos os outros seres, que são por natureza inferiores ao homem, rei — coroa e synthese da criação; assim como Deus, Rei dos reis (a), coroa e synthese do universo, resume o fim de todas as creaturas, porque é a expressão unica, como principio supremo, de tudo quanto existe.

Tal é a *omneidade* de Deus, resumindo, sem nunca ser, a totalidade dos seres; porque á philosophia não basta *Deus finito*, uma simples somma de quantidades, e so lhe satisfaz um Deus absoluto, que, como tal, seja independente de todo o outro ser que não seja elle, e que, por consequencia, tenha, ainda de si e por si, o attributo d'*aseidade*: o que exclue radicalmente a ideia de um «todo... deus» — *pantheos* —, como *constituto* d'elementos repugnantes ou quantidades, e, o que é mais, de quantidades heterogeneas!...

Assim, como alguns têm pretendido, Deus não é, nem pode ser, Deus; affirmal-o é negal-o, demonstrar a sua existencia seria demonstrar o absurdo; seria, em fim, tomar a Deus para assumpto da apothose é impiedade! — Não assim, quando, como ja fizemos sentir, Deus, a causa das causas todas, a faculdade insolita do universo, for considerado de modo que possa assumir o *titulo* de — *ser tudo*, como realidade suprema.

Este *pantheismo* admitte-se; aquell'outro, o de *Spinosa*, não.

Uma vez convencido d'estes principios, o homem, unico ser que dizemos livre, depois do Ser unico verdadeiramente livre, tem que sujeitar todos os seus actos, sem excepção de nenhum, á voz imperiosa da consciencia, aos dictames do eu, que interiormente lhe falla e constantemente brada, que, se bem reflexionar, *ceu* e *inferno* (eternidade de premio e pena) não são uma van chiméra, não são termos vagos, a que nada corresponda, e so inventados para armar á credulidade dos homens, mas sim termos substanciosos, que alguma cousa exprimem e significam de realidade, embora pintem ésta, — pouco importa, — de diversos modos; por-

(a) Psalm. XLVI, 8, — XCIV, 3 e 4; etc.

que não é, nunca foi, a variedade de feições, segundo a variedade dos artistas que em diversos tempos traçam ou desenhão o mesmo quadro, prova sufficiente e cabal da não-existencia d'uma cousa ou entidade qualquer. A ideia está na mente de todos; e não dizer como a cousa é, não é dizer que ella não existe, não é negal-a; pelo contrario, mui longe d'isso, é proval-a, é attestar a sua existencia, posto que indirectamente, no facto da crença universal.

(Continuar-se-á).

G. P.

SACERDOS RIDENS

Parodia ao — *Sacerdos Lacrymans* — de Simões Dias

A Anselmo d'Andrade

Derelicto suo lare,
prope rosas, quae altare
pulchrae ornant,
per laetitiam, quam sentiebat,
gratos risus remittebat
ad Altissimum!

Qualis flos, qui ad auroram
laetus ridet juxta horam
diei primam
penetrans caeruleum velum,
vidit angelos et coelum
multum fulgens!...

Rogat coelum gloriam tantam,
laudat Jesus matrem sanctam
hominumque!
et oblitus tristem mundum,
oc'los volvit ad jucundum
altum coelum.

Dulce ridens ad Eternum,
laetus horridum infernum
triumphavit...

Paulò post, immensam gloriam,
fugiens vitam illusoriam,
ridens tenuit.

Seminario de Vizeu, dezembro de 1863.

A. Candido Pereira de Figueiredo.

INDUSTRIAS

Desde o meado do seculo passado que uma força vigorosa começou a animar a classe artistica, e a dar-lhe vigor para emprehender gran-

des obras, que podessem competir com a magestade da natureza. A inquisição, com o seu vulto negro, levantava-se no occidente, desenrolando o seu veu de torpezas, e prohibindo a emancipação do homem. A liberdade era um insulto; a religião um simulacro de vicios; a moralidade um dogma falso; a virtude um emblema de horror. Tremia o artista ao dar desinvolvimento ás concepções do seu genio, e deixava no limbo grandes e maravilhosas obras d'arte, porque a incuria dos usurpadores não lhe dava apoio, antes lhe frustrava todos os meios de adiantamento.

Em 1820, um novo sol raiou no occidente: o grito de liberdade repercutiu-se d'um polo ao outro, e o artista deu impulso ás suas obras, e o progresso abriu fileiras na civilização, ainda em embryão.

Appareceram as grandes exposições, e la sobressahiu Portugal como uma das nações adiantadas.

Festejou-se a pequena terra da oceania, e deu-se um premio aos artistas. Mas era necessario dar-lhes mais apoio. Era necessario animar-os na carreira brilhante da arte, e por isso appareceu no seu gremio um rei-artista dando-lhes vigor, animando-os, e pagando do seu bolso todos os meios de prosperidade para as bellas-artes.

Chegámos á epocha que em cinco seculos se ambicionou, e ahi temos a classe artistica bem-dizendo da civilização e do progresso, que a animou nos seus mais arrojados pensamentos.

E não havemos de levantar um brado em prol d'esses homens, que tanto têm contribuido para a causa do progresso? Era uma vergonha se da imprensa periodica do paiz não sahisses os applausos para os grandes artistas!

Temos ja novos melhoramentos; vemõs ja as industrias progredindo; possuímos artistas de incontestavel merito; falta-nos so a maneira de contribuir para o sustento do artista, cuja obra não lhe dá meios de subsistencia, visto que em Portugal não se premeia o merito nacional. O verdadeiro patriotismo, se o ha, é em politica, e não para com os nossos artistas conterraneos.

Portugal tem em si grande número de melhoramentos devidos ao incansavel zêlo dos artistas. O nosso querido e sempre chorado rei o Senhor D. Pedro V quiz dar impulso á sua grande obra — o apoio á industria, e, se a morte o não arrebatasse tão cedo, teriamos d'aqui a pouco tempo alguns artistas favorecidos pelo seu trabalho.

Foi elle que plantou a exposição industria

na cidade invicta, onde se viu o que ja podia a nossa industria.

Temos ahi um rei-artista que tambem contribue para a prosperidade das bellas artes; mas a sua vontade não pôde attingir aos fins que a industria demanda, porque elle pôde premial-os, mas nunca poderá fazer com que em todo o reino se dê o verdadeiro merecimento ás grandes obras, pois vemos ahi a preferencia que se dá ao que vem das nossas vizinhas.

Estamos certos de que o govérno ha de propor os meios de tornar mais feliz a sorte do artista e do operario.

Continuaremos no assumpto.

Annibal Augusto Pereira.

DUAS POMBAS

A PEDIDO DO MEU AMIGO

Jose Joaquim de Moura Correia

Que lindo vae no ceu com voo egual
brincando descuidoso
de pombas um casal!

Que lindo! como em extasis de gôso
se beijam 'num suspiro
d'amor delicioso!

As vezes quando em sonhos eu deliro
na tepida bafagem
d'um ar, que então respiro,

parece estar-lhes vendo a linda imagem
mirando-se nas côres
da candida plumagem...

E quem ao ver do affago taes primores
não fôra alli matar
a séde dos amores?

Fui eu, pombas do ceu, que ao despertar
do sonho, em que eu andava
matei, quem me matava,
em vossos lindos seios de invejar!...

Fui eu, que namorado de vos ver
diante de meus olhos
me fui calcando abrolhos
aos vossos pes morrer!

Fui eu, que 'num excesso de demencia,
quando os olhos erguieis para os ceus
do vosso excelso throno de innocencia
vos tombei 'num inferno, anjos de Deus!

Não podestes erguer-vos! Eu tambem
matando — aos vossos pes morto cahi!...
Agora porque espero, se ninguem
me pôde dar a vida, que perdi?!...

Bemfeita — Natal de 1863

J. Simões Dias.

CONTOS DA THIA CECILIA

S. Sebastião

II

O milagre se espalhou nas aldeias circumvizinhas, e á noite a aldeia de... se tornára pelo número de pessoas uma grande villa! Nas casas dos principaes havia esplendido bailarico: os trovadores da terra improvisavam cantigas ao sancto: e a sr.^a Thereza era a rainha da festa!

Ninguem ousava olhal-a de perfil: nem que de seus olhos partisse uma aureola de luz! As raparigas comparavam-na a Nossa Senhora do Rosario, pois ella nunca deixava em casa as suas contas que, salvo o êrro, tinham ja pertencido a um frade da companhia dos Antoninos!

Ai! essas contas era um romance que as aldeias ignoravam... e eu... eu vou continuar o conto.

E depois essa noite era bella noite de Paschoa: no regaço da sr.^a Thereza choviam folares, fios de pinhões, maçans com figos estrelados e mil presentinhos que ella aceitava sorrindo e agradecendo!

Feliz velha! mais feliz do que a rainha que sustenta o sceptro do consorte com o sangue dos braços e dos innocentes martyres! mais ditosa do que essas mulheres que se assentam no throno do seu imperio, para presenciar a tyrania e o despotismo do soberano seu consorte!

Soberano?!... Quem impera é o corã — não a cabeça de maus pensamentos: impera a virtude não o sangue: campeia a religião na pessoa da sr.^a Thereza, não a tyrania na corôa d'uma imperante! Campeia, porque a vida é a verdade com dois polos: o polo mais elevado é o empyreo!...

Mas o bom povo aldeão, depois de muito folgar, adormecêra recolhendo-se a seus tugurios levado por um extasi de ventura e devoção.

Que noite tão bella! Que sonhos tão embriagantes!

Como as horas eram beneficas!... Como ellas decorreram celeras!...

Raiou a madrugada, e com ella sumiu-se o lethargo do leito... Na aldeia acorda-se com os gorgeios da philomela na arvore ou silveira proxima: a existencia dos aldeões é vivificada pela brisa matinal que lhes refresca as fronteas, pelos nascentes raios do sol que se coa por entre as frondes das arvores fructiferas, pela atmospheria san e salubre que cria e sazona os fructos dos vegetaes; que fórma a bella vicejação dos milheiros, a verdura do pampano nas encostas, e todo esse fructificar são da aldean natureza!...

E então, pois, começa o movimento todo sancto do trabalho. Primeiro gorgeiam as aves: ao hymno d'essas creaturinhas respondem as bellas cantilenas das raparigas que vão á fonte; depois o cantar rouco e viril do trabalhador, que, com o alvião ás costas, se dirige para a horta: ao mesmo tempo o chiar dos carros do lavrador que vae para a lavoura: a tecedeira assentou-se ao banco do tear: o sino da igreja mais proxima tange as Ave-Marias matinaes: reza-se, e definitivamente se começa a trabalhar!

Ah! mas no dia seguinte ao do apparecimento do sancto, tudo mudou de face. A creada, a ceifeira, o trabalhador, o agricola, tudo voou a um tempo para o templosinho, e ajoelhados todos ante a frente cantavam a ladainha!

Nessa harmonia sobresahiam as vozes finas e agudas das donzellas, como que para chegarem primeiro ao ceu, por serem as mais innocentes!

Entretanto a sr.^a Thereza acordada ao ruido religioso, se levanta e se dirige para o templosinho. As religiosas todas se levantam.

A boa velha, radiante de júbilo, dá a mão a beijar a todos, e vae abrir a portasinha da pequena capella atravessando por entre alas do povoleu. Thereza, abrindo-a, mostra ao povo, que a rodeiava, uma catadura mais original do que a da rainha que diz ao seu senado — perdeu-se a batalha — e logo exclama constricta:

— O sancto não está ca!...

Todas as bôccas se abriram a um mesmo choque, os labios inertes se mecheram a um mesmo tempo, e todos meio attonitos, meio alienados regougaram a um echo de espanto:

— O sancto não está ca!?!

As pobres creaturas olham para a sr.^a Thereza como para ouvir, mas a velha repetiu o que tinha dicto.

Todos conjecturam. Um affirma que o sancto fugira, porque algum da aldeia fizera de noite alguma ma acção; outros observam que o capitão-mor da terra é um ladrão, e que o

sancto não quer viver com ladrões; uma velha chora e diz com os punhos fechados «fôra o capitão-mor!» Todos berram: tudo é confusão, quando de repente tudo tambem se calou a um unico aceno do braço da sr.^a Thereza. A velha olha para a assembleia silenciosa; respira e clama:

— Milagre! segundo milagre!!

Como podia o sancto sahir se eu tinha a chave em casa?!

— Mas para onde iria o sancto?!

A afflicção era extrema naquella boa gente! gritava conjecturando ainda, quando sem o esperarem, lhe sahem d'um canto da aldeia dois frades que marchavam com passo lento e sizudos.

O povo rue para onde os frades apparecem a contar-lhes o caso: e pasma, quando, depois de um delongado sermão, ouviu de um d'elles:

— Sim milagre meus irmãos! Nós agora o vimos, o bom sancto, acolá em cima naquella collina... num altar de ervas sanctas... E o sancto nos disse: ide dizer ao povo que eu quero que me construam aqui o templo... foi aqui onde me encontrou a quasi sancta Thereza: d'aqui vigiarei melhor d'este alto os bons filhos d'esta aldeia!»

O sancto aqui nos mandou e nós viemos!

Christãos! mil indulgencias ganharão as almas dos que concorrerem para a formação do templo ao advogado, d'ora ávante, d'esta terra, ao patrono dos doentes e dos desgraçados, ao martyr de Narbona que morreu atravessado de settas para gloria do Filho de Deus vivo!

Ajoelhae irmãos e orae!!

A este falar, o povo ajoelhou e depois quasi em correria seguiu aos brados para a collina, e em júbilo delirante exclamava:

— Milagre!

Pois viam o seu sancto tão festejado.

Uma semana não se cuidou da lavoura: todos trabalharam em construir o templo onde ainda hoje se venera S. Sebastião no dia 20 de janeiro.

Ora eu disse no serão á thia Cecilia, que dobava na sua dobadura depois d'ouvir o conto:

— Medite bem, minha boa velha! Olhe que os frades foram feitos com a beata para engrolar o povo... aproveitaram-se de sua innocencia para fazerem construir mais um templo!

— Ih! Jesus — Por S. Sebastião! não ha sancto mais milagroso! Eu o diga... Estava eu de cama, levada da breca, com maleitas, e vae eu apeguei-me com S. Sebastião, e o sancto me valeu... O que não fizeram remedios de botica, fel-o o milagroso sancto. Se hoje vivo, de-

vo, o a elle: bemdicto seja Deus e os sanctos da côrte do ceu!

— Amen! Lhe disse eu com ar d'incredula.

Heresta do Vaticinio.

Homenagem

(Posta em labios de creancinha)

Se acaso em peito de joven
pôde haver coração grande,
que a dor dos outros abrande,
quando as lagrimas lhe chovem,

e nos meus labios agora
se pôde haver um sorriso,
que retrate o paraizo
diante de vós, senhora,

pois que eu muito chorava
por vos ver penar no leito,
como sentindo no peito
a dor, que vos magoava,

possa tambem 'neste dia
de regosijo e folgar
a minha voz ajunctar
ao pe da vossa alegria.

Coimbra, 25 de dezembro de 1863.

J. Simões Dias.

AHI VAE! (a)

AO MEU CARISSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

(Continuado de pag. 61)

II

Lançadas assim as ideias rudimentares da patria, e talhados ja os lineamentos da sociedade, a actividade humana recresce; e, á medida que aquella se vae engrandecendo com o augmento progressivo da população, assim de dia a dia o trabalho é mais desinvolvido e consagrado sempre como o unico balsamo mais efficaz e precioso para calmar, como se disse, essas dores soffridas 'neste destêrro da vida.

Mas o engrupamento de familias exigia, por

(a) Parece enigmatico similhante titulo!... E parece —sou comvosco. Mas — *quod scripsi, scripsi* — é o que me resta repetir-vos até final. Volvei sempre por isso a attenção sôbre a nota (a) do n.º 7, que la está e la achareis, talvez por último, a chave do enigma.

bem e necessidade da ordem, um centro, que, garantindo a maior estabilidade, tornasse solidarios os interesses de todos com os interesses de cada um; e, assumindo as funcções de auctoridade, unificasse muitos elementos ainda dispersos, arvorando entre elles, como divisa do principio unitario em acção, o estandarte da ordem, que é presagio certo de mais felizes tempos.

É, na verdade, á sombra d'esta, dictado e modelado por ella, devia crear-se outro systema de governação, ensaiar-se novo regimen, cujos preceitos, encarnados no espirito de todos pela bem querença geral, fizessem não so representar á communitade um papel mais digno das primicias do desinvolvimento intellectual; mas que, vogando alem d'isso ainda como leis (cuja execução plena acharia garantia segura e valiosa na communhão de interesses reciprocos, a que todos deviam dar-se com desvelado empenho), abrigassem tambem sob sua protecção e salvaguarda os direitos primevos do homem: porque era pelo exercicio livre d'estes, e livre cumprimento de deveres analogos, que haviam ir-se estendendo e alargando em todo o sentido as relações sociaes, de cuja manutenção dependia essencialmente o respeito á propriedade, que é o germen dos estímulos de a servir e beneficiar.

Este regramento sempre extensivo e ostensivo na multiplicidade de similhantes relações, resume a vida activa d'um povo, a qual, sendo uma como ideia preliminar do seu progresso, é tambem o elemento primordial da sua prosperidade e riqueza.

E tal é o movimento intellectual, exercendo-se na exploração da natureza, e a reacção d'esta, em suas contrariedades, grangeando sempre para aquelle novos impulsos e novas direcções!...

A este tempo a sciencia e as artes, se bem que restrictas ainda em suas áreas, ja tinham archivado alguma somma de principios e regras; mas o *tradicionalismo* que se encarrégara de esgotar esse cofre, para espalhar aquelles e aquellas, a fim de assegurar-lhes a perpetuidade, mal sabia ainda que o thesouro, que custára ao homem tantos e tão penosos sacrificios, se iria engrossando cada vez mais com a propagação de tão importantes conhecimentos.

A experiencia porém, que é a pedra de toque para tudo, pôde insinuar no ánimo das gentes e mais tarde confirmou em suas demonstrações irrecusaveis, que o appello da theoria para a práctica, e reciprocamente da práctica para a theoria, era sem dúvida o melhor e mais seguro meio de alargar a esphera dos conhecimentos humanos.

Assim se conseguiu que as gerações, alternativamente revezadas em suas metamorpheses successivas, fossem aprendendo umas das outras, e fôsem aprendendo a verificar tambem; as noções geraes, que em tempos mais maduros deviam de constituir definitivamente as bases de um systema de organização social, mais ou menos perfeito, segundo fôsem mais ou menos perfeitos, egualmente os meios e recursos alcançados e havidos pelo trabalho do homem.

Nem podia deixar de ser assim.

O labutar continuo do homem, sempre mais ou menos audacioso em seus commettimentos, devia de instaurar assim, pouco e pouco, a ideia do progresso, que, materializando-se nos factos, quer do mundo moral quer do mundo physico, para logo deveu tambem trazer, a prol da vida activa e energica da sociedade, o melhor e mais valioso penhor das lides affanosas d'aquelles de seus membros, que mais se afadigavam em melhorar por seus constantes esforços a situação de todos em geral, e a de cada um em particular!

E, assegurando d'est'arte um porvir mais ditoso, por menos semeado de soffrimentos, ou antes por mais fecundo em recursos para os debellar, gerações innumeradas, que successivamente se foram sumindo no po roçado pela lima dos tempos, legaram haveres preciosos á sua posteridade, que abraçava com mãos avidas tão feliz e donosa herança.

(Continúa).

G. Pereira.

Publicámos em seguida uma poesia do Ill.^{mo} Sr. Antonio Joaquim Ribeiro de Campos, offerecida ao Ex.^{mo} Sr. conselheiro e commendador Antonino de Sarzedo, por occasião de alcançar do govêrno licença para se construir sobre o Alva uma ponte reclamada pelas necessidades dos povos d'aquella localidade.

Alem do merecimento litterario — novidade de estylo, verdadeiramente homerico, o espirito summamente grato e alheio da lisonja, — que presidiu á confecção d'aquelles versos do sr. Campos, tornam recommendaveis aquellas demonstrações de verdadeira amizade que o sr. Campos consagra ao homem, que pelos seus serviços ao concelho d'Arganil, merece o primeiro logar nas attenções e respeito.

Em breve publicaremos aqui um hymno que o mesmo sr. Campos compoz ao lançar-se a primeira pedra nos alicerces da lindissima ponte do Sarzedo, hymno, que mãos malignas alteraram no *Viriato* para lhe diminuir o merecimento, assim como obscurecer a gloria, que ao dis-

tincto professor de latinidade tem grangeado os seus apreciados escriptos publicados e alguns ineditos, que por *teima* conserva na gaveta.

AO EX.^{mo} SR.

A. R. DE G. A. P. A. PACHECO

Por occasião d'alcançar a construcção da ponte do Sarzedo sobre o Alva em 1858

Era o bemquisto Pedro quem sentado na imminencia do solio lusitano por sobre o povo amado repartia da doce liberdade os doces mimos. Eram Sa da Bandeira e Carlos Bento, um Avila e Loulé, — varão preclaro, — os ministros fieis, em cujo zêlo dos negocios o péso descansava. Quando no filho seu, que perto mora, o genio tutelar do velho Alva insufla ideia audaz — subida empreza que deve na memoria ser eterna! Eis o inclito varão, que presuroso a inspirações taes obedecendo, promove, sollicita, e não descansa até que sobre o Alva a ponte se ergue. Salve! pois, Antonino, que venceste da miserrima inveja adrede guerra!... Na virtude prosegue, — novo Pio, — que ao depois a distante posteridade, gosando esse padrão de tua gloria ao lembrar o teu nome com saudade eterna ha de fazer tua memoria.

A. J. Ribeiro de Campos.

CHRONICA

Coimbra, 21 de janeiro de 1864

Carissimos leitores:

Que vos direi eu hoje do fundo d'esta prisão (do leito) para onde me arrojou sem piedade a mão de Deus?

— Note-se que me não refiro ao drama do nosso Simões Dias, que debaixo d'este titulo breve sahirá a lume. —

Involto nestes lençoes, que me estão parecendo a mortalha e recordando os destinos d'alem da campa, como poderei fallar-vos do mundo brincalhão, que por ahi tripudeia solto e desvairado anticipando o carnaval?

Ai! meus amigos, folgae, folgae, em quanto mão de ferro vos não arrasta para estes sepul-

chros de vivos, aonde me contorso com saudades vossas. Vós não me acreditaes; porque eu bem sei que não daes credito ás palavras de chronistas, mas, se por um momento podesseis conceber a intensidade do amor, que vos consagro, e medir nos thermometros da vossa alma a quentura das lagrimas que me estão cahindo sôbre o papel, estou bem certo que irieis atulhar os templos e pedir ao Senhor dos Afflictos o meu rapido restabelecimento.

Deixae, que o doente allieve os seus pesares com tão doces meditações, e que, resando as minhas contas, esteja pedindo por vós, e principalmente por mim, ao Deus, que me trouxe até aqui, e que perto vejo estender-me o braço para juncto d'elle!... Estas reticencias querem dizer, que a chorar vos estou fallando!... Nem 'nisto acreditaes? Pois bem: desenganar-vos-eis, quando, em vez de chronica, lerdos 'neste jornal o meu bem elaborado necrologio, que vou fazer para evitar algum esquecimento da parte dos meus herdeiros. Mas, quando penso 'nisto... Senhor! (Deus me perdoe) parece que a vida me agrada mais do que nunca, parece que vejo em volta de mim as luzes amarellentas dos brandões, o psalmear atterrador dos padres, e o plangente dobrar dos sinos, regôugando como horda de demonios, e mais que tudo uma chusma de amigos espremendo as lagrimas em volta do meu leito, como para significar a sua dor ao pobre que lhe deixa em penhor da sua amizade apenas o echo do suspiro derradeiro, que por certo Deus receberá no número das minhas boas acções. Mas eu não desejava morrer sem ver o Hermann, por quem tenho suspirado tanto!

Hermann!.. a ésta palavra resuscito. A vida que eu estava contemplando, ja esvoaçando por fugir para o Emypyreo, essa vida, que debil fio prendia ao corpo, que breve ia a deixar, sinto-a refluir ao coração e mais e mais arreigar-se nas carnes! Hermann! palavra magica que um dia souu aos meus ouvidos, e que de la nunca mais sahiu. Quiz ver-te, quando, pela primeira vez, Coimbra admirou em ti um genio surpreendente, não sei que sorte ma me havia então clausurado entre quatro paredes, que não pude associar-me então ao brado unanime que as turbas rugiam em volta de ti. So a fama, que a mim chegava, me ensinou o teu nome, hoje queria ver-te e admirar-te... queria, porque em fim tu fazes milagres, e podias prolongar-me a vida com alguns feitiços.

Antes porém de morrer, permite que eu te saude do leito do moribundo; e vós, meus leitores, permitti que eu envie dois abraços, que embora sejam de um moribundo levam muita

amizade e muita sympathia. Toda a força que me resta vae 'nelles.

É um para o meu íntimo amigo Cazimiro Antonio Pessoa, que no dia 6 de janeiro de 1864 celebrou na igreja do Collegio Novo a sua primeira missa, desejando que no cuidado das almas seja o levita exemplar; como até aqui o tem sido em todos os actos da sua vida, o que é de esperar do seu elevado talento e virtudes.

O outro é para o sr. Francisco Antonio Barata, em prova do quanto gostámos do seu drama — *O moedeiro falso*, que ultimamente subiu á scena no Theatro da Graça, e em que desempenhou o protagonista.

Mostrou o sr. Barata mais o seu merito, terminando o espectáculo com a seguinte poesia:

Tomba na encosta o solitario arbusto,
Se o norte frio lhe vareja a coma;
'Stala, vacilla e cae o cedro adusto,
Se um raio dos ceus o força e doma.

Mas, se o fragil arbusto á sombra posto
D'outros arbustos, se avigora e medra,
Dá sombra, dá frescura ao sol d'agosto,
Cresce formoso, não carece redra.

Taes somos nós: devemos, pois — unidos —
Á conquista correr da illustração;
Com mútuo abrigo, dita mil teremos,
Nome, respeito: — d'outra sorte — não!

Portanto, meus amigos, como um laço
Que sempre mais e mais nos deve unir,
Transmitto a todos vós com este abraço
O voto ardente de um melhor porvir.

Fallando d'esta récita, não podémos deixar no esquecimento os nossos parabens aos noveis actores, com especialidade aos srs. Emygdio, Perdigão, e D. Emilia, que não so se houve muito bem no seu papel de Antonia, mas ainda no de *Bertha de Castigo*. Foi chamado ao palco o sr. Gonçalves, pintor, pelo seu primoroso trabalho no panno de bôca.

Quizera podér fallar-vos bastante, mas temo que éstas impertinencias de doente vos desagradem, porisso vos não tomô por mais tempo estes preciosos momentos, que podeis ir passar á funcção do Hermann, que hoje quinta-feira deve ter logar no Theatro Academico.

Adeus, meus caros irmãos, resae-me por alma se Deus me levar de entre vós, pelo que vos fica obrigado o vosso amigo *Chronista*.



O SECULO DEZENOVE

(Continuado de pag. 67)

No entretanto essa Roma, a prostituta dos Cesares, que avassallára quasi todo o mundo até então conhecido, acabára por se escravisar a si mesma. Com o suicidio do virtuoso Catão cahira esse simulacro de liberdade, porque nós não cremos que haja um povo livre, dividido em duas castas radicalmente distinctas e oppositas, quaes eram a dos patricios e plebeus.

O apparecimento do Christo coincidira com o de Cesar. Ja viram o absolutismo e a democracia mais bem representados? Ambos grandes homens; ambos tidos na conta de deuses: um entre os pagãos — *divus Caesar*, outro entre os christãos.

O reinado de Cesar, que alguns consideram como apogeu da grandeza romana — *divisum imperium cum Jove Caesar habet*, — representava todavia uma situação facticia, e uma civilisação mentirosa.

Esse colosso gigante, ja corroido em sua base, podia sustentar-se, em quanto existisse o vigoroso braço, e o robusto talento de um Cesar; mas é condição da natureza o surgirem Cesares so de seculos a seculos.

Dizem que, depois que Deus tirára o mundo do *nada*, so têm apparecido tres — Alexandre Magno, Cesar e Napoleão I. Dada pois no senado, juncto ao busto de Pompeu, a horrorosa tragedia, a ruina era quasi inevitável; a morte de Cesar symbolisava a morte do imperio; o edificio devia acabar com o architecto.

Succediam-se os imperadores uns aos outros com incrível rapidez; a violencia os elevava ao throno, a violencia os derribava: o direito é sempre coherente consigo mesmo.

Para vergonha do genero humano, mostram-se ao mundo dois monstros com figura humana — Nero e Caligula. Um manda incendiar Roma, para se divertir; outro decreta as honras de consul a um cavallo!! E o senado, representante do *Populus Romanus*, aprova-as!!...

Vêde até onde pôde chegar a abjecção d'um

povo escravo; vêde quaes são os efeitos forçados da negação da liberdade!...

E ainda ha escriptores que, sophismando o progresso, digam que, assim como a civilisação romana cahiu, tambem ha de cahir a do seculo dezenove?... O argumento d'analogia é falso; Roma nunca foi civilisada; isso a que chamam civilisação era luxo, elemento de corrupção e quêda nas grandes sociedades.

Roma cahiu, nem podia sustentar-se; duas especies d'armas a lançaram por terra — as sábias e justas doutrinas do evangelho, prégadas por Christo, e as invasões dos barbaros do norte. Estes foram meramente instrumentos, foram o braço da Providencia.

Era necessario que o novo edificio se construísse sôbre as ruinas do velho; era necessario que as novas ideias soterrassem as velhas.

As conquistas que Roma tinha feito por meio das armas, e por consequencia da força bruta, devia o christianismo fazel-as por meio da palavra, prégando a verdade por todo o mundo, — *Sicut misit me Pater, ita ego mitto vos; euntes ergo docete omnes gentes*, etc. Com a quêda, portanto, do imperio romano, e com o triumpho do christianismo uma nova e radiante aurora despontava no horisonte do porvir.

(Continúa).

Coimbra, 24 de janeiro de 1864.

A. Eduardo de Moura.

SONETO

A ...

Treme, treme, mulher, vingar-me juro
Sôbre as aras do amor, que desprezaste:
'Neste peito, onde outr'ora amor achaste
Hoje tens maldições e odio duro.

De minha alma extremosa o sentir puro,
So a ti consagrado, aos pes calcaste!
Chorarás esse mal, que practicaste:
De te ver arrependida estou seguro.

Oh! então impassivel ao teu pranto
Ver-me-ás motejando de teu fado,
Nos teus ais de amargura achando encanto.

Tão barbaro — mas basta; arrebatado
Pela dor e pelo odio fui ha tanto
Que esqueci por ti mesmo estar vingado.

Assis.

IMPRESSÕES DA NOITE

Á MINHA AMIGA

Henriqueta Elisa

É-me importuno o teu brilho, ó bello astro da noite!... Essa luz incerta, tão mysteriosa e seductora, essa luz que inspira em tantas almas a suave melancholia d'uma saudade pungente e deleitosa, não me desperta um so dos sentimentos adormecidos em meu peito!...

Saudades não as tenho!... e de que as poderia eu ter, se o meu passado me foi tão indifferente, como é o presente, e como sera, talvez, o futuro?... Que me póde dizer o brando sussurrar das florestas, se me não desperta uma so lembrança, uma recordação risonha da aurora da minha vida?... Que diz o suspirar das fontes, se eu não comprehendo as suas melodias?...

É muda para mim a natureza, porque não encontro no meu peito um echo a responder aos seus hymnos de harmonia, porque não tem uma voz que me faça vibrar as fibras do coração, tão frouxas, como as cordas da quebrada lyra!...

É-me importuno o teu brilho, ó bella flor das campinas do céu, porque a tua luz duvidosa derrama nos prados a seducção e o encanto; porque emprestas á lympha os teus prateados brilhos, porque dás a todos os objectos mentirosas côres que se esvaem, apenas vaes reclinar a fronte de traz dos vizinhos montes!... E então desaparece todo o encanto; e a natureza, como que envergonhada de ter-se adornado com os falsos ouropeis de uma seducção ephemera, apparece mesquinha e desornada, qual a face do traidor depois de rasgada a mascara da hypocrisia!... O teu brilho é-me importuno, porque eu diviso 'nella da falsidade o emblema, que dá ao coração humano reflexos mentirosos, que se apagam, logo que o prisma do fingimento deixa de nol-o mostrar decorado assim de emprestados adornos!...

A magnetica influencia, que a tua luz feitiçeira derrama em dois corações felizes, não me seduz tambem; a mim alma alquebrada nos transe do soffrer, e a quem a descrença tem impresso o seu gelado sêllo!... Não me seduz a mim, porque não tenho um ente, que me pareça mais formoso na reflexão do teu argentino raio, e cujo olhar encantador como que deslumbre o brilho, que desprendes sôbre a terra!... O teu raio não me torna mais graciosa a existencia e as trevas que enluctam a minha alma

não se dissipam ao despontar de teu pallido clarão na immensa planície de saphyra!...

Para essas, que em horas de infindo gôso sentem palpitar um coração sob as impressões do amor nascente, e que comprimindo esse coração contra o seu peito, lhe sentem as pulsações violentas e anhelantes, casadas ao anhelado e á violencia de suas proprias pulsações: para essas, a quem o sentimento indefinido do amor, tem feito aspirar os perfumes d'uma inebriante ventura, é doce a tua luz; porque seductora sempre e mentirosa, mergulhando-lhe a existencia 'nesse lethargo de brandas illusões chamado felicidade, lhe embriaga ainda mais os sonhos da imaginação com as encantadas chimeras de um devaneio d'amor!...

Oh! como sera doce o viver então assim! Credo na affeição mútua, namorando a brisa das campinas, e o perfume dos prados, extasiando-se 'numa sensação deliciosa e indefinida, ao ouvir pronunciar palavras de suave enleio, e amando a tua pallidez, ó lua, que lhe emprestas o encanto de teu delicioso sentir!... Como então deve ser bella a saudade, que, em horas de melancholia vem na mente reproduzir celestes gosos d'uma passada ventura!...

Quanto esse — «delicioso pungir d'acerbo espinho» — deve então mergulhar 'num sentimento vago e indizível, que partilha ao mesmo tempo da seductora illusão que passou, e da cruel incerteza que tem de preceder o despertar gelado e frio nos braços da descrença! Como sera bella então a lua! Ella, que foi testemunha dos nossos fêrvidos transportes, ella, que parece haver sorrido á elevação extatica de nossas almas; ella tambem agora pensativa e menciencia, parece compartir a nossa saudade!... E o coração que sosinho vagava nos ermos de recordações saudosas, encontra 'nella uma companhia que presenciou os seus primeiros devaneios, 'nella, que illuminou as suas primeiras emoções, 'nella que escutou os solemnes juramentos que traduziam esse sentimento de impressão ardente que se nos fez sentir; o coração encontra 'nella uma companhia como nós a temos na sombra que ao seu clarão projectámos!...

Oh... vae, esconde os teus pallidos raios de traz da nuvem que se embala brandamente nas azas da viração, ó bello astro da noite! Não dês a tua luz mysteriosa e seductora senão aos que comprehendem, aos que sentem as magias do amor, d'esse amor puro e verdadeiro, archivado pelos anjos no céu, abençoado por Deus, e acceito á natureza e ao coração humano. Então sera doce o teu fulgor ó facho luminoso das

noites; os teus raios se reflectirão puros e sem mancha na face afogueada da mulher, que estreme á doce impressão d'esse affecto, e a fronte pallida do mancebo receberá tambem esse teu brilho, sem que o teu raio luminoso o venha importunar!...

Mas hoje é-me importuno o teu brilho; que não pôde achar reflexo nas trevas que me anuiviam o coração!...

Vae!... esconde á frente detraz da collina, e repousa alli esse somno de magia, que eu quero as trevas da noite para se casarem com a procella que me vae no fundo d'alma!...

E se no porvir tiver, acaso, uma dôce emoção de amor, talvez então busque o teu brilho que hoje, ó gentil alampada celeste, não pôde deixar de me ser importuno!...

Sinfães, 27 de setembro de 1863.

Thereza Izaura.

TRISTEZA E SOLIDÃO

Como é triste a natureza,
Trajando de lucto e dó
Por cada folha que a aspereza
Do inverno arroja ao pó:
O tronco semi-despido
Do carvalho, diz sentido:
«Inda ha pouco guarnecido
«Agora despido e so:

«Tiram-me as galas virentes
«Que a primavera me deu,
«Agora as folhas pendentes,
«Ao mais leve aceno meu.
«Cahem no chão dessecadas
«E são p'ra longe arrojadas
«Do norte pelas rajadas:
«Onde vão?... não o sei eu!

«Passam em ondas ligeiras
«Do vento no turbilhão:
«Atraz florestas inteiras,
«Ficam inertes no chão,
«Mas, quando a aurora apparece
«E entre nuvens fenece,
«Meu tronco nu estremece
«Ao seu pallido clarão!...»

Prados e montes sem vida,
Sem florescia ou verdor!
Longa mortalha estendida
De sinistra e triste cor:

Onde uma flor não vegeta
Nem um raio se projecta,
Onde o olhar do poeta,
Encontra so lucto e dor!!

Por toda a parte a tristeza
De (lamentada) viuvez,
Nos faz ver a natureza
Em sua horrivel mudez!
Assim passa a mocidade:
Mais tarde encontra a saudade,
Caminho da eternidade
O desalento talvez!...

Fugitivos como as flores
Que a primavera nos traz,
Da mocidade os ardores
São apanagio fallaz.
Cercada de doce esperanza
Abre os olhos a creança;
Mas a sorte pára e cansa
Se a voz de Deus diz — Assás!...—

Illusões, crenças sinceras,
Sonhos d'amor no porvir,
São mais algumas chimeras
Que o tempo vem destruir.
Hoje, ainda a mocidade,
A formosura, a vaidade,
Amanhan... a soledade,
A velhice... a morte... a vir.

Henriqueta Elisa.

CONTOS DA THIA CECILIA

Uma aventura

I

Gottas d'agua cahiam resvalando pelos feixes do colmo, que formava em apertada textura o tecto do atrio, sob o qual se aninhava jovial uma assembleia classica e bella em tradições, como é a do serão da aldeia.

E aqui ha a singeleza das conversas que recahem sôbre o modo como a *fidalg*a da terra se comporta á missa: sôbre a colossal fortuna dos morgados, sôbre a lavra aventureira dos ricassos, e sôbre outras cousas, que tocam de perto esses espiritos rudes em geral, mais aptos para admirar, do que para invejar.

Ahi pois não apparece o *jornal* com suas columnas de fundo, massudas com o noticiario

às vezes bem pago pelos especuladores, e com essas golpadas da chan escripta — as correspondencias, nas quaes se amostram, como em basar, todos os epithetos que Agostinho de Macedo sabia bem empregar, para atacar integras e inconcussas reputações particulares ou litterarias. A paixão dos partidos, a vaidade dos salões, a espada de Cesar, a inveja dos Mevios, o punhal dos Ravailacs, o livro de Renan, o motejo dos Desmoulins, não infeitavam como nuvens miasmaticas aquella atmospherá pobre em faustuosidades, onde exhalava perfumes a rosa da veiga, o funcho do cêrro, o loiro da silveira, a pinha da arvore; perfumes naturaes bem superiores ao da rosa artificial, que enfeita a dama nos bailes; bem mais nutrientes do que os ramalhetes de flores, que as bellas conservam na atmospherá de sua camara, absorvendo pouco e pouco o gaz deleterio que se transuda nas petalas.

Era pois 'numa d'essas noites invernósas, em que na aldeia se reúnem ao serão as raparigas mais bellas da terra, que se collocam em semi-circulo em redor da fogueira, para cantar e para trabalhar, e para sorrirem tambem aos campinos, que de perto formam outro semi-circulo, em sentido inverso, para ouvir cantar e tambem para *amar!*... E que dúvida?!... o coração do aldeão é que sabe bem amar: para exprimirem esse sancto sentimento não invocam o auxilio dos romances, não simulam os heroes do palco: deixam-se levar pelo que sentem, e não dizem mais; porque mais não sentem...

Mas estava-se em pleno serão... e as raparigas cantavam e depois callavam-se para ouvir contos, para se arripiarem de medo ao ouvir as façanhas dos vampiros, para escutarem a historia do *soldado velho* da terra que combatteu francezes, para chorarem aos contos da thia Cecilia, a mais velha da aldeia, e que conheceu ja tres reis e uma rainha!... Depois fiava-se e cantava-se mais, e assim se passavam bellas noites de serão; pois 'nesses entretenimentos inda vale mais a presença dos campinos que trazem o seu derriço com as mocetonas da reunião...

Ora um dia... não me lembra bem o dia; mas 'numa d'essas noites, a thia Cecilia, que dobava na sua dobadoira, assim fallava á pequena sociedade:

— Bem me lembro... foi 'num dia de defunctos: faz amanhan quarenta e sete annos... estava eu servindo em casa da fidalga velha e fallou-se nos defunctos, nas almas que vão para o outro mundo... Jesus!... quando me lembro d'esse dia!...

A thia Cecilia apanhou com a mão trémulac

o novelo que lhe cahira, e depois assim continuou:

— A senhora fidalga velha tinha dois filhos: um, que era mais velho, que é o pae da fidalga nova, e outro mais novo, que era o vivo demonio! Nada parava com elle! tinha coração de pedra, acenava os cães aos pobresinhos, que, coitados, vinham pedir esmola; e por várias vezes, na caça, dera tiros nos homens que o seguiam. Um dia a fidalga velha chamou-me, e disse-me: «Cecilia, tu has de ir á *Carapanta* perguntar, se meu filho traz o diabo no corpo.» Sim, minha senhora — lhe disse eu —: e fui ter com a advinhoa.

— E viu a advinhoa, senhora Cecilia? — perguntaram quasi em coro as rapariga.

— Não; ella fallou-me por um buraco da porta: mas disseram-me que ella faz pacto com o diabo, e que tomou a figura d'elle!

— Jesus! — disseram as raparigas persignando-se.

— E depois ella me disse: «Á meia-noite do dia de finados, levarão o fidalgo novo ao adro da egreja: deixal-o-ão so, e os espiritos ruins que la tem dentro sahirão».

Depois eu levei o fidalgo ao adro: deixei-o a sos e...

A velha parára de dobar: as raparigas não fiavam, e um dos campinos observou rindo:

— E depois thia Cecilia?

— Eu ouvi gritos a distancia... e embalde esperei pelo fidalgo... quando cheguei ao palacio ia a tremer de frio... deitei-me e consegui adormecer. No outro dia pergunto pelo fidalgo novo, e elle tinha partido de noite para o convento para ser frade.

As raparigas ficaram emmudecidas: cada uma depois faz a sua pergunta, e várias sôbre o conto. Os rapazes uns riam-se, outros eram callados: d'aquelles, o Antonio Duque, assim motejou:

— 'Nesse tempo havia muito vinho, ó thia Cecilia?

— Nunca gostei de vinho! — disse a velha — em tom de desespero.

— Então sonhava-se muito no seu tempo...

As raparigas voltaram-se todas em ar de reprehensão para o campino e thia Cecilia continuou:

— Não foi sonho... E demais o sr. padre prior (que Deus haja na sua sancta gloria) explicou-me depois o caso. Disse elle, que na noite dos finados vêm os anjos da guarda rodear as egrejas, para que o demo não persiga as almas que estão no purgatorio, e que vêm fazer proissão em redor das egrejas, onde foram enter-

radas... Ora, disse mais o sr. prior, todo aquelle que tiver espirito ruim, venha uma noite á uma hora ao cemiterio que ficará são!

— Bravo! thia Cecilia; eu amanha irei á meia-noite ao adro-cemiterio.

Todos os do serão ficaram estupefactos ao dicto de Antonio o Duque: no semblante de todos via-se retratada essa estupefacção, que pouco depois era substituida por um ar incredulo. Antonio o Duque notára essa última expressão; e, offendido no seu amor-proprio de aldeão, o primeiro e mais resolutivo, segundo resava na aldeia, disse em voz de Stentor:

— Ha quem queira apostar?

— Eu! — disse um dos que mais desacreditára d'essa resolução.

— Quanto a aposta?

— Jesus! credo! — diziam as raparigas a um tempo, e interrompendo os dois — ir á meia noite ao cemiterio!

— Quando as almas andam em procissão!

— Quando os lobishomens andam no seu curso!

— Á meia noite andam as bruxas bailando nas encruzilhadas!

— Eu quero ir dansar com as bruxas! — retorquiu Antonio o Duque, accendendo com toda a fleugma um cigarro a uma pinha. — Va, vamos á aposta — accrescentou elle, dirigindo-se para o outro aldeão — Que ha de ser?

— Um magusto de castanhas! — lembrou um dos rapazes.

— Com um almude de vinho! — accrescentou Antonio Jovial. — Alem d'amanhan ha de ser um dia de festa: alegrem-se raparigas! alem d'amanhan ha de haver *bailarico!* tudo é á custa do *Ze Conde...* Ha de ser um *pagode chinez*, como diz o meu amo estudante.

As raparigas riram-se: so uma d'ellas, que bem se distingue pela sua peregrina formosura, ficára entrestecida. Deitava a furto uns olhares de angustia para Antonio o Duque, e bem se notaria 'naquella expressão de labios uma vontade de lhe fallar a sos: Rosa-Branca estremecia de pavor á lembrança de se realizar a aposta.

Heresta do Vaticano.

A ...

Abre aos raios do sol da madrugada
No calice orvalhado a tenra flor;
Tal minh' alma se expande no infinito,
Se 'nella vibra teu olhar d'amor.

Sem os raios do sol a flor fenece,
Assim feneço eu; tu es meu sol,
Sem os raios dos teus magicos olhos
Não tenho luz na vida, es meu pharol.

Tu es a minha estrella; eu sou finado,
Se te vem occultar sinistro veu,
Desprézo tropheus, glorias não quero,
So te quero a ti, tu es meu ceu.

Es o elo, que me prende 'nesta vida,
A ventura, que 'nella me sorri,
A minha crença, o meu Deus, es tudo,
So quero a vida p'ra viver p'ra ti.

Jose Ferreira d'Albuquerque e Castro.

BIBLIOGRAPHIA

AO MEU AMIGO

Antonio Francisco Barata

Fui eu talvez uma das primeiras pessoas, que vi o drama intitulado — *O Moedeiro falso*, de que A. F. Barata é auctor, e o qual a companhia dramatica do Theatro da Graça levou á scena.

Desde o momento em que o li, entendi, que *O Moedeiro falso* era a prova mais manifesta e solemne, que podia adduzir-se para corroborar o conceito elevado, que no mundo litterario o seu auctor tão dignamente tem sabido grangear, e para vingar alem d'isso a verdade das lisongeiras expressões, com que o mimoseou ainda recentemente o distincto auctor do immortal *D. Jayme*.

Meu amigo o seu drama é para mim um dos soes mais fulgurantes, que brilham no firmamento das suas glorias litterarias.

Não admire, *Barata*, o eu appresentar-lhe ja realizado um firmamento de glorias litterarias.

As flores, que o meu amigo tem colhido com as producções litterarias, têm um duplice valor: são-lhe dadas, não so em recompensa do merito litterario, que aquellas producções concentram, mas tambem em premio do sacrificio excessivo e agudo, que realisa, quando, em vez de ir repousar dos trabalhos materiaes, com que lucta incessantemente para grangear os meios de subsistencia, vae entregar-se aos livros, ao estudo, e á meditação, sendo assim artista, e ao mesmo tempo homem de letras.

Barata é artista, mas um artista, que sem-

pre tem procurado a instrução, e que hoje nobilita e honra duas cathogorias de individuos — os homens do trabalho — e os homens do estudo.

O seu drama, *Barata*, para mim tem em primeiro logar um *especialissimo* merecimento.

Todos sabem que não ha facto da vida do homem, mais apreciavel á razão sensata do mesmo homem, do que a sua existencia. Não existe homem algum a quem a ideia do tumulto deixe de infundir no intimo da sua alma um abalo forte e sensível.

E se isto é verdade, eu tambem não posso conceber a existencia d'um filho de Adão, cuja alma não seja toda amor, vida, poesia e dedicação pelo *torrão*, onde foi realizado aquelle facto.

Quem nas aras da sua imaginação deixará de conceber o mais pequeno hymno de sympathia e amor, para o consagrar todo á terra que o viu nascer?!...

Qualquer terra rescende sempre amor e poesia, que vão exhalar os mais suaves perfumes no sanctuario da alma d'aquelle, que pela vez primeira admirou em seu seio a intelligencia do *infinito*, ja no doce murmurio de corrente, ja no fulgor radiante dos soes que scintillam no firmamento, ja no melodioso gorgear das aves, ja no poetico desabrochar das flores.

Amo Coimbra, *Barata*, porque é a minha terra natal... porque é a *alegre flor do Mondego* tão decantada por J. de Lemos... porque tem feito desabrochar a poesia no peito de tanto joven... porque é o sanctuario de tantos corações de 20 annos, que em seu seio commungam o pão eucharistico da sciencia...

Quantas almas têm accordado poeticas á margem do Mondego, no Penedo da Saudade, no theatro dos amores de Ignez infeliz, no Penedo da Meditação, na Lapa dos Esteios, e em todos os logares amenos d'esta poetica terra? Que o digam Castilho, João de Lemos, Cunha-Belem, o sympathico Thomaz Ribeiro, e tantos outros...

Porisso, *Barata*, o seu drama tem para mim um valor *especialissimo*, que é o ser objectivado por uma scena, que tem a sua existencia real na terra, que me viu nascer.

Porém, alem d'este merecimento, que so póde talvez ser apreciado pelos filhos e amadores d'esta terra poetica por excellencia, o seu drama tem outros, que se tornam sensiveis e manifestos aos olhos de todos.

Tem um merecimento verdadeiramente litterario e poetico. A linguagem rigorosamente portugueza e extremamente poetica, nelle exarada, prova o que acabo de dizer.

Quão bem se acha pintado esse amor puro, que so surge no peito do homem na idade *rosa* da vida, o qual Julio dedica á innocente Maria 'numa das scenas finaes do 1.º acto?

Que bem pintado se acha o remorso, que dilacera o espirito de Antonia, quando ella em presença do commendador, recebendo um epitheto deshonesto, lhe responde:— *É o mais amargoso fel que provo ha vinte annos!*— Expressões do mais vivo arrependimento, arrependimento d'uma Magdalena!...

Que dignidade não transcende d'aquellas palavras d'Augusto, quando este perante o commendador declara— *Que o verdadeiro dote do artista está nos seus braços, é constituido pelo trabalho...*

Nestes pensamentos tão poeticos e tão vivos, que a imaginação, quasi que cansa, quando os concebe, abunda muito o drama.

Alem d'este merecimento litterario e poetico, o drama tem tambem mui merecimento moral, porque a sua acção é constituida por principios altamente moraes.

Reconhece a auctoridade da consciencia e a força da sancção das leis impostas por este tribunal, porque, quando a consciencia lhe pede contas pelo abandono da sua familia, pela vida desgraçada em que a lançaram, ella responde-lhe com duas cartas, que traz sempre junetas ao seio, que são o documento justificativo da da sua innocencia, e a prova da existencia de um seu seductor.

Eu vejo-a mais tarde á porta do convento de Sanct'-Anna, a implorar que a deixem ir expiar no seio do claustro, a braços com a penitencia e oração, o crime que foi obrigada a praticar.

O coração de Antonia não chegou a immacular-se com o crime.

E que caracter honrado não é o d'aquelle Augusto? A sua probidade fica demonstrada desde o momento em que elle obriga a casar o filho, que era esperado por uma nobre posição social no fim da sua carreira litteraria, com a filha de Antonia, sem dotes, sem fortuna, mas rica de nobres sentimentos.

Sobre tudo a licção severa, que no drama é dada a esses commendadores, que, como Bernardo da Silva, vêm do Brasil para Portugal, é uma prova manifesta da moralidade do drama.

Por último as consequencias que com tanta luz apparecem no drama, da exposição dos filhos nas rodas dos expostos, não deviam ser esquecidas por essas mães perversas, que abandonam e votam ao desprezo— o doce fructo das suas entranhas— o unico objecto que deviam sempre conservar e estreitar ao seu peito!

O drama portanto é dominado por altos pensamentos moraes.

Em Antonia — prescreve o arrependimento á mulher, que uma vez, realisando a sua fraqueza natural, praticou um crime.

Em Augusto — apresenta um typo, que convida á honradez e probidade.

Na sorte final do commendador apresenta a condemnação do procedimento d'essas mães, se ellas merecem este nome tão sancto e puro, que, revestindo-se de toda a malvadez, vão collocar um filho na roda dos expostos, e nunca mais querem saber d'elle. A sorte final do commendador são *as flores que sua mãe semeou na roda dos expostos*, segundo mesmo a sua phrase.

Aqui tem, *amigo Barata*, o meu pequenino mas sincero juizo ácerca do seu drama. Desejava ser mais extenso, mas as obrigações escholasticas, e o estado sanitario não o consentem.

Mas poucas, como são as palavras que aqui deixo exaradas, possam ellas servir de estímulo ao artista intelligente e litterato, para que com os seus productos litterarios continue a mimosar os seus amigos.

E eu, como um d'estes, o desejo summamente.

Coimbra, 15 de janeiro de 1864

J. Ferraz de Carvalho.

ULTIMOS ADEUSES

AO MEU AMIGO

Christiano Maximo da Fonseca

Na morte da sua adorada irman

A Ex.^{ma} Sr.^a D. Adelaide Maxima da Fonseca

Eu não te conheci, flor delicada,
quando á tarde nas praias do teu Douro
realçavas da candura almo thesouro,
nos espelhos das aguas retratada.

Eu não te conheci, ó rosa pura,
nas margens do teu rio a vecejar:
e choro por te ver assim levar
dos braços maternas á sepultura!

Choro; porque me dóe o coração,
quando penso na flor enverdecida
e a vejo depois ao sol pendida,
no pino caloroso do verão!

Choro; porque no fim d'este caminho
de lagrimas — não vejo a doce calma
aonde o coração busque seu ninho,
quando a esperança nos morre dentro d'alma!

Eu bem sei que não ouves quem suspira
soluçando nas cordas do alaude:
bem sei que aos tristes echos d'esta lyra
não podem responder os do atahude!...

Bem vejo tudo isso, mas as máguas,
que me lavram no peito, que estremece,
quem póde minoral-as, se éstas aguas
não forem refrigerio a quem padece?!...

E conheço ainda assim que não devia
chorar por quem no ceu agora existe...
conheço claramente, e todavia
não sei que dor é ésta, que me assiste!

Não sei, mas que me importa que eu ignore
a causa d'este amargo soffrimento?
Quem póde ser senhor do pensamento,
quando as máguas aviva e diz que chore?!...

Embora! Fique o pranto em nossos olhos
e tu remonta á patria, volve aos ceus.
Os jardins do Senhor não têm abrolhos...
pomba, que nos fugiste, adeus, adeus!...

Coimbra, 13 de dezembro de 1863.

J. Simões Dias.

HYMNO

Da ponte do Sarzedo

(Musica de A. C. N.)

AO EX.^{mo} SR.

A. R. DE G. A. P. A. PACHECO

(Na inauguração da mesma ponte em 1858)

Accipe parvo mei laetus munuscula census
Nec quae sint, sed qua, suscipe, mente data.

Parabens, vizinhos d'Argos,
que Arganil ora chamaes.
Parabens, povos amigos:
parabens, povos leaes.

— Demonstrações de alegria
não cessemos nós de dar.
Util ponte sôbre o Alva
vemos nós ja cimentar.

Parabens nos dêmos hoje
nesta solemne funcção.
Inauguremos a ponte
à fraternal união.

— Demonstrações de alegria
não cessemos nós de dar, etc.

Nossa eterna gratidão
por obra tão singular
ao bom Rei e ao seu governo,
vamos junctos offertar

— Demonstrações, etc.

Dediquemos nosso hymno
ao illustre cavalheiro,
que em promover tanto bem
merece o lugar primeiro.

— Demonstrações, etc.

É Antonio Ribeiro
o popular cidadão.
O dever de nós exige
um eterno galardão.

— Demonstrações, etc.

Teu nome sera lembrado
na futura geração;
nessa empresa gloriosa
deixas immortal paixão.

— Demonstrações, etc.

É a ponte de Sarzedo
o maior de teus brasões,
que farão que nunca esqueças
na memoria dos Beirões.

— Demonstrações, etc.

E que não fique no olvido
o prestante deputado.
É Moraes Pinto d'Almeida
por nós todos adorado.

— Demonstrações, etc.

Do porvir, que nos espera
grande parte a ti devemos
gratos e reconhecidos
o teu nome exaltaremos.

— Demonstrações, etc.

Digam embora alguns Zoilos
que temos adulação,
emmudecer nunca podem
as vozes do coração.

— Demonstrações, etc.

Sinceros e sem refolhos
não podemos com razão
reprimir dentro do peito
expansões do coração.

— Demonstrações d'alegria
não cessemos nós de dar.
Util ponte sôbre o Alva
vemos nós ja cimentar.

A. J. Ribeiro de Campos.

E A CHRONICA?

Ai! meus amigos bem quizera eu tirar da
minha fraqueza fôrças para conversar convos-
co; mas a minha doença tornando-se *chronica*
me impede por hoje de fazer a *chronica*. Tam-
bem que vos diria eu que vós não soubesseis?

Rogae pelo restabelecimento do vosso amigo.

O *chronista*.

EXPEDIENTES

Agradecemos a promptidão com que alguns
srs. assignantes pagaram a importancia de sua
assignatura, e ao mesmo tempo declarámos que
a falta de alguns numeros não deve ser impu-
tada ao administrador d'este jornal; mas á ma
direcção dos correios; pois que inclusivamente
por nossa mão os temos lançado na caixa: en-
tretanto queiram fazer as reclamações que en-
tenderem, para darmos as providencias.

O administrador responsavel

Duarte de Vasconcellos.

Acha-se reimpresso o 1.º numero da *Chrysa-
lida*. Os srs. a quem faltar esse numero devem
fazer as suas reclamações a esta redacção.—
Rua dos Estudos n.º 22.



AHI VAE!

AO MEU CARISSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

(Continuado de pag. 73)

III

Assim foi que o homem, mais conscio da sua missão em cada dia, se travou de lucta ingente e vigorosa com a natureza brutal, que lhe era sujeita; e, conquistando terreno palmo a palmo, proseguiu e progrediu tanto, que, á proporção que via coroados de feliz exito seus intentos e esforços, mais se empenhava em tirar todo o partido possivel da sua superior condição d'ente racional.

E, com effeito, a ésta superioridade e áquelle empenho bem respondiam os resultados da empreza; porque o homem, instando de continuo por fazer vingar as beneficis intenções de suas vistas, e redobrando a intensidade da lucta, ia descobrindo mais vastos horisontes sempre, sempre alargando e alongando pela amplidão do espaço esse terreno conquistado a palmos. E' neste, como em campo d'honra, sujeitava para logo ao jugo do seu braço forte tudo que, parecendo querer zombar do poder soberano do homem, a natureza rebelde oppunha de contumacia e resistencia em reconhecer e aceitar um tal dominio!

Tal é, emfim, a resposta da philosophia, quando, na sua applicação aos factos, se incumbe de os estudar circumstanciadamente; usando para isso de uma análise critica a mais minuciosa, por meio da qual os aprecia em si e nas suas multiplas e variadas relações, consideradas no tempo, como no espaço: — que taes são as condições, sob as quaes a philosophia, como sciencia especulativa, os aceita hypotheticamente, para depois, como sciencia práctica, os confiar de novo á historia, e d'esta exigir, por último, como sciencia moral, que faça d'elles a devida exposição, sincera e franca.

E, protegidos e defendidos por semelhante escudo, quem ha ahi, philosophos criticos e im-

parciaes, que, sendo amator d'estas virtudes, deixe de aceitar os factos sem suspeita, nem reserva?

Ninguem. Assim o cremos.

Pois bem! Desenrolando as dobras de suas páginas, ninguem ousará duvidal-o, a historia, que desenha as feições caracteristicas da humanidade, revela-nos, ainda uma vez o repetimos, que o homem, sujeito de taes e tão excellentes dotes, trabalhou sempre, ainda mesmo quando d'isso não tinha inteira consciencia, trabalha hoje e trabalhará de futuro, como é de presumir, por destruir obstaculos e vencer embaraços, que, disputando-lhe a passagem, têm retardado mais ou menos a sua marcha á conquista do bem.

Não obstante, — graças ao genio do homem! — meteoro brilhante, que assomou ao largo, o seu clarão allumiou as trevas; e tirando o homem da noite, em que o precipitára um momento de cegueira, o erro desvaneceu-se, a verdade substituiu a falsidade, e o homem, retomando o seu posto, caminhou alem com passo mais firme; porque, á medida que a evidencia era com elle, a dúvida e a incerteza fugiam diante espavoridas!...

As joias, producto do trabalho, uma a outra se engastam; e as palmas, aqui e alli colhidas e por toda a parte espalhadas, se nos attestam a passagem d'um genio, tambem assignalam a epocha d'algum triumpho alcançado.....

É que o homem, olhando as difficuldades, não se arreceia; ao contrario, elle tem conseguido ja ir sôbre muitas, tenta animoso ir sôbre todas, e todas com o tempo levará de vencida, uma a uma quando menos, servindo-se e usando para isso de varios processos e methodos, que, ora mais ora menos modificados, tenderam e tenderão sempre, mediata ou immediatamente, a um grau maior de perfeição.

Ora, sendo que a perfectibilidade constitue o cunho mais geral da humanidade, a taes processos e methodos, cuja existencia se anticipou debuxada na mente, nunca fugiu de todo o lume do ideal em que foram concebidos.

E que este é perfectivel tambem, assás o demonstra um sem-número de phenomenos pneumatologicos, e bem o confirma ainda o estudo peculiar da sensação; pois que ha alli as propriedades de multiplice e simplficavel, que se verificam sob os dominios do entendimento humano, segundo que este *associa* por partes ou *abstrah*e até os elementos, conforme é modificada tambem a sua especial organização, tão susceptivel de affectar-se!

Nem d'outro modo podia ser.

Assim se resolve a concepção em facto sensível. E, assim, a ideia, realisando-se no mundo physico, converte o objecto peculiar de um so em assumpto para todos; e nos subministra, pela sua *materialisação* (sacrifique-se a lingua a prol da ideia) mais um instrumento novo para novos commettimentos, cujo desempenho, pelo artificio d'aquelle, e tudo, por seus resultados combinados, deve de constituir a signa de um progresso real, e ser-nos ainda seguro penhor e garantia da sua continuidade regular, d'elle.

(Continúa).

G. B. Garcia Pereira.

HYMNO

Dos artistas da Regua

Nobreza é tambem o trabalho.
EL-REI D. LUIZ I.

Quando a aurora ao trabalho convida
quem não sente seu peito exultar?
O trabalho dos povos é a vida
no futuro radiante a brilhar.

Nossas crenças d'amor consagramos
'neste dia solemne e feliz.
Somos filhos do povo: cantemos
o trabalho que o povo bem diz.

Nossas almas estreitem o laço,
que no peito a amizade sagrou.
Ninguém negue o auxilio, o seu braço,
se ao irmão a desgraça humilhou.

Nossas crenças d'amor consagramos
'neste dia solemne e feliz.
Somos filhos do povo: cantemos
o trabalho que o povo bem diz.

Trabalhar é tecer a grinalda
que a ventura nos ha de cingir.
É bandeira que ao longe desfralda
mil esp'ranças nos ceus do porvir.

Nossas crenças d'amor consagramos
'neste dia solemne e feliz.
Somos filhos do povo: cantemos
o trabalho que o povo bem diz.

Nossos braços 'num so reunidos
alevantem as c'roas do chão.
E que os louros por nós acolhidos
symbolisem da gloria o padrão.

Nossas crenças d'amor consagramos
'neste dia solemne e feliz.
Somos filhos do povo: cantemos
o trabalho que o povo bem diz.

J. Simões Dias.

CONTOS DA THIA CECILIA

Uma aventura

II

O serão acabára: a noite sobreviera: e rompera o dia chuvoso e de aspecto funebre como o dia de commemoração dos finados!

Rosa Branca não dormira: e mal a arraiada surgira, levantou-se para ir á fonte.

Ahi se encontrou com Antonio o Duque, como tantas vezes o faziam, levados pelo amor mútuo que se consagravam.

Antonio recostado no seu varapau era um d'estes typos que o cinzel do esculptor procuraria para o cinzelar no marmore: era realmente bella a postura e as fôrmas de seu corpo, quando havia algum pensamento mais do que trivial agitando-lhe o íntimo.

O aldeão ao ver duas lagrimas deslisarem pela face desmaiada de Rosa-Branca, e cahirem mal escondidas na veia da lymphá, tornou-se sublime no rosto: o sangue pulsava-lhe com energia nas arterias: sentia-se enlevado d'um puro sentimento que fez abrir os labios e articular a doce interrogativa:

— Que tens Rosa-Branca, então tu choras?

— Ah!... Suspirou a donzella.

— Porque choras?

— Porque... porque desde hontem á noite... tenho tido um não sei que, que me faz estremecer. Escureceu-sé-me o coração quando tu disseste que ias á meia-noite hoje ao adro...

Antonio mais animado sorriu e disse:

— És uma louca... que tem isso lá o ir ao adro?

— Jesus! A thia Cecilia não disse que, levado lá o fidalgo, ouvira gritos?

— Sim!

— Pois eu penso que era o diabo que o queria levar para o inferno...

— Enlouqueceste, Rosa-Branca... Eu queria que tu ouvisses os meus amos estudantes a fallarem da religião, dos padres, da missa, da confissão; aquillo é que é fallar! Os padres, diz um d'elles, são uns bebados a perdem as mu-

lheres: a missa, diz o outro, é para elles ganharem dinheiro.

Para mais nada... Elles berram e dizem que nem ha ceu, nem inferno, que tudo isso é uma corja de disparates. Elles que o dizem é que o sabem...

— Elles são hereges Antonio!... E tu acreditas 'nisso?

— No entanto eu sou bom christão; vou á missa, confesso-me, mas não sou d'esses que acreditem nos *espiritos*...

— Então sempre teimas em ir ao adro?

— Que dúvida!

— Pois bem!... Sabes o que minha avó me contava, e ella não mentia... Um dia passou á meia-noite no adro, e de repente se ergueu debaixo da terra um esqueleto assim em fôrma de luz terrível. Meu Deus eu queria que tu ouvisses minha avó!

— Isso são historias Rosa-Branca!

— São! e 'noutro dia de noite em casa de teus amos não houve de noite um grande barulho nas prateleiras, parecia que os pratos e potes tudo tinha quebrado.

— É verdade... eu ouvi esse barulho, disse Antonio, meditabundo.

— E depois, de manhan nada estava quebrado. Quem faria esse barulho, serão os *espiritos* Antonio? Ah! não vas ao adro que eu morro!

Rosa-Branca pedira com sua voz tão meiga e tão terna, que Antonio se commovêra de véras. Mas quando a mulher que falla é de peregrina belleza, o homem que ouve phantasia escutar as harmonias da sereia, e se elle é bem poeta, nada acha na natureza que equiparar á melodia sonora: portanto, a mulher convence sem apresentar argumentos, e convence porque commove. Antonio pois, era ja desanimado no seu projecto. Todos esses prejuizos que a mulher que adorava lhe expozera, se apresentavam a seus olhos, e pensava como philosopho rude e agreste — isso pôde ser certo!

D'ahi procedeu um temor que fazia oscillar seu ânimo.

Antonio e Rosa-Branca eram duas d'essas creaturas que Deus formára para se encontrarem no mundo. Ambos — com finos dotes physicos, ambos pobres para bem desinteressadamente se amarem, ambos de um sentimento puro, comprehendendo-se nas mais leves alternativas, tinham contractado o matrimonio sem, durante o periodo do *namôro*, manifestarem um ao outro mais do que innocencia e amor. A natureza os reunira pelos sentimentos, para bem comprehenderem de que subido quilate não é

a virtude — ouro que se apregôa a mãos cheias mas quasi sempre esse pregão leva a essencia falsa.

Francisco, assombrado pelos prejuizos de Rosa-Branca, ia quasi a prometter-lhe que não iria ao Adro: mas pensa no que diriam todos os seus collegas da aldeia.

Elle, o rapaz mais destemido e o mais temido nas feiras da redondeza: elle o primeiro maltez dos sitios, o primeiro no bailarico, o mais querido das mulheres, o *leão* da aldeia, havia de ser *caçado* por cobarde?!

— Oh! Não! Disse em voz alta o campino. Apostei, hei de ganhar a aposta.

— Vaes decididamente?

— Sem faltar!

Rosa-Branca lançára-lhe de novo os olhos, nos quaes borbulhavam duas novas lagrimas: fixa-os depois no acaso, como se no horisonte lesse o oraculo de seu porvir, e resignada péga no cantaro e o enche. Durante o tempo necessario para o encher e o collocar 'numa pedra ao lado; nada disseram os dois amantes.

Rosa-Branca pallida e trémula collocando a rodilha na nuca, apenas disse:

— Sim! o nosso noivado ha de ser bem triste... Palpita-me que está bem perto...

Ao menos iremos ambos... Antonio ajudame!

O Duque colloca o cantaro na cabeça de sua amada; Rosa-Branca caminha para a aldeia: o campino a segue taciturno. Ao subir uma collina apartaram-se: Antonio a rir constrangidamente; Rosa-Branca a chorar sem querer — qual dos dois era o mais socegado e feliz 'nesse instante?

(*Continúa*).

Heresta do Vaticinio.

O TITULO QUE QUIZEREM

Demetri, teque Tigelli,
Discipularum inter jubeo plorare cathedras.
Horat., lib. 1, satyr. 10.

Poeta de arromba
Olhou o futuro,
E viu Trovadores
'Num cantito escuro.

E aos pobres de espirito,
Por dó, ou zombando,
Deu elle conselhos,
Dest'arte fallando:

«Meninos bonecos,
Tarellos esguios,
Deixae-vos de lyras,
Tocae assobios.

Deixae-vos de tubas,
Que esfalfam o peito,
E so para gaitas
Tereis algum geito.

Deixae-vos de versos;
Que isso é p'ra quem é:
Fazei cantiguinhas
Com seus — *Ai lé lé*.

Os versos demandam
Genio transcendente.
E vós tendes chocha
A bola demente.

Bons versos são raros,
E está seu primor
Nas vivas imagens,
Quaes o *Adamastor*.

Quando o amor adeja
Nas cordas da lyra,
E em chammas ardentes
Insano suspira,

Os versos não prestam,
Se, em vivo retrato,
Não vibram as chammas
Do amor insensato.

Sem vultos, os versos
São qual vidro baço
De espelho safado,
Sem brilho, nem aço.

Taes são os do Mattos,
Reles trovador,
Que apagam gelados
O fogo do amor.

No mundo bello do Vate
Deve tudo respirar:
Altos montes são gigantes,
Que o ceu tentam escalar.

O loureiro é triste Dafne;
Ouve e falla arduo rochedo:
Susurram brandos queixumes
Nos murmurios do arvoredado.

E, do fundo pego, alçadas
Sôbre as correntes undosas,
Levantam liquidos rios
Humidas fronte limosas.

Surdem monstros portentosos,
A Chymera, o Centimano,
Sereias, Cyrces, Harpias,
O Minotauro tyranno.

São os versos painel vivo
De uma expressiva pintura,
Em que o Vate aos olhos mostra
Bem retratada figura.

Se elle a dor nos versos pinta,
Os versos devem gemer;
Se a alegria, devem rir;
Se o terror, devem tremer.

Se de Jove agita o raio,
Deve aos olhos fulgurar
O Relampo, e terroroso
Rouco trovão retumbar.

E, se os tyrannos guerreia
Da cara patria opprimida,
Deve a guerra aterradora
Ver-se armada, e enfurecida.

Deve amavel a virtude
Sôbre os astros rutilar;
E o vicio, torpe, execrado,
No antro horrendo negrejar.»

O Vate morreu...
E a peste assomou
Dos taes trovadores,
Que Apollo engeitou.

Fazem so versitos
Da noite ao luar,
As brisas dos ventos,
Murmurios do mar:

Ou ja de Feliza
Aos olhos bonitos,
Seus anhos mansinhos,
Saltões cabrititos;

Ou da ave pintada
Ao vario matiz,
Da flor e da rosa,
Ao cheiro, e verniz.

Tambem alguns d'elles,
Que são onodúlos,
Em trovas asnaes
De couces e pulos,
Adulam, zurrando,
Onagros tyrannos,
Os vis Tigellinos,
Infames Sejanos.

Cantor, que do Pyndo
Aos louros aspira,
Tyrannos não louva
Com torpe mentira;

Do genio, com arte,
Os voos alteia
Ao sol da verdade
Nos ares de Astreia.

As cordas não fere
De infame alaúde,
Que avilta no crime
Honras da virtude.

E altivo despreza
Os baixos favores,
Que o vulgo prodiga
Aos rudes cantores.

Mimosos do vulgo,
Cumprí vossos fados;
Cantae-lhe fandangos
De versos safados.

Cantae, trovadores,
As pobres cantigas,
C'os cegos, que tangem
Sanfonas mendigas.

Sobral Tavares.

DISTRACÇÕES (a)

Quem não tem que fazer, faz colhéres.
Rif. pop.

(Continuado de pag. 55)

— E tu achas *tambem* extemporanea a liberdade de cultos?

— Não.

— Porque?

— Por duas razões: 1.^a porque a unidade religiosa so é compativel com a monotonia da ignorancia; cuja hypothese é impia, a ésta hora da civilisação: 2.^o porque amo sincera e ardentemente o nosso paiz, e sôbre tudo a primeira de todas as liberdades — a da consciencia.

— Explica-te claramente, aliás não te comprehendo.

— Pois bem, eu vou expor-te em duas palavras o que deduzi conscienciosamente da lei da historia sôbre tão melindrosa questão.

(a) A redacção, que vive d'outras ideias, devolve de si a responsabilidade d'este escripto do nosso collaborador.

O primeiro e fundamental alicerce do grande edificio social é, ninguem o contesta, o sentimento religioso, que, segundo o principio do calor vital, está na razão directa da sua manifestação em commum. D'onde a origem, e razão de ser das instituições religiosas, que dependem dos costumes, tendencias e desinvolvimento dos povos, porque é absolutamente impossivel, que *sempre e em toda a parte* se pense igualmente ácêrca d'uma qualquer cousa.

Se isto é exacto, como eu poderia demonstrar-t'o satisfatoriamente, se não receiasse offender as susceptibilidades do *tradicionalismo*, segue-se, como conclusão necessaria, que o systema da intolerancia religiosa, sôbre ser um ultrage á razão humana, é altamente prejudicial, porque, condemnando a incredulidade á indifferença, importa forçosamente um perigoso *deficit* no thesouro da moralidade pública.

— Mas tudo isso, creio eu, se pôde remediar, forçando os dissidentes á fe commum.

— Isso é um absurdo. Uma crença não se impõe, por mais violenta, que seja a pressão, que exerçam sôbre as consciencias: e so ahí entra, depois que a razão a achou verdadeira.

É por isso que o meu grande mestre — o inspirado Pelletan — diz num dos seus folhetos: «Por ventura o homem crê, o que quer, e como o quer? Não. O homem crê, o que quer a dictadura íntima da verdade.»

— Mas a verdade é uma so; e portanto proclamar a liberdade de cultos é nada menos, que conferir ao erro as honras da verdade.

— Visto que ainda me não comprehendeste bem, eu me explico melhor.

O sentimento religioso é effectivamente um so, absoluto; as fórmás porêm, que elle reveste, para a necessidade da sua expansão em commum, isto é, as religiões, é que estão sujeitas á variedade dos costumes e das intelligencias.

Sim, o protestante, o catholico, o mahometano, e toda essa immensa variedade de crenças que cobrem a superficie da terra, não tem todos o sentimento de gratidão para com a Divindade pelos beneficios, que ella lhes derrama a cada momento — que é no que consiste o sentimento religioso? — E por ventura a sua manifestação é a mesma em toda a parte? Para isso fôra mister a universal identidade de costumes, e o nivelamento da ignorancia.

Proclame-se pois sem restricções a liberdade de cultos: seja licito a qualquer seita o reunir-se em toda e qualquer parte, e expandir os seus sentimentos religiosos do modo que lhe parecer mais conforme com a sua razão; que n'isso vae não so uma plena satisfação á liberdade ultra-

jada, mas o interesse da sociedade, porque é o unico meio de a salvar da indifferença.

E disse.

— Bem ou mal?

Os leitores que decidam. (Continua).

J. Jacintho Nunes.

AI!

Fragmento

AO MEU AMIGO

Anselmo d'Andrade

Ai do proscripto, que não ve a terra
que em si encerra quem o ser lhe deu! —
estende a vista, mas so ve palmares,
os vastos mares e as soidões do ceu!

Ai da avesinha, que a gentil devesa
deixou, e prêsa carpe a sua dor! —
se solta cantos, são saudosas queixas,
são mil endeixas d'um perdido amor!

Ai da rosinha, se não vem a aurora,
e não irrorra seu matiz gentil! —
empallidece, murcha, e 'num momento
foge co' o vento dos rosaes d'abril!

Ai da balseira, que o suão sacode,
e já não pôde murmurar amor! —
passa o outomno 'num gemer saudoso,
e ve seu gôso involto em negro horror!

Ai do viajor, que no Sahará deserto
vagueia incerto, sem um ramo achar! —
cansado, em balde sombra á palma pede,
mata-o a sêde, ve d'areia um mar!

Ai da rolinha, que a viuvez deplora,
e geme, e chora, e soffre, e carpe a sos! —
a solidão, onde a gemer existe,
escuta triste sua triste voz!

Chorae o proscripto, chorae a avesinha,
chorae a rosinha, roubada ao jardim...
chorae o viandante, chorae a balseira,
a rôla fagueira — e chorar-me-eis a mim!...

Seminario de Vizeu, 1863.

A. Candido.

Amigo Duarte de Vasconcellos.

Delicadamente e por condescendenciã não sei
a que, tens-me feito a honra de publicar no teu

jornal alguns escriptos, que fluctuavam involtos
no *mare magnum* dos papeis da minha gaveta.
Hoje que divagava procurando para te mandar
alguns restos do que 'noutros dias para la reco-
lhêra, deparei com esses perdidos, que 'noutros
tempos alinhavei e que deviam ser a resposta
a um meu amigo, que benevolo desceu a per-
filhar umas quadras minhas que eu não sei por
onde hoje param, se é que ainda não tiveram
a sorte que merecem todas as minhas coisas —
o olvido.

Foram elles feitos quando eu era cioso da
minha paternidade, e não repellia como hoje os
leporosos e miserrimos abortos, que tantos tenho
tido a ousadia de expor na roda jornalística, para
onde olham todos os que passam. Desculpa-me
esse amor proprio d'então; e publica na *Chry-
salida* essa humilissima *aranha*, que nas horas
silenciosas da noite tantas vezes tem sido mi-
nha companheira no trabalho: ella velando en-
tredida na sua teia, que enreda la em cima no
fôrro da cella, e eu em baixo, defronte dos li-
vros em silenciosa conversa com os nossos ami-
gos que Deus tem, meditando nos conselhos que
depois de mortos nos estão dando.

Ja ves que ambos trabalhamos, sem que te
possa dizer qual lucra mais, eu ou ella. Entre-
tanto permite que eu memore 'nestes versos o
pequeno animal, que 'nelles teve uma grande
parte, e que diante de ti e dos leitores do teu
jornal os repita. Escuta

A ARANHA

(SATYRA)

Sic vos non vobis...

Triste aranha, que lida é essa tua,
que nem um so momento alfim descansas?
Pois não ves que alguém pôde chamar sua
a essa pobre teia, em que te cansas?! —

Não te mates assim! trabalho louco,
que ninguem te agradece, antes despreza!
E depois se alguém ve dormir-te um pouco
desfaz-te a branca rede e ficas prêsa!

Mas ja que urdiste assim os teus arminhos
acaba o teu trabalho, doida aranha;
que eu tambem vou fazendo estes versinhos
até que outro depois furtarmos venha.

Coimbra.

J. Simões Dias.

UM QUADRO SOCIAL

Ha pessoas que não fazendo nunca por ascenderem ás classes superiores da sociedade, impõem-se comtudo seus ares de estolida fidalguia, e pretendem dos outros que os considerem em posição elevada.

Procuram-se os fundamentos d'aquella pretensão, e acha-se a vaidade estúpida e tola.

D'aqui parto, por haver sua relação, para uma verídica historia, que passo a contar.

A familia C. pertencia á chamada — classe média — da sociedade.

Os membros varões d'essa familia seguiram diversos rumos. Uns applicaram-se ao commercio, outros ás letras, á milicia outros, e a cousa nenhuma um, por onde vivia vida de ocioso, ou, se alterava este modo de viver, jogava.

Não me levem a mal porque digo que o ocioso tem o seu modo de vida. A ociosidade tem os seus caracteristicos que a distinguem do trabalho, e bem salientes.

E o jogador não é um ocioso?

Não é.

O jogador tem que fazerás que lhe dão vida. A sua imaginação em actividade constante phantasia montões de ouro, e avêssô a trabalhos pesados, o jogador precisa calcular os meios de realisar a sua ambição. Calcula para jogar bem, e n'isto ha, pelo menos, trabalho de espirito.

Depois: não tem elle mil cuidados, dissabores e affeições? não lembra planos muitas vezes criminosos? E não dá isto muito que fazer ao espirito? Logo o jogador trabalha. Para mal seu e da sociedade, é incontestavel; mas trabalha.

Tristes esforços que a sociedade pune!

Um pois jogava. Os irmãos, não.

D'estes chegaram alguns a occupar logares distinctos, sem que comtudo, esquecessem d'onde tinham partido, o que fazia que não desprezassem aquelles que haviam nascido no mesmo plano.

É isto, de certo, não pequeno merecimento.

Raro é encontrar-se homem que levantando-se do po, não desdenhe, quando attingir a riqueza ou o poder, os que a fortuna não quiz que com elle se levantassem.

Sendo assim, estranha-se que o unico que se levantava do po para cahir no lodo, fôsse tambem esse que se arrogasse sempre ás honras de fidalgo.

Fazia dó vel-o assim.

Felisberto, que assim se chamava o improvisado fidalgo, andava sempre farejando a aristocracia, e onde quer que a encontrava, expli-

cava-lhe a sua árvore genealogica, cujo tronco, abrindo-se em muitos ramos, mostrava em cada um d'elles desembargadores, generaes, profundos litteratos, etc.

Felisberto, faça-se-lhe justiça, tinha recebido uma tal ou qual educação num collegio de Lisboa, a expensas d'um tio que la tinha, e por ella apresentava-se com boas maneiras.

Corria entre a aristocracia a fama do novo fidalgo, o que fazia que este fôsse para logo admittido. Deixassem passar dois dias e elle abi estava logo a tractar-se por tu com os seus primos.

Não sei se elle tambem tinha a mania de chamar primos aos collegas.

Não sera, porventura, muito proprio o termo — collegas — que acabo de empregar; eu dou, porém, a razão do emprêgo.

Collega no sentido litteral quer dizer — ler junctamente — e os fidalgos (quero fallar dos de pergaminho, sem nobreza de acções) lêem todos pela mesma cartilha, porque todos lêem la para si umas certas doutrinas, que me parece não lhe ficarem bem.

Assim, de si para si, entendem que os que não têm pergaminhos são d'uma natureza muito differente da sua; que a elles compete o mando, o poderio, a riqueza, e os privilegios; aos de escala inferior a sujeição, a pobreza, o trabalho duro, os encargos pesados, e quantos absurdos imaginam.

Quem nos diz que é por se cerrarem os ouvidos ás suas doutrinas que elles têm horror á palavra — liberdade?

Tenho pensado que é possivel ser assim!

Seja o que for, o que é certo é que o povo vae abrindo os olhos, e ri-se ja agora da nobreza de sangue, quando não ve acções das que costumam acatar os respeitos de todos.

Felisberto julgava-se o mais feliz dos homens, quando se via cercado da sua gente, e de noite, pensando nös seus braços, dava gargalhadas de contente, dizem.

Infeliz Felisberto, vão aguar-te esse feliz enlêvo em que vivias! Vae apparecer na tua árvore de geração um rebentão que vae enodoarte a familia. Tiraram-te d'aquelle engano d'alma ledo e cego, que tu esperavas te duraria para sempre.

Tremes porque saibam os da tua egualdez que um ramo estranho, negro ramo, fôra enxertado na tua árvore, a mais limpa e mais respeitavel árvore que jamais conheceste!

(Continúa).

Abel P. do Valle.

TRIBUTO

AO MEU ÍNTIMO AMIGO

Antonio Vieira d'Almeida

A amizade é o sol, que nos aquece
o coração de frio enregelado.

J. Simões Dias

Não se esquecem do orvalho as lindas flores
Quando o ceu as irrorra em mez d'abril:
O peito não se esquece dos amores
Que 'nelle fez nascer visão gentil.

Os rios que no mar têm seu abrigo
Não cessam para elle de correr
So eu 'nesta hora triste, meu amigo,
De ti me hei de esquecer!

Esquecer! Oh! nunca, nunca
Poderei do pensamento
Derriscar um so momento
As promessas, que te fiz
Nas aras do coração.

Póde a negra desventura
Prostrar-me na sepultura
Fazer-me até infeliz!...
Mas fazer-me deslebrado
Dos teus serviços d'outr'ora,
E transformar-me 'nesta hora
A minha sancta amizade
No vicio da ingratição.

Isso não!

Mamuel Novaes Ferreira.

SEM CHRONICA!

Participámos aos amantes da *chronica*, que por hoje ficam sem ella; porque o estado sanitario do chronista de obra tão apeteçada o impede. Nos numeros seguintes compensará.

O *chronista*.**EXPEDIENTES**

Acaba o primeiro trimestre com o n.º 12, porisso pedimos aos srs. assignantes que estão em debito da sua assignatura se dignem mandal-a satisfazer com brevidade.

Os srs. que não quizerem dar-nos a honra

de continuarem a ser assignantes do nosso jornal, deverão participal-o á redacção até á publicação do n.º 12; os que não derem parte até então, serão considerados como assignantes.

O administrador responsavel

Duarte de Vasconcellos.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS**FATALIDADES DO AMOR**

POR

A. G. da Silva Sanches

COM

Uma carta-prefacio

POR

J. Simões Dias

Acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.

BELICARIO**OU O MUNDO INTERIOR**

DE

J. Simões Dias

Vende-se nas livrarias da viuva Moré no Porto e Coimbra, e nas de Melchiades em Lisboa e Coimbra.

ODES DE HORACIO

Mandadas adoptar nos Lyceus pelo conselho geral de instrucção pública

POR

Antonio Maria d'Almeida Netto

Em frente de cada Ode se acha a coordenação das palavras em harmonia com a traducção. São precedidas de explicações, notas e exemplos de medição, e d'uma breve noticia da vida de Horacio.

Assigna-se: — Em Lisboa, Silva Junior & C.ª, Praça de D. Pedro.

Porto e Coimbra, Viuva Moré, e na Imprensa da Universidade.

Vizeu, Francisco Gomes Pinto, ao Arco.

Preço 550 réis, franco de porte.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.



O SEculo DEZENOVE

(Continuado de pag. 75)

Correm sempre grande perigo as novas sociedades, quando se constituem sobre as ruínas das velhas. Foi o que aconteceu á nova sociedade que substituiu a romana.

A severidade de costumes e a tempera rígida dos barbaros do norte foram cedendo á corrupção civilisada dos romanos. E, para infortunio das gerações futuras, nem a propria igreja escapára ao funesto contagio.

Com a estrondosa quéda do imperio todos os elementos sociaes ficaram por um pouco misturados e confundidos; um espesso e denso veu de trevas cahira sobre a terra. O proprio christianismo, destinado a servir de pharol no incessante peregrinar da humanidade, la ficára por um pouco sepultado no cahos.

O terrivel incendio da famosa bibliotheca de Alexandria em 644 por Amrou, general d'Omar, contribuiu para enegrecer a epocha de trevas e ignorancia que se aproximava, e que mais tarde devia chamar-se *idade-média*. La ao longe, passados tempos, é que se principia a ver bruxulear a luz do evangelho.

Os barbaros, herdando dos romanos essa chamada civilisação, tinham-se pervertido e desmoralisado. A pureza de costumes, o gôsto das sciencias e das artes, se existiam, eram unicamente nos mosteiros e conventos.

A classe clerical, guardadora das sanctas doutrinas do evangelho, depositária das artes e sciencias, tinha portanto em suas mãos os destinos de todo o mundo christão. Nella estava o germen do progresso, ou a reacção contra o desinvolvimento dos espiritos, que a pouco e pouco se devia manifestar.

Todavia os successores dos apostolos esquecem o seu sagrado mandato; escolhem Roma

para capital do mundo catholico; e, desprezando a humildade recomendada no nosso codigo religioso, adoptam tambem a sumptuosidade e o luxo da antiga Roma!...

Os Cesares são substituidos pelos pontifices romanos; e, para mais facilmente dominarem todos os povos da christandade com o mais absoluto imperio, concebem o nefando projecto de unirem o poder temporal ao espirital! Ao famigerado Hyldebrando, depois Gregorio VII, cabe a gloria de realizar o pensamento dos seus antecessores.

Roma está definitivamente senhora absoluta de todo o mundo; o seu poder não concebe limites!...

Os principes christãos são pura e simplesmente feudatarios da Sé Apostolica. E ai d'aquelle que sem resistencia se não submete ao jugo, porque uma tremenda excommunhão o espera, e com ella a perda de throno e da sua importancia politica.

Sancho II cae fulminado, e não mais se levanta; a Curia Romana dispõe do throno vago, mandando que seja occupado por Affonso III!...

Henrique IV d'Allemanha, que tivera a louca e arrojada pretensão de depor Gregorio VII, vae depois a Roma rojar-se-lhe aos pes, pedindo-lhe perdão!...

Se algum malaventurado ousa confrontar os principios proclamados pelo Christo com o modo de proceder dos pontifices, é anathematisado pela igreja dispersa, ou reunida em concilios; e o anathema naquelles tempos era a morte do infeliz que o soffria.

A força das armas nada pôde ja contra o prestigio religioso da hierarchia ecclesiastica!

O poder papal interpreta a seu modo o evangelho, e so essa interpretação é a verdadeira; porque as decisões da igreja são infalliveis, ou antes as decisões dos papas, visto que elles são os chefes da igreja.

Num tal estado de cousas não podia o espirito humano deixar de se conservar acanhado, e limitado a um mui restricto horizonte; o arrojô das almas elevadas e fortes era suffocado pelo peso das censuras: so a igreja tinha o direito de pensar.

Mas a humanidade marcha, marcha sempre; o progresso, se encontra obstaculos, não soffre intermittencias prolongadas. Se não se pôde pensar de dia, pensa-se de noite; se os productos do pensamento se não manifestam á luz da publicidade, apparecem protegidos pela sombra, que bem depressa se fara luz...

Que importam as perseguições feitas a Copernico, Galileu e Descartes?... Os productos

do espirito escapam sempre á violencia bruta da materia...

Estes philosophos fazem uma revolução quasi completa no mundo scientifico; as impertinentes questões metaphysicas foram cedendo o campo á philosophia experimental, a unica de que se podem tirar algumas vantagens. O methodo de observação supplanta o syllogistico, sempre esteril, quando desacompanhado da observação dos factos.

As sciencias vão-se pois emancipando, e com ellas a humanidade: deixam de ser privilegio da classe clerical, a quem não convinha dar-lhes extensos limites.

A importante reforma feita nas sciencias, e o desinvolvimento progressivo do homem moral, produzem a reforma nas ideias religiosas, que tanto se afastavam do verdadeiro espirito do evangelho.

Luthero, frade agostinho em Erfurt, é o primeiro que leva o terror e o espanto ao centro do catholicismo. As suas doutrinas, ferindo no coração os chamados direitos do Papa, e atacando até muitos dogmas, maravilham uns pela sua audacia, e acham noutros milhares de pro-selytos.

O dogma das indulgencias, origem da manifestação de Luthero, segundo alguns publicistas, foi o primeiro que elle atacou. A sua audacia ja não conhece limites; escreve contra o poder temporal dos Papas, impugna o celibato e os votos religiosos, argumenta contra a hierarchia ecclesiastica, e não conhece outra auctoridade, senão a dos livros sagrados, que elle interpreta e traduz!...

Débalde Leão X o manda comparecer em Roma; débalde faz queimar pública e solemnemente todos os seus escriptos como hereticos: Luthero tira a desforra, queimando na praça de Wittemberg a bulla que o anathematisava!...

A igreja reúne-se em concilio na cidade de Trento; mas não consegue mais, do que Leão X.

A heresia lavra ja por toda a Allemanha, e em breve se communicará ás terras do occidente.

Em França, Calvino abraça a reforma, e simplifica ainda mais as ja simples doutrinas de Luthero. Débalde virá um horroroso S. Barthelmi, e a impolitica revogação do célebre edito de Nantes: a revolução é completa.

Os espiritos estão definitivamente libertados da pressão e do influxo religioso; a liberdade de consciencia é reconhecida como um direito do homem.

(Continúa).

Coimbra, 10 de fevereiro de 1864.

A. Eduardo de Moura.

O SONASGO

Ensinemos nós o povo;
que a moral virá depois.

O auctor

I

Padre, o que fazes sosinho
co'teu rosario na mão?
De noite por tal caminho!
que negra a tua missão!

Ficaram padres no côro
e foges da oração!...

Ai! que soluços! que chôro
te sahem do coração!

Que tens tu, meu sancto frade
que assim te pões a chorar?

Algun segredo... e quem ha de
fazer-te assim caminhar?

Ouve-se alem no mosteiro
os teus irmãos a orar
e tu perdido romeiro
por ésta serra a vagar!

«Quem me pergunta o que faço?
«quem nestes montes fallou?
E foi seguindo o seu passo
até q'a um povo chegou.

II

Bateu á porta d'um pobre
veio o pobre sem demora
«não ha da ceia que sóbre
«para quem vem a tal hora?»

Correu uma e outra porta
de dentro ninguem fallava;
par'cia que estava morta
a gente que alli morava!

Todas as casas correu
te que nas pedras da rua
sentou-se, quando appareceu
no ceu a brilhar a lua.

Ergueu-se o pobre do monge
em roda olhou, ninguem viu.
Fitou os olhos ao longe
poz o capuz e partiu.

Foi-se direito ao mosteiro
o bom do frade a pensar

porque não teve hospedeiro
no povo onde foi dar.

III

Tres noites e mais um dia
passou na cella a resar.
Não fallava nem dormia,
era um continuo scismar.

Tanto scismou que 'num dia
sahiú sosinho a prégar.
No povo ninguem havia
que o não viesse escutar.

Depois escolhas fundou
no vizinho povoado.
Por fim ninguem la passou
que não fosse agasalhado.

J. Simões Dias.

CONTOS DA THIA CECILIA

Uma aventura

III

Tinham soado na torre da aldeia onze horas e tres quartos. Todos os rapazes eram reunidos: e concordava-se no modo de todos reconhecerem no dia seguinte em como Antonio o Duque fôra ao cemiterio.

— Está decidido! Disse o *Zé Conde*. Irás la espetar uma estaca e aqui te esperámos, e depois vens dormir comigo, de modo que não te largarei até amanha.

Estas palavras mal eram ouvidas a pouca distancia, pois um vento fortissimo zunia pelas fimbrias dos edificios, e bem era sobranceira uma medonha tempestade.

Antonio o Duque, ancioso e com medo que sempre heroicamente dissimulou, esperava o último quarto d' hora passado: com a estaca na mão e um masso estremecia, quando lembrava as palavras de Rosa e o conto da thia Cecilia. Esses dictos cynicos de seus amos ja lhe tinham varrido, ou, se os lembrava, era para mais crer na falsidade d'elles. Estava pois escrupuloso como o é uma consciencia rustica. Finalmente batem quatro quartos, e a cada uma das horas da meia-noite o sangue se agitava nos vasos, e um péso desconhecido parecia vergar-lhe o peito.

— Ao adro! Ao adro! Gritaram os camponeses.

E Antonio, chamando a si todas as suas forças, embrenha-se 'num caminho algum tanto estreito, que o conduziu a uma collina algum tanto erma, onde era sita a igreja. Ao chegar ao cimo da collina, parou o campino para respirar livremente: e applicou o ouvido para escutar... Nas correntes de vento vieram-lhe conduzidas, em suaves accordes, as seguintes quadras que seu coração bem advinhou de quem eram:

«Minha mãe, Nossa Senhora,
Eu vos amo, minha mãe;
E que vós olheis agora
Para a que soffre tambem!»

Meu amante pois sem medo
Ai! se esquece do serão,
E do candido segredo
De meu triste coração!»

Antonio reconheceu que a voz se aproximava, e continuou a escutar:

«Ai! do cemiterio foge,
A meus braços vem cahir,
Que a ventura minha d'hoje
Deus m'a livre no porvir.

Minha mãe Nossa Senhora
Eu vos amo minha mãe,
E que vós olheis agora
Para a que soffre tambem!»

O vento mudou momentaneamente de rumo: Antonio não ouviu mais que o ciciar monotono das florestas vizinhas de mistura com o pio lugubre e aterrorisador das aves noctivagas. O campino suspendia a respiração e vacillava, se devia ir ao cemiterio, se voltar para o seio dos seus companheiros que lhe chamariam cobarde! Este último pensamento lhe dá algum ânimo que logo é resfriado por um relampago intenso e inesperado, que lhe allumiou os altos muros do cemiterio, onde sua imaginação phantasiava phantasmas! E em seguida os seus ouvidos se desarranjam ao echo quasi sumido mas terrivel do trovão que do largo horisonte avançava. Cabiú quasi, no chão, desfallecido quando de novo lhe chegou aos ouvidos a voz de ha pouco vibrada e agora bem proxima:

.....
«Resarei Ave Maria
Se mal *lhe* não succeder

Vinte e tres em cada dia
Neste mundo, se eu viver.

Irei d'hábito — romeira —
À festa da Nasareth
— Passarei a noite inteira,
Da vossa imagem ao pé.

Deporei o cordão d'ouro
Em vosso collo a brilhar
Ai! e meu cabello louro
Hei de la il-o aparar!

Tantos annos a promessa
Cumprerei quantos viver;
O padre que me confessa
A missa ha de dizer.

Minha mãe Nossa Senhora
Eu vos amo minha mãe;
Se me abandonaes agora,
Eu morro agora tambem!

A voz se calára: um relampago mostrára a Antonio na collina fronteira, a imagem bella e melancolica de Rosa-Branca que se encaminhava para o cemiterio. Antonio clama:

— Vamos; um anjo resa por mim!

E avançou para o cemiterio.

Mas Rosa-Branca caminhava apressada e cessára de cantar, pois se horrorisára ao relampejar vasto e ao ulular da trovoadá que se approximava. Desce a collina para subir para a rampa, em cujo cume era o cemiterio, e estreinece de horror e dá um grito rouquenho, quando de repente, depois de um intervallo de silencio durante o qual mais se não ouvia, do que o ciciar das árvores e o cahir da chuva e o estampido d'um trovão que estalara nas nuvens secco e retumbante como o tiro do peça.

Rosa-Branca parecerá atravessada por descarga electrica: cahira quasi desmaiada, ergue-se pallida e quasi cadaver, e como doída sobe a rampa e entra no adro-cemiterio...

Tudo é escuro... tudo é silencioso... A donzella deseja um cirio que lhe allumie aquella escuridão; uma oração mental eleva á Virgem para mandar um relampago. E a luz electrica veio, e mostrou a Rosa-Branca ao lado de uma estaca espetada um vulto deitado...

— Antonio! Gritou a donzella com a força e sentimento d'um coração que ama.

O corpo em balde tentára reanimado erguer-se; um estrondo identico ao do lenho que cae no valleiro, certificou Rosa-Branca que estava ao pé de um cadaver.

A rapariga cae sobre o corpo do amante, chama-o; mas quando acha a face gelada, os labios frios, o coração sem pulsar, dá um grito d'intima agonia, que foi ouvido pelos rapazes que estavam no terreiro da aldeia esperando pelo Antonio Duque. Os campinos ao ouvirem o grito correm uns apos outros para a egreja. Ao entrarem no adro, allumiados pelo clarão dos relampagos, notaram dois rostos cadavericos conchegados um ao outro. O aspecto do homem era feroz, era do proprio condemnado que a corda estrangulou: o da mulher exprimia a intensa agonia da amante que bebeu no coração congelado do amante o hálito da morte!

Hoje quem na aldeia de... assistir d'inverno aos serões, ouvirá pouco mais ou menos esta historia que escrevemos como podemos dos proprios labios da thia Cecilia. So ella accrescenta a seguinte conjectura — que Antonio entrára no adro, medroso em excesso, e que, ao espetar a estaca á pressa, espetára tambem a ponta do gabão. Depois, quando se queria vir embora, achou-se preso sem saber como: que havia de pensar uma alma timorata naquelle ensejo? Não podia deixar de ser — eram as almas do outro mundo que o agarravam, era o satanaz que o queria arrastar para o inferno. Ora o Duque colhéra medo a essa prisão a tal ponto, que de medo morrera.

— E que Deus se compadeça de sua alma, accrescentava sempre no fim do conto a thia Cecilia, derramando uma lagrima.

Heresta do Vaticinio.

UM QUADRO SOCIAL

(Continuado de pag. 89)

Felisberto andava triste; supposto comesse por duas pessoas de bom estomago, dotado de valentes forças digestivas, diziam comtudo as criadas da casa que o sr. Felisbertinho (chamavam-lhe assim, apesar dos seus trinta e cinco) trazia muito fastio.

É que o Felisbertinho a comer, era ordinariamente um Felisbertão; quero dizer, comia elle so, á sua parte um jantar bem servido para quatro que comem soffrivelmente.

Assim vê-se, que elle, se não tinha incommodo de corpo, teimára em alguma ideia que lhe dava que entender. E teimava. Era o caso.

Um dos irmãos que seguira a milicia, que

serviu por annos no continente, sujeitou-se a ir para as nossas possessões d'Africa, com a esperança de que em breve seria transferido para o continente, mais graduado. Demorou por lá uns dois annos, e nesse tempo tomou amores (quem o diria!?) com uma negrinha.

Ao cabo de um anno tinha elle uma filha, fructo d'aquelles amores, e voltando a Portugal trouxe-a consigo. Que lhe importava a elle que nas veias da filha corresse sangue africano? Era pae, e o amor paterno não olha a cores.

Um filho, qualquer que seja a raça a que pertença, é sempre parte do coração de pae, e não póde este, a menos que não tenha descido da condição de homem, deixar de amal-o. Antonio, pois, queria muito a Maria (assim se chamava) como filha que era, e os parentes respeitavam-na em consideração ao pae, que se dizia trouxera muito dinheiro.

Pesava isto muito na balança das considerações: os parentes esperavam preciosos donativos. Felisberto, não. Não era homem que deixasse de se mostrar qual era com o fito no interesse, que do irmão lhe podesse vir.

Deixou ver logo o seu descontentamento e desapprovação em o irmão apresentar em Portugal e na terra natal uma filha mulata, que elle considerava um desdouro para a familia. Não se abriu porém com elle, a quem, por ser mais velho, respeitava.

Antonio viera a Portugal a ver se se restabelecia de incommodos de que padecia. Aconselharam-lhe os medicos que viesse a ares, meio de que frequentes vezes se serve a medicina, quando não atina com os padecimentos do enfermo!

Eram passados poucos mezes desde que Antonio chegara á patria, e ja a sua familia vestia de lucto. É que Antonio succumbira aos seus padecimentos.

(Continúa).

Abel P. do Valle.

TESTIMUNHO DE GRATIDÃO!

Se uma boa acção é sempre um motivo de consólo para a alma d'aquelle que a practica, não é menos o reconhecimento d'ella uma grande satisfação para a alma d'aquelle que a recebe. É porisso que, cedendo aos impulsos da minha consciencia, que sem ésta expansão de reconhecimento, nunca seria tranquillá, venho hoje num estreito abraço apertar ao coração aquelles de meus amigos e irmãos, que, na triste quadra, por que acabo de passar, mais me pinhoraram

com suas palavras de consólo, seus offerecimentos e serviços em favor de minha saude e interesses.

Deus vos cubra a todos de benções no ceu, como vós cubristeis de consolações o meu leito de agonia! Nas tantas dedicações que me dispensastes, bem mostrastes que sabeis comprehender o quanto é de horrorosa a situação de quem se ve so' neste mundo a braços com os rigores da sorte, sem patria, sem familia, sem ninguem!

— Deus vol-o pague!

Summamente penhorado para com todos, não posso deixar de nomear aqui o meu, jamais esquecido amigo, Pedro Alves Rei.—

— É a elle talvez, depois de Deus, a quem devo hoje alguns restos de vida. — Na maneira officiosa por que se prestava a passar noites inteiras juncto do meu leito, subministrando-me os remedios por sua propria mão, bem me mostrou o amigo, que lá dentro se lhe esconde uma alma tão grande e nobre como é nobre e grandioso o seu nome! O amigo que assim se sacrifica por outro é um verdadeiro *Rei*. Talvez que se cingisse á frente uma coroa e empunhasse um sceptro não merecesse tanto este nome, porque o brilho do sceptro e da coroa, cegando muitas vezes a magestade, não deixam ver do alto do throno as lagrimas, que ca correm em baixo no pó! E lá so chega o pranto do infeliz, quando é levado nas azas do patronato, ou arrastado nas ondas da lisonja e da adulação fementida! Involvamos num veu de reticencias este fel que nos quer correr da pen-na.....

E é tambem verdadeiro *rei* o amigo que enxuga a outro amigo a lagrima que lhe escalda as faces mirradas pela febre do soffrer!...

Rei! mas *Rei* pela nobreza d'alma! *Rei* pela virtude!

Que a tua modestia se não offenda, amigo *Rei*, que é tambem nobre o prestar culto á virtude.

A todos um abraço de gratidão eterna envia

F. A. Duarte de Vasconcellos.

Coimbra, 15 de fevereiro de 1864.

CHRONICA

Amaveis leitoras. — Ao levantar-me do leito da dor, d'esse sepulchro de vivos para onde Deus, castigando os meus delictos, se dignou arrojarme ha tanto tempo; mal podendo suster ainda no braço enfraquecido o leve pêsso da penna; que poderei dizer-vos, amaveis leitoras, que vos promova interesse?! Podia, é verdade,

apresentar-vos em estylo lamuriante e lacrimoso, o ordinario do meu infeliz viver — se é que tenho vivido! — de vinte dias de continuos soffrimentos, que me têm parecido vinte seculos de angustiosa existencia: e talvez que a minha elegia não viesse fóra de proposito, quanto ao tempo, por estarmos na quaresma; mas quanto ao logar?! o da chronica é tão improprio e presta-se tão mal a *sermões de lagrimas!*

Mas ainda assim, piedosa leitora, não posso resistir á tentadora lembrança de vos apresentar aqui, mas em breves traços, *au galop*, como diria um francez,—um quadro todo digno de dó e compaixão, como aquelle que offerece a doença d'um estudante em Coimbra.

Se tendes um coração demasiadamente sensível, e vos não julgaes com forças sufficientes para lhe encarar, sem estremecer, o carregado das sombras, retiraes-vos antes que eu lhe erga a ponta do veu que vol-o encobre; não! não quero ver-vos manchado o setim das faces com lagrimas de sangue!

Se tendes coragem bastante para suster as lagrimas, que hão de ser teimosas em querer saltar-vos dos olhos, vinde commigo, acompanhae-me até ao leito do enfermo.

Entrae por essa porta carunchosa, que na maneira por que se vos apresenta — meia-aberta — parece querer convidar-vos a entrar, e dizer-vos compassiva que la dentro está quem soffre: é o unico ente que alli solta, de vez em quando, um ai de compaixão, quando agitado pela frigida corrente que trepa pela escada, roda sôbre os velhos ferrugentos gonzos! E quem sabe, se até a mesma porta chorará de frio, se de dó? Quem sabe se os ais que ella solta tão queixosos serão filhos da mentira, como os suspiros tão bem fingidos da hypocrita servente? Mas sejam ou não estudados nas eschololas das Pulquerias, das Genovevas, das Narcisas, das Gervazias e... das Poncias que tanto abundam nesta terra, o certo é que so a gemedora porta alli se encontra deplorando em seus queixumes a sorte do misero filho de Minerva! Mas deixemol-a continuar com suas nenias falsas ou verdadeiras, e entremos ja para dentro.

Eil-o, o *vosso* martyr, entre quatro paredes tão nuas, tão despidas de adornos como a sua alma o está das illusões do mundo! vede-o e contemplae-o hirticamente estendido sôbre um *faminto* enxergão, que, pretendendo fugir das companheiras tábuas, com quem ha muito se debate em rixa aberta, parece querer ir devorar toda quanta palha se aloja nas *baincas* do Castello.

Ornam o aposento uma mesa de pinho pintada d'azul, e duas cadeiras da mesma materia e cor. Irmans-gemeas, ninguem seria capaz de differencal-as na infancia, vendo cada uma por sua vez; hoje, ja quasi no último quartel da vida, até um cego as póde facilmente distinguir. Quando *moças* divertiram-se bastante, e d'aqui resultou perder uma uma perna, e a outra duas *costellas* d'um lado.

Póde V. Ex.^a servir-se da *cóxa*, que para melhor commodidade, lhe encósto á parede, em quanto eu me *colloco* na *corcovada*, que por seu mau estado physico me não concede licença para me recostar para traz.

Aqui tem V. Ex.^a tres companheiras inseparaveis do estudante, desde que entrou em Coimbra com a grammatica do José Vicente debaixo do braço, até que sae, levando a tiracól as cartas de bacharel formado.

Ai! e de quantas *datas* de *colicas* são ellas testemunhas?!

Sôbre a classica mesa (a), em cujo azul o filho da sciencia contempla de continuo o lindo ceu d'um futuro esperançoso, através das *nubellosas* leis do *Digesto*, e das *carregadas* sombras da *sebenta* (b), tomam agora assento, em vez das *Pandectas* e das *Institutas* de Gaio, uma chavena de caldo de gallinha, saturado de *chlorureto de sodio* (desculpe V. Ex.^a os palavrões; é que não quero que a servente me entenda, ainda que me ouça, que me lançaria o fogo!) e algumas garrafas que inculcam conter remedios, como se deprehende facilmente dos rotulos que dizem assim:

PHARMACIA

DE

LUIZ ANTONIO BOTELHO DE VASCONCELLOS

Rua Larga n.º 4;

é mais — pelo meio — umas garatujas, que se não lêem, e que servem so para esconder ao doente o segredo da molestia.

E o doente? Ninguem lhe ouviu ainda um gemido! Se chora é em silencio, porque sabe que em volta do seu leito não ha um coração amigo onde os seus ais encontrem echo; sabe que não ha alli a mão da mãe carinhosa que lhe revolte as palhas do leito, e que lhe amaine com uma séde d'agua os ardores da febre,

(a) Academicamente *banca*.

(b) Chama-se assim a lição lytographada, ordinariamente redigida por um dos melhores estudantes do curso, a incumbencia dos mais condiscipulos, que lhe dão por gratificação a *modica* quantia de 600 réis por mez cada um, uma boa rebecada quando não sae bem feita, e sôbre tudo o *brilhante* epitheto de *sebenteiro*.

nem o anjo de seus sonhos que lhe sorva em doces beijos d'amor as lagrimas que lhe affluem á flor das palpebras! Sabe que nada ha alli, e porisso esgota em silencio o seu calyx de amargos soffrimentos.

Agora que V. Ex.^a acaba de presenciá' neste desprezo e abandono um dos quadros mais singelos, mas ao mesmo tempo, talvez o mais tragico e tocante da vida academica, podemos, se lhe apraz, retirar-nos.

— Veja, minha senhora, por que preço nos fica esse tropheu de gloria que aqui comprámos por lagrimas de sangue, para irmos depois lançar aos pes d'uma mulher, que nos diz por entre um sorriso d'estupido cynismo — «levanta essa insignificancia que não vale sequer o brilho do meu ouro...»

— E não terei eu razão bastante para chamar *vosso* martyr ao homem que por vós percorre a senda do seu calvario, para depois o pregardes numa cruz!?

Mulher! em po se torne o teu ouro, se julgas que o homem ensanguenta os pes na senda da vida seduzido pelo seu fulgor!

Que mundos d'ouro ha ahí que valham uma so lagrima, das tantas que o homem chora ao atravessar este sérro escabroso da existencia!

Por um raio dos teus olhos, sim! um mundo de martyrios!

Por um riso dos teus labios, sim! um inferno de tormentos!

Por um dos teus cabellos lourós, sim! arrastado até aos confins do universo!

Mas pelo fulgir do teu ouro?! Nem um so passo!.....

E foram os teus finos cabellos louros, que ainda me prenderam á existencia, e me detiveram á beira do abysmo, para onde me sentia arrastar no auge da desesperação, pelo anjo mau do suicidio, que estendia as suas azas negras por sôbre o meu leito d'agonia!

E foi um sorriso dos teus labios que me tornou a dar a vida que me fugia!...

E foi á luz dos teus olhos que eu tornei a ver o ceu; e, la por entre as nuvens da noite, — da minha negra noite! — vi reluzir ao longe, — muito ao longe! — uma estrella de esperanza, que, apontando-me para o futuro, me dizia na energica expressáo de seus raios: — «Ergue-te d'ahi ainda; cobra alento e caminha.» —

E eu, obedecendo á voz da minha estrella, levantei-me do leito, revesti-me de coragem, lancei mão do bandolim, — o meu «bordão de peregrino» — e pondo-me a caminho para as regiões do futuro, fui-me cantando assim:

OUTRO CEU?

A M. C. . . .

«Não me encantam do mundo os montes d'ouro que não têm para mim algum valor!

Mas seduz-me do teu cabello louro

Esse brilho que tem do ouro a cor!...

É longa a minha noite, e não desmaio...

Qu'inda guia uma luz os passos meus...

— Meiga luz vinda do ceu presa num raio

Que me enviam de la os olhos teus!... —

.....E sinto-me voar ao paraizo

Nas azas do mais doce talisman,

Se descerras os labios num sorriso

Tão lindo como o riso do manhan!

Oh! se um dia no mundo venturoso

Dos encantos gosar que Deus te deu,

— Se dois ceus póde haver, serei ditoso

Achando depois d'este um outro ceu!...

1863.

E o caso é que o passeio começou a aproveitar-me tanto, que ja no dia d'Entrudo pude ir ao baile de mascarar.

Enchente na plateia extraordinaria — camarotes desertos — *costumes* os do costume, sem gosto, nem significação, excepto uma *concha* que la appareceu, onde todos cuidavam que vinha peixe, mas d'onde, com grande desapontamento, viram sahir apenas um *animal amphibio!*... Musica, a monotonia do costume — A dança tocou o *delirio!* —

Quanto a espirito e originalidade podemos dizer dos mascarar de Coimbra, como diz de todos os de Portugal, o illustre folhetinista do *Monitor* — «Les masques spirituelles sont bien rares en Portugal, et dans leur babillage, il n'y a pas un bon mot, qu'on puisse citer.

«Les allusions sont toujours vulgaires, et la pensée en est dans toutes les bouches, et dans toutes les imaginations «connaissez-vous moi?»

«L'originalité y manque, mais cependant, c'est incroyable, tout le monde en rit et personne n'a l'idée de s'écrier: «Quelle banalité!» «Que sémaboria!» como nós diríamos.

Tambem ja pôde ir acompanhar á última jazida os restos mortaes de nosso irmão e collega, o estudante de preparatorios Julio da Gama que teve o mau gosto de se suicidar, envenenando-se com acido arsenioso.

«Era filho do Brasil, e moço de muitas esperanças, com grande e decedida vocação para a poesia, como é tão natural aos filhos «d'essa terra abençoada, onde, como tão bem diz Pinheiro Chagas, a poesia fluctua na atmosphera por entre as ardentes emanações d'uma natureza esplendida, e cujo férvido sol faz florir os poetas no seio dos seus habitantes, como faz brotar os diamantes nas entranhas do seu solo.»

São muitas e mui variadas as explicações, que correm ácerca do motivo que levou o manco a praticar um crime tão horroroso, reprovado por todas as leis naturaes, divinas e humanas.

Entre outros corre tambem que elle voára prêso aos *cabellos louros* d'uma prima, que ainda ha pouco o prendia, com tão *dourados laços*, á existencia, e que agora por elles ainda o arrastava para juncto de si no ceu!

Quem acaba de dizer, que prêso a uns *cabellos louros* se deve ir até aos confins do universo, não pôde reprehender agora o voo audacioso da ametade d'essa alma que tinha a outra ametade no ceu! Deus lhê abra as portas do infinito e o receba em seu seio de infinita misericordia!

E ahí fica uma chronica que vale por tres... Julgo portanto saldadas as contas com as amaveis leitoras.—Et par cette nuit, je vais finir tout-à-l'heure. Ne vous fâchez pas, monsieur le lecteur! Vous en prie

Le chroniqueur.

EXPEDIENTE

Finda com este número o primeiro trimestre da publicação d'este jornal.

A redacção pede aos srs. assignantes se dignem continuar a coadjuval-a na sua sancta cruzada. Tem quasi a certesa de que nem um se recusará a um pedido tão justo; no entanto avisa áquelles srs. assignantes que não quizerem continuar com a sua assignatura, tenham a bondade de o participar ao *administrador responsável*, satisfazendo a quantia de 420 réis, importe dos doze números sahidos.

O silencio será tomado como manifestação de continuação, assim como não tera logar a reclamação depois da publicação do n.º 13; pois que isso traria consigo desperdicio de exemplares, e transtórno ao serviço do jornal.

Estão a dar-se á estampa novamente alguns números, cujas tiragens se esgotaram; aquelles senhores que tiverem alguma reclamação a fazer neste sentido, queiram dirigir-se ao *admini-*

strador para dar as devidas e promptas providencias.

Tambem se pede desculpa por alguma irregularidade que por ventura possa ter occorrido no serviço do jornal, devida ao mau estado de saúde do seu *administrador*. Hoje que ja se acha melhor, melhor andará tambem d'aqui em diante o mesmo serviço.

Pedimos a alguns senhores assignantes d'Aveiro tenham a bondade de mandar satisfazer quanto antes o importe de dois mezes (oito números 280 réis) por que assignaram a *Chrysalida*, para nos não collocarem na dura necessidade de lhes publicarmos os nomes.

Todos os senhores podem satisfazer pelo meio facilimo das estampilhas do correio.

Esperámos do cavalheirismo de todos alguma attenção para o que deixámos escripto.

A redacção.

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

FATALIDADES DO AMOR

POR

A. G. da Silva Sanches

COM

Uma carta-prefacio

POR

J. Simões Dias

Acha-se á venda nas principaes livrarias do Porto, Coimbra e Lisboa.

ODES DE HORACIO

Mandadas adoptar nos Lyceus pelo conselho geral de instrucção pública

POR

Antonio Maria d'Almeida Netto

Em frente de cada Ode se acha a coordenação das palavras em harmonia com a traducção. São precedidas de explicações, notas e exemplos de medição, e d'uma breve noticia da vida de Horacio.

Assigna-se: — Em Lisboa, Silva Junior & C.ª, Praça de D. Pedro.

Porto e Coimbra, Viuva Moré, e na Imprensa da Universidade.

Vizeu, Francisco Gomes Pinto, ao Arco.
Preço 550 réis, franco de porte.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.



PHANTASIA

Densas eram as trevas, medonha a cerração. Sibilava o norte e a tempestade aproximava-se com o seu côro de harmonias infernaes, e um sequito de pavor e ruinas!

Vergava o chopo, curvava-se o altivo carvalho, e a folha tremia no alamo, como se de subito a accommettêra sezão de medo.

Por sôbre estes rumores surdos, que prendem a tormenta, elevava-se a voz majestosa e immensa do oceano, orgulhoso em suas fúrias, como o leão que se ve humilhado e pequeno encerrado na jaula, para onde a mão do homem o levou.

Os elementos interrogavam-se experimentando forças, á espera de que Deus lhes dissesse: — chegou a vossa hora, desencadeai-vos!

Havia agitação na natureza e como que receio em toda a criação; so o homem, verme que se dissipa com um sópro de Deus, mas athleta pelo espirito, preparava-se para a lueta com um indifferentismo de atheu...

Homem de que és tu capaz? Quem manda a zombaria a teus labios, se ante os teus olhos parece a terrã anniquillar-se?!

Insecto que te rebellas contra o poder do Senhor, curva-te á sua voz, que falla no echo magestoso das tormentas!!

Estava magnificamente adornado o salão: a luz que sahia em jorros das serpentinas de prata, prestava aos rostos mil esplendores diversos — uns como reflexos phantasticos, cheios de feiticeiras seducções.

Os sons da orchestra suffocavam os ruidos da tempestade, e no redemoinhar da valsa perdia-se o vosear confuso do trovão, ao passo que os relampagos empallideciam nas vidraças com o vivo reflexo das luzes.

Estava-se no ardor da festa: as flores elanguesciam, pendidas na frente da donzella, e mais de uma roza se desfolhava ao contacto abrazador das mãos, e ao sópro ardente dos labios sedentes de mais gôso.

De todos os olhos reverberavam faiscas de

entusiasmo e delirio; nem uma so fronte se curvava sob o peso de um fugitivo desgosto.

Era alli o reinado das chimeras, onde ainda o desengano não tivera partilha; mais tarde porém, viria a realidade roubar a um as illusões mais queridas e afagadas d'aquella noite, quebrar a outros o prisma feiticeiro, que a sociedade sabe collocar sôbre as suas mais asquerosas misérias!..

Entretanto que não chegára essa hora para todos fatal, muitas cabeças se embriagavam com o perfume invenonado de uma alegria ephemera e passageira!

Palavras d'amor, juras e protestos, todos os labios sabiam formular, e todos os ouvidos escutar com avidéz.

As rainhas da festa, (havia mais que uma no salão) porfiavam em colhêr coroas no olhar submisso dos mancebos, chamados invulneraveis, que ora num simples sorriso, se lhes iam rojar aos pes como obedecidos vassallos!

Era aquella uma realéza muito disputada e com inveja repartida...

Por toda a parte se viam sedas, veludos, plumas, riquissimos estofos e brilhantes pedrarias.

Qualquer donzella se adornava com éstas magnificencias, sem se lembrar de que ellas eram o suor de muito rosto, o pão de muita familia, lançada neste mundo a todos os horrores da fome e da miseria! Como porém ir-lhes dizer taes coisas, se para todos o universo estava nagnelle salão, e a vida se resumia na noite que rapida passava em gosos e delicias?.

Entretanto a tempestade bramia, mas seus rumores não chegavam até alli. Na sala confusão e ruido, la fóra desordem e ruinas, tudo se misturava em horrivel cahos!

Que é um baile senão uma tempestade num salão, de onde poucas pessoas sahem illesas, como entraram!

Tempestade é esse mar de cabeças agitando-se como as ondas se incapellam; esse sussurrar de vozes em trocadilho de palavras mais ou menos innocentes, mas sempre banaes; o ruido da orchestra, a desordem, a agitação, e finalmente, todo esse compacto de paixões discordes: o ciume, a inveja, a emulação, o odio, o amor, ruidoso tumultuar de ambições mesquinhas e desejos vãoos, que uns aos outros se hostilizam e guerreiam.

Um baile é pois um cahos, que hoje amamos porque nos deleita e embriaga, e amanha aborrecemos, porque so confusão, desordem e tedio, deixou em nosso espirito.

Eis uma face da sociedade, ao que parece

risonha e matizada de flores: olhae agora o inverso da medalha, achais so miserosas e desgraça.

Em quanto a turba alegre e desacidada folga e ri 'naquella sala aborrida pela embriaguez do que era; em quanto se soffoca com o calor das luzes e das luxuosas alcatifas; em quanto ricos taboleiros de preciosos manjares, e custosos vinhos giram de continuo, desafiando o appetite ja de ha muito saciado; descei ao atrio do palacio, transponde seus humbraes; que védes, que ides procurar ahi?..

Horrorisa-se a alma, menos bem formada!! Ante vós avulta um quadro de miseria e dor! é a reunião dos desgraçados, aos quaes não chega um raio da fortuna que coroa a fronte do rico!

A indigencia espera de mãos cruzadas ás portas do rico;... um pontapé do seu laçao!.....

A chuva cae em torrentes, o norte fustiga com desabridas rojadas as faces cadavericas e ossudas de um espectro semi-phantoasma semi-mulher, para quem todas as vicissitudes da desgraça, todos os horrores da fome e todos os martyrios da miseria são conhecidos! Creatura fadada para os grandes martyrios, passou ja no mundo por todos os degraus da escala do infortunio!

Conheceu a grandeza, o fausto, o luxo; todas as regalias que o ouro procura e so o ouro da, com ellas nasceu.

A primeira vaga d'este oceano chamado sociedade, a arrancou dos braços de sua mãe, do seio de sua familia para a impellir apos os passos de um homem, que tinha palavras de irmão, desvellou de amante, e que jurára sobre a Cruz, d'amar esta falta, pagar esta dedicação, recebendo-a por esposa, ante os altares.

Eis a Eva comendo o fructo prohibido, levada pelas caricias da serpente.

Começa agora o castigo de Deus, ou antes a sua justiça; o paraizo fecha-se para sempre, e em troca abrem-se os abysmos do mundo!!

Para que seguiu esta mulher por todos os atalhos de sua triste e misera carreira?! dedo de fogo do inexoravel destino! gravara-lhe uma terrivel sentença, não na parede como no festim de Balthazar, mas na alma para seu eterno supplicio.

Mundo que tristes são os teus exemplos, e e horriveis as tuas lições!

Eil-a agora que passa, e rides e não a conheceis; a rica, a formosa a requestada de outra, sera esse esqueleto ambulante que se cobre com andrajos repellentes e immundos?!

A fome devora-lhe as entranhas, a febre gy-

ra-lhe nas veias, queimando-lhe o sangue, e comtudo seus membros tremem de frio, ao contacto d'estas gotas glaciaes que lhe caihem sobre os hombros nus! Não a assustam as ameaças dos laçaios, nem a intimidam seus pungentes e grosseiros sarcasmos: de pe encostada ao humbral da porta, prega os olhos avidos 'naquellas vidraças d'onde manam jorros de brilhante luz!

A tempestade, não a ouve; passa por ella pesa-lhe sobre a fronte, sem a presentir; em verdade que são esses ruidos exteriores, a par das infernaes harmonias que lhe vão n'alma?!

As desordens da natureza emmudecem em presença d'um cahos de horriveis torturas!..

Os labios do phantasma movem-se, de sua garganta sahem sons que se convertem em palavras entrecortadas e sacudidas....

Oicamol-a.

(Continúa).

Henriqueta Elyza.

UM NOIVADO DE SANGUE

É ella! a noiva! ella a mais formosa,
Que lindo noivo tão gentil que tem!...
Os outros dizem que elle é bem ditoso
Feliz na posse de tão grande bem.

Almeida Braga.

Em abril de 1860 estava eu na villa de....

Por uma bonita tarde passeavamos algumas senhoras e cavalheiros em uma quinta que fôra de nobres fidalgos, nobres e antigos como o castello, quasi ruinas, que a dominava.

Eu sentara-me em um banco de pedra em frente de arruinados torriões, e em roda de mim tudo eram folgares em que a tristeza, que aquellas memorias do passado relevavam, me não deixava tomar parte.

Uma amiga minha veio perguntar-me em que pensava.

— Na incuria — lhe respondi — dos donos d'este castello.

— Parece-me, minhas senhoras — exclamou um cavalheiro edoso que estava ao pe de nós — parece-me que, como tantos outros, ignoram a historia que essas ruinas nos conservam.

— Historia!.. De certo ignorámos.

— É bem triste! sanguinolenta até!... — tornou o cavalheiro sem conter um suspiro.

Não o deixámos mais, e com nossas instancias obrigámol-o a contar-nos o que vae seguir-se.

Não é um romance; não é mesmo uma historia; é uma narração.

O sr. Vasconcellos começou assim =

— D. Ambrozio, o dono d'este castello, era um dos mais antigos fidalgos de Portugal.

Nobre por sua linhagem e virtudes tinha respeito e veneração de quantos o conheciam.

Mas, se suas qualidades lhe grangeavam estima e respeito, não poderam todavia desviar de sua encanecida cabeça o golpe do inexorável destino.

No outomno da vida a mão resequida da morte ceifou-lhe a esposa, a estremecida metade da sua alma.

Desde então, debaixo dos pes de D. Ambrozio converteram-se em espinhos as flores que elle julgára nunca ver mirradas e menos transformadas.

Ainda, comtudo, lhe restava um bem para lhe adoçar os amargores da velhice; restava-lhe uma filha; Amelia; unica bonina que vecejava no agreste da viuvez do nobre castellão.

E a encantadora donzella parecia destinada para com a mimosa mão amparar o magestoso cedro, que o tufão da velhice queria arrojarao tumulo, que ja aberto o esperava.

Amelia era formosa, quanto podia sel-o nos seus 20 annos de innocencia.

Meiguice, amor filial, ninguem teria mais.

E a donzella era para o velho o raio de sol da primavera, que vinha dispersar os nevoeiros do inverno que o opprimia.

E esse raio de sol tingia com reflexo dourado as orlas, do negro manto, que a morte estendia aos olhos do velho fidalgo.

D. Ambrozio concentrava todo o seu amor em Amelia.

Para elle não havia mais nada em todo o universo!

Mas ella repartia o seu affecto.

Tinha no coração duas imagens, a de um velho e a de um mancebo; a de seu pae e a de Antonio de Noronha, valente capitão.

Antonio de Noronha era gentil entre os mais gentis.

Seu porte irreprehensivel, suas maneiras gahardas e cortezans tornavam-no querido das damas; mas havia unicamente uma que lhe fazia vibrar as cordas suaves do coração.

Era Amelia.

Os dois moços não souberam combater aquelle amor que devia fazel-os desgraçados.

Antonio de Noronha vinha amiudadas vezes ao castello, e era um dos amigos mais estimados do castellão.

Apezar da assiduidade do capitão em seus paços, D. Ambrozio não suspeitava dos amores de Amelia; e foi grande o seu espanto quando o mancebo lh'a pediu em casamento.

O nobre castellão respondeu negativamente.

Corria-lhe nas veias genuino sangue godo.

Queria antes ver morta a filha e deixar-se morrer do que concedel-a a um companheiro do acaso, a um aventureiro.

Antonio de Noronha viu-se precipitado do cumulo da felicidade no abysmo insondavel da desesperança.

Nada lhe restava no mundo. As suas douradas esperanças viu-as cair uma a uma para não mais florescerem.

Desvairado quiz fugir para longe do astro dos seus amores.

Foi em março, numa noite que, talvez neste mesmo sitio em que agora estamos, Antonio de Noronha disse um a Deus eterno á sua Amelia.

Os juramentos que se fizeram ninguem os sabe!...

O moço partiu e a filha do castellão continuou — aparentemente — no seu pacifico viver.

Tinha por uso soccorrer os necessitados e consolar os afflictos.

Era uma sancta — dizia-o o povo.

O velho fidalgo suppunha que o amor de Antonio de Noronha não tinha sido correspondido por sua filha, e julgava o coração da donzella livre, inteiramente livre.

Muitas vezes, afagando com suas decrepitas mãos a loura e formosa cabeça de Amelia, dizia-lhe:

— O dia em que contrariasses a mais leve vontade minha, esse seria o último da existencia de teu pae.

Estas palavras não eram dictas sem intenção.

Amelia repousava a cabeça no seio paterno e nada respondia.

Havia ja um anno que Antonio de Noronha se tinha ausentado e nunca o nome d'elle o pronunciára a donzella; nunca uma lagrima de saudade foi surprehendida em seus lindos olhos, nem tão pouco uma sombra de tristeza veio anuviarlhe a frente.

Por este tempo D. Ambrozio recebia no seu castello D. Fernando Arris, hospede bemvindo.

Era moço, e rico de honras e cabedaes.

Em gentileza e valentia ninguem lhe levava vantagem.

Cavalgava como qualquer heroe de cavallarias, e jogava o espadão e a adaga como qualquer lidador.

Valia muito, mas não valia tanto como Antonio de Noronha.

A formosura de Amelia impressionou Fernando.

Logo se converteu em submisso vassallo, e

levantou-lhe um throno de amor no amago do coração.

Os galanteios do cavalleiro não colhiam da donzella senão indifferença.

Fernando era vaidoso, e tanto que lhe parecia impossivel que a indifferença de Amelia durasse muito.

D. Ambrozio prezava o mancebo.

Fernando era destro e astuto; sabia fazer-se estimar.

Isto affligia a pobre Amelia, pois adivinhava que seu pae ja acalentava projectos de casamento.

Com effeito não tardou que elle lhe dissesse — que a sua unica vontade era vel-a unida a Fernando.

Não se mostrou ella surprehendida, e o noble fidalgo julgou ver nesta serenidade o assentimento a seus desejos.

Quizera Amelia dizer quanto lhe repugnava esta união, mas reprimira-lhe o intento aquelle dizer de seu pae — que a mais leve opposição a sua vontade lhe causaria a morte. Tremia com a ideia do parricidio!

Respondeu a D. Ambrozio que supplicava — que era filha e obediente.

O velho pulou de contentamento.

Louco! Pensava assegurar a felicidade da sua querida Amelia.

Fernando, quando tal soube, ia enlouquecendo de satisfação.

— Mais uma victoria! — dizia elle.

As bodas foram aprasadas para d'alli a onze mezes.

Preparava-se uma festa brilhante e nunca vista nestes sitios.

Por estas vizinhanças não se fallava n'outra coisa.

E quantos invejosos não teria o noivo?

E quantas invejosas não teria a noiva?

O praso marcado ia findar.

Mais um dia passado, e celebrava-se o consorcio.

Tudo eram ja folgares e divertimentos.

O castellão rejuvenescera, e promettia bailar na boda.

A mesma noiva não parecia indifferente áquella alegria.

Que mudança se teria operado no coração da donzella?

Teria olvidado Antonio de Noronha?

Ninguem o sabia.

De tarde sahiu acompanhada da sua aia querida, e foi fazer como de costume beneficis visitas aos desgraçados.

O que a aia notou foram as lagrimas que a

donzella derramava, ao despedir-se dos pobres que soccorria e ao dirigir-se para a capella do castello, que estava como escondida debaixo do verde-negro de copados castanheiros.

À porta d'ella, encostado ao tronco de um cipreste, estava um mendigo.

A donzella ao vel-o sorriu-se como sorri a criança que cae nos braços da mãe depois de longa ausencia.

Ao mendigo rolaram duas grossas lagrimas pelas faces macilentas.

— Eis a minha bolsa esgotada — diz á aia a filha do castellão — e alli está um pobre!

— E como elle chora, senhora! veja! Deve ter bem fome, coitadinho!

— Vae, corre ao castello e traz confortativa esmola a este infeliz, em quanto eu vou pedir á Virgem pelos desgraçados!

A donzella, vendo-se a sós com o mendigo, caminhou para elle offegante mas resoluta.

— Esperava-te — disse — Não faltaste aos teus juramentos.

— E os teus! — perguntou o mendigo com voz suffocada.

— Serão fielmente guardados.

— Então! — murmurou elle designando com gesto afflicto e ar de censura os aparelhos festivos que animavam o castello.

— Serei tua.

O pobre ajoelhou e beijou a mão que Amelia lhe abandonava.

— Levanta-te Antonio. Eu vou implorar a misericordia de Deus, e tu encommenda-lhe a tua alma como eu tambem hei de fazer. O Senhor ha de perdoar-vos porque não ha de querer a quebra de juramentos tão sanctos como os nossos.

— E teras ânimo?...

— Esta arma é bem afiada — exclamou ella tirando do seio um punhal scintillante.

E sorriu, como se visse nelle o seu anjo custodio.

O mendigo estremeceu.

(*Continúa*)

Ephigenia do Carvalho.

CHRONICA

Obrigado, amaveis leitoras, mil vezes obrigado pelo interesse que tendes mostrado pelo meu prompto restabelecimento. Estou melhor, se não completamente restabelecido, graças ás vossas orações, e aos milagres da *Senhora dos Remedios*, que é uma sanctinha da minha aldeia, muito da minha devoção e sympathia.

Quem me dera no tempo em que eu la ia ao pôr do sol em *novena* com as raparigas da aldeia, pedir á sancta em fervorosas preces, que fôsse servida permittir, que não continuasse a *pôr fóra* a gallinha da vizinha!

Ai! nunca me hão de esquecer as *novenas* á *Senhora dos Remedios*, em que era sempre a thia Ritta Marcelina, que entoava as orações, a que as raparigas correspondiam em voz meiga, terna e plangente, e d'onde dimanava em torrentes a innocencia, como de um côro d'anjos. Quando esquecerei eu essas tardes da minha infancia, em que me *pirava* da eschola e ia para o terreiro da capellinha — theatro dos meus brincos d'innocencia — *jogar o peão* e a *billarda*, ou passar horas inteiras a conversar com a *sancta*, das gradeadas janellas da sua ermida?! Que innocente que eu era então! Era a minha favorita cantar-lhe esta cantiga, que eu tinha aprendido ás raparigas quando voltavam cantando das *novenas*:

A Senhora dos Remedios
minha procuradora;
procurae-me la no ceu
minha rica Senhora!

E o echo da minha voz repercutindo-se nas abobadas da capella vinha trazer-me aos ouvidos estas últimas syllabas da estrophe — ora! — e eu recebendo-as como um preceito da *Mãe Sanctissima*, ajoelhava e mormurava uma oração d'innocencia!...

«Que bello tempo o da minha infancia!
Tempo tão doce que por mim passou!
Mas esse tempo?! Esse tempo foi-se
Rápido, breve!...

Ah! sim! mas, como eu ia dizendo, estou melhor; muito obrigado a VV. Ex.^{as} Agora ja posso dar-lhes algumas noticias, minhas senhoras, e se estão de pachorra para me escutar, vão ouvindo:

Esteve aqui de volta do Porto para Lisboa, Mr. Herrmann. Demorou-se apenas dois dias. Herrmann em Coimbra foi relampago no meio de trevas; quasi que nem se deixou ver!

Foi luminoso meteoro que se mostra um momento, e que, traçando logo uma elypse, vae perder-se no espaço; nem julguem a imagem mal cabida; Herrmann é o meteoro mais brilhante e luminoso d'este seculo: é a estrella polar do genio e do talento.

Não tinhamos ainda visto a Herrmann; e as razões ja as declarámos nas *chronicas* passadas

— eram as trevas da minha *negra noite* — da noite do meu viver! — que me não queriam deixar ver e admirar o bello astro do sol; mas d'esta vez as sombras rasgaram-se d'alto a baixo, e vimol-o, e contemplámol-o, e pasmámos (!-) porque alli ha mais que a força do homem; alli ha *talvez*... quem sabe?! alli ha *quasi* a força do milagre.

E Herrmann não é so a estrella do talento; Herrmann é, como logo dirá o *artista poeta* — «o sol da caridade.» —

Subiu duas vezes ao palco em D. Luiz: a primeira a beneficio da sociedade dos artistas. Uma commissão expressamente nomeada para isso subiu la tambem num dos intervallos, oferecer-lhe o diploma de membro da mesma sociedade, sendo-lhe lida em francez uma allocução *ad hoc*, por um dos membros da commissão, o sr. José Maria da Silva Torres, que o eximio artista agradeceu com um significativo apêrto de mão.

Em seguida distribuiram-se dos camarotes para a plateia duas mimosas e sentenciosas poesias, uma da bem conhecida philomella do Mondego, a ex.^{ma} sr.^a D. Amelia Janny, outra do esperançoso e talentoso poeta o ill.^{mo} sr. J. Simões Dias, um dos mais illustrados collaboradores d'este jornal. Eil-as

A CARLOS HERRMANN

NO DIA DO BENEFICIO POR ELLE DADO
AOS ARTISTAS DE COIMBRA
NO THEATRO DE D. LUIZ I

Tens hoje em cada olhar que te contempla
Um thesouro d' affecto, e almo throno
Em cada coração:

Por magia que exerces, tantas almas
Entoam um so hymno, que traduzem
Nas palmas que te dão!

Aos filhos do trabalho a mão estendes,
Dás-lhes ouro que o talento te grangeia,
Que em flores se tornará...

— Irmão da caridade — das-lhe a esmola,
Não a que humilha o pobre, a que ennobrece
Quem recebe e quem dá.

Abrigo dos que soffrem, em mil bençãos
D'aquelles que soccorres tens o premio,
Cifras o prazer teu.

Exhala a gratidão doces perfumes,
Que embriagam teu seio, e vão tecer-te
Igneas c'roas no ceu!

Amelia Janny.

Ves as lagrimas candentes
borbulhando pelas faces
tismadas pelo trabalho?
Não são forçadas torrentes
que d'involta levam dores...
são da gratidão as flores,
regadas por esse orvalho!

São corações, que distillam
pelas meninas dos olhos
que vêm sabindo de abrolhos
para os jardins da alegria!
são fontes, que 'neste dia
vêm orvalhar as corollas
das flores que vaes colhendo
ao semear das esmolos!

Os louros, que o genio enfeixa,
são, como a luz apagada,
depois que o artista se deixa
de trilhar na sua estrada;
mas os, que a esmola conquista,
— se nasce do coração —
são perpétuas, que o artista
recolhe por sua mão!

Em quanto os outros procuram
nas grandezas do talento
seu unico monumento...
maior o teu se levanta
no solio da eternidade;
pois os louros que mais duram
são filhos da caridade!

J. Simões Dias.

No fim do espectáculo foi tambem ao palco
agradecer e despedir-se por parte da associação
dos artistas o sr. A. F. Barata, — o *artista poeta* —
que o fez em verso, recitando a seguinte
poesia que em seguida offereceu a Mr. Herrmann:

Ha povos rudes e selvagens inda,
Que o sol adoram como o proprio Deus,
E que, quando á tarde o seu curso finda,
Com festejos lhe dão sentido adeus.

Ao modo d'esses povos, no occidente
Nós te adorámos, sol da caridade!
Delegado na terra, providente,
Do Ser d'immenso amor e de bondade.

Nós te adorámos, e com mil folgares
Aqui te vimós dar saudoso adeus;
E ca por sôbre a terra ou la nos mares
Não olvides jamais amigos teus.

Não olvides, que um adeus que vem do povo,
Mentido não lhe sae do coração:

É dos que dá aos seus; e, amigo novo,
Artista como nós, és nosso irmão!

A. F. Barata.

A sahida do theatro as philarmonicas d'esta
cidade esperavam o *artista philanthropico* e o
acompanharam até ao hotel — em que se achava
hospedado.

Na noite immediata deu Mr. Herrmann outro
beneficio a favor do theatro. Foi-lhe offerecida
para a sua esposa uma prenda que constava
d'uns brincos e um alfinete de brilhantes,
acompanhada da seguinte allocução em francez:

Monsieur Herrmann

La direction du théâtre de D. Louis, en devinant les plus beaux penchants de votre âme, vous parle aujourd'hui de votre épouse. Tout le monde admire les subtilités de votre talent; nous aimons mieux les prodiges de votre cœur.

Voilà un petit cadeau pour la belle moitié de votre existence. Sur sa poitrine cette épingle frémira avec les pulsations de son amour. Sur ses oreilles ces pendants écouteront toujours les confessions de votre cœur toujours fidèle.

Quand vous verrez, tous les deux, ce petit cadeau, resouvenez-vous qu'il y a au monde des cœurs qui pensent à vous!

Antonio José Alves Borges, Antonio Joaquim Doria, Frederico Ferreira, José Julio Cesar, Antonio de Sousa Pires de Lima.

É escusado dizer que em ambas as noutes a enchente era real; os applausos tocavam o delirio do frenesi, e a curiosidade, o espanto e o *pasmado* divisava-se no rosto de todos!... E Herrmann sumiu-se de Coimbra como que por *encanto*, e d'elle, e do poder da sua vara magica, so nos resta uma lembrança saudosa sua, mas vaga e indecisa como a reminiscencia que nos deixa um... *sonho de bruxas*...

Mas a *noite* de insipidez que quasi de continuo pesa sôbre os lindos horisontes d'esta terra, foi d'esta vez bem curta! Ha quinze dias Coimbra é um paraizo de delicias, um mundo todo cheio de vida e amor!

Escondeu-se-nos, fugiu-nos a luz do genio de Herrmann; mas as trevas foram apenas crepusculares, porque outro astro mais radiante e bello as precedia; era o clarão de um planeta brilhante a aproximar-se de nós...

Era a *estrella do norte* a allumiar-nos — era finalmente Emilia das Neves a reaparecer, depois d'uma noite de quatro annos, no palco do nosso theatro.

Emilia das Neves! Quem ha ahi que a viu

estas duas noites no theatro academico, que se não curve so ao ouvir o seu nome?!

E onde ha ahi palavras com que possa tecer-se-lhe os elogios que merece?! Onde ha ahi phrases sublimes que exprimam a sublimidade do que ella nos faz sentir 'naquelles transportes?!

Onde ha ahi penna capaz de escrever o amor e o odio, a desesperação e a esperança, a colera e a meiguice, que ella tão bem sabe exprimir so 'num volver dos seus olhos! Não! não cremos que possa havel-a?!

Muito se tem escripto e dicto de Emilia das Neves; mas quem foi ja capaz de exprimir, de pintar esse *que* divinamente sublime, que ella nos faz sentir n'alma, e com que nos arranca da terra para nos transportar ás vagas regiões do infinito?! Ninguem pôde conseguil-o ainda; ninguem, que para tanto não são humanas forças! Ja senti esta fraqueza o joven poeta (a), quando de Emilia das Neves exclamou:

«O silencio diz tudo, e é muda a lyra;»

Emilia das Neves não é so a primeira actriz portugueza, é a primeira actriz da Europa, e não é so a primeira actriz da Europa, é a primeira actriz do mundo civilisado. Emilia das Neves é a actriz que nos desce ao seio d'alma a roubar-nos o coração para exercer sôbre nós um poder infinito!

Fallem por mim, e digam o que eu não sei nem posso escrever, essas lagrimas que a todos arrancou do peito; fallem esses bravos e applausos de entusiastica loucura, essa trovoadade de palmas que fez tremer as paredes do theatro; falle por mim a multidão immensa que agrupando-se-lhe em roda, a cobriam com nuvens de coroas e flores — falle mais alto que, tudo, e que todos a lyra inspirada d'outra mulher igualmente grande pela grandeza d'alma e genio!

Calle-se tudo e falle so a mimosa poetisa do Mondego, que, não podendo resistir mais á inspiração com que Emilia lhe inflammava o estro, se ergue no seu camarote, como que impellida por uma molla occulta, e por entre um chuva de lagrimas que lhe cahiam do ceu d'aquelles olhos de poetisa, brada em entusiastico *improviso*

Mulher que me arrebatas, quem poderá
Pintar o que tu és?

Q'ria eu ter essa gloria, e — rival tua —

Ir depol-a a teus pes. —

(a) Anthero do Quental.

Esp'rança desfolhada, — arrôjo inutil!... —

Quem terá tal podêr?!

Minha alma que te segue e que não pôde

Ver-te, sem t'o dizer.

Amelia Janny.

Fallem tambem, alem d'estes, os lindos versos de A. e de J. Tavares, recitados no palco por Delphim Guedes, e que passámos a transcrever aqui:

À EXIMIA ACTRIZ

Emilia das Neves

Se, quando a gente chora, o mesmo pranto
Traz não sei qual allivio triste e brando,
E a propria dor volve olhos meigos, quando
Sacode a escura dobra do seu manto;

É que o doer do coração é sancto,
E sancto o soffrimento miserando;
E á frente oppressa a está Deus afagando,
E, sempre d'um gemido sae um canto.

C'oas lagrimas, mulher, que a Arte chora
Não sei quaes cordas intimas se afinam
Que a gente, erguendo as mãos, seu mal adora.

Mal que se solte um ai nesse momento,
Os escuros da vida se illuminam
À viva e pura luz do sentimento.

Juncto ao berço infantil, em que pousavas
a frente adormecida, anjo divino
veio um dia sorrir;
flamula ardente d'um ceruleo raio,
era o fogo do genio que descia
a dourar-te o porvir.

À terra o anjo desceu. Na face tua
collou soffrego beijo, que em teu seio
de Deus a inspiração
deixou gravada; e logo, sacudindo
azas brancas de neve, foi perder-se
dos ceus na vastidão.

Voou!... Mas a teus pes jaz esquecido
magico sceptro de immortal talento,
com que Deus te dotou.

Nos teus braços ficára o diadema,
que, cingia orgulhoso: ao ir beijar-te
da frente lhe tombou.

Foi a herança tua! Sceptro em punho,
na frente o diadema, entraste a senda,
que á gloria te conduz!

E em redor de teu vulto magestoso
resplandece depois, vivaz, candente,
aureola de luz!

Rainha no palco vales mais que um throno.

Com ardente fervor dariam Cesar's

por tua gloria a sua!

Ha' nessa frente o sello do infinito!

Tua alma eleva-se á região dos astros!

É alli a patria tua.

J. Tavares.

E dil-o por fim de tudo a academia em massa
acompanhando a sublime artista ao hotel onde
se achava hospedada. Emilia deve ter sentido
em sua grande alma tudo quanto ha de mais
alegre e aprazivel; pois a academia tambem tem
sentido em seu brioso coração tudo quanto ha
de mais sublimemente bello e admiravel no ge-
nio de Emilia, e tudo quanto ha de mais sauo-
do pela ausencia d'ella.

Coimbra, 7 de março de 1864.

O chronista.

EXPEDIENTE

Começa com este número o segundo trimestre da publicação d'este jornal. Agradecemos a todos os cavalheiros que, tendo escutado os nossos justos pedidos, se tem dignado mandar satisfazer o importe de suas assignaturas, e pedimos áquelles srs. que ainda se acham em débito, o obsequio de mandar satisfazer o mais depressa que lhes seja possível.

A *Chrysalida* vive so das suas assignaturas, e foi creada para salvar um homem, não para lançar uns poucos no abysmo! Estas poucas considerações bastarão para calar no ânimo dos nossos illustrados e cavalheiros assignantes.

Para satisfazerem de prompto, têm todos á mão o meio facilimo e seguro das estampilhas do correio, dirigidas á redacção, rua dos Estudos n.º 22; e quando o não queiram fazer por este meio, podem recorrer aos agentes das provincias.

Desejando dar ao serviço do jornal toda a regularidade possível neste segundo trimestre, o administrador desde ja agradece toda e qualquer reclamação que a tal respeito lhe for enviada, para dar as devidas providencias.

Em virtude do expediente do número previ-

mo preterito, declara-se que não tem logar a despedida d'assignantes depois da aceitação d'este número, excepto querendo pagar o trimestre por inteiro.

A redacção summamente penhorada para com aquelles senhores, que conservaram a sua assignatura, aqui lhes agradece e beija as mãos pela parte que se dignam continuar a tomar na sua *sancta cruzada*. Honra seja a almas tão ennobrecidas pelas gallas da virtude! Deus acolha em seu seio infinito essas gótas de balsamo, que corações tão generosos tem derramado no calyx amargoso do desvalido da sorte, ja que não póde tributar-lhes mais, que sincero respeito e gratidão eterna.

Coimbra, 8 de março de 1864.

A redacção da *Chrysalida*.

A CHRYSALIDA

Jornal litterario

(Academico)

SEMANARIO

Redactor responsavel—Duarte de Vasconcellos.

Collaborador effectivo—J. Simões Dias.

Entra este jornal no segundo trimestre da sua publicação, com o n.º 43.

Aquelles senhores que so quizerem assignar d'este número em diante, devem remetter á redacção do mesmo jornal,—Coimbra—o importe de 420 réis de estampilhas; aquelles porém, que quizerem a colleccção completa, enviarão pelo mesmo meio 840.

Não se aceitam assignaturas por menos d'um trimestre (pagas adiantadas).

Quem enviar á redacção seis assignaturas realizadas, ou por que se responsabilise, terá uma *gratis*.

Assigna-se em Coimbra—rua de S. João na loja do sr. Sanches;—rua das Covas na do sr. Jose de Mesquita;—na Calçada na livraria da V. Moré.—Em Lisboa, na Praça de D. Pedro, Pharmacia Azevedos, ao ill.º sr. Moreira Feio, e na livraria da rua Augusta n.º 474.—Em Braga, em casa do ill.º sr. dr. Moura, professor de grego.—Em Castello-Branco, em casa do ill.º sr. dr. Manuel Pires Marques, professor de theologia, e commissario dos estudos d'aquelle districto; e na do ill.º sr. negociante José do Espirito Sancto Caio.—Vizeu, na botica do hospital, ao ill.º sr. Luciano Teixeira de Mendonça.

COIMBRA — IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.



PHANTASIA

(Continuado de pag. 99)

— Oh! mendigar ás portas da casa paterna, e receber insultos dos lacaios que outrora se curvavam ante as minhas vontades! é horrível!!!..

Minhas irmãs como doidejam no turbilhão da dança, brilhantes de viço, luxo e juventude, em quanto que eu, faminta e velha, arrasto-me descalça, moribunda e esfarrapada, e recebendo so por toda a parte insultos da Providencia e escarneo dos homens!

Oh! tambem eu assim gozei: quando moça e formosa como ellas, como ellas tambem fui requestada. Ouvi a linguagem lisongeira das salas, e recebia-a no coração, porque a julguei nascida la; que crime foi este, meu Deus, para que tão longa e dolorosa seja a expiação?!.. Demasiado crédula e innocente, criança inexperta e folgazan, *todo o meu erro*, foi a ignorancia; a minha unica culpa, amar, amar muito, até ao infinito!

Não me poupei a sacrificios; a sociedade com seus prejuizos de nobreza collocára-me mais alta do que elle; o meu nascimento, diziam á uma, era inexpugnável barreira entre nós.

Transpuz eu propria essa barreira, desprezei preconceitos de raça, desci até elle e segui-o por toda a parte.

Que conseguí porém?... Morreu primeiro o amor, como fenecem as flores da primavera aos primeiros calores de estio; ficou a gratidão, que deu lugar ao fastio, e isto trouxe após si a indifferença e o desprezo.

O desengano fez-me velha, cada dia me abria um novo sulco nas faces, assignalando a sua passagem na neve dos meus cabellos!!

Com trinta annos, sinto-me decrepita! — Não ha insulto que os meus ouvidos não tenham escutado, nem escarneo e desgosto com que a minha alma não affronte!

Mendigo de porta em porta, vagueio indecisa pelo mundo, e por toda a parte encontro so uma gota de fel para o meu calix d'agonias!

Quantas vezes me tenho prostrado neste pottico, quantas tenho estendido a mão para minhas irmãs, reclamando uma esmola, quantas

finalmente me tenho arrastado de joelhos aos pes de meu pae, sem que elle suspeite o que significa este acto de humilhação?!

Se um dia eu lhe dissesse — sou sua filha, — mandar-me-ia açoitár pelos seus criados; e se dissesse a minhas irmãs — eu sou da familia, — lembrar-se-iam que tiveram uma irman muito desgraçada, e voltariam o rosto, temendo reconhecê-la sob este aspecto!

Resta-me pois morrer, meu Deus! estou para sempre privada dos affectos da familia, das alegrias do lar domestico! Sou proscripta, e todo o mundo é meu desterro; vagabunda por toda a parte, passo sem deixar vestigios da minha passagem!

Não tenho uma telha que me abrigue do inverno, nem um ramo que me defenda do sol no verão.

Por toda a parte onde vou, o isolamento, a miseria, o remorso, por companhias inseparaveis da minha sombra!.. Nem Deus me ouve, que meus labios vacillam ao proferir-lhe o nome!..

É horrível pensar que fui feliz, virtuosa e rica! olhando da altura do meu passado para os abysmos do presente, eu sinto que é impossivel medir-lhe a profundidade sem vertigem!

Como são rapidas e perigosas as descidas?!..

E todavia, meu Deus, eu era agora feliz com pouco: a benção de meu pae, o perdão de minhas irmãs, um olhar, um sorriso d'elle, que me dissessem, que ao menos eu lhe inspiro compaixão ou dó! Mas nada d'isto! Jesus! que vertigem é esta que me passa pela mente? é a ideia do suicidio! Mas a religião que me ensinaram meus paes, as orações que aprendi no berço, me defendem d'isso; abençoada sejas, morte, se me vieres das mãos de Deus!

Hoje, ou amanhã, que me importa morrer? por um dia mais, por mais alguns instantes este fardo de infortunios não pesará muito.

Dizem que além d'esta vida ha outra; que onde habitam os anjos, ha lugar para os espiritos attribulados da terra; mas o Ceu, cobre-se de trevas para mim, e Deus não desce até á sua mais humilde creatura!.....»

Disse, e affastou-se o phantasma. Serenára a tempestade, e as estrellas surgiam como diamantes, sob o veu transparente da noite!

Continuára o delirio no baile; mas a briza, que vinha das montanhas, trazia os sons perdidos d'um canto, lugubre e triste, como a primeira risada de demencia!.....

Lodéiro, 12 de Fevereiro de 1864.

Henriqueta Elyza.

ROSANNA (*)

Acabem hoje as tristezas,
que traziam nossos peitos
apertados, contrafeitos
como em ferros de prisão!
Exultemos de alegria;
que uma aurora neste dia
renasce no coração!

Vimos, ha pouco, entre ferros
essa victima, coitada!
contorcer-se escravizada
pelas algemas do algóz!...
Era a innocencia captiva
bracejando por mil modos!
Era um martyrio p'ra todos!
Era um martyrio p'ra nós!

Era um gemer sempiterno,
como o deve ser no inferno
o do pobre condemnado
a passar a noite e o dia
numa continua agonia
em ferros agrilhoado!

E depois ouvir ainda
os echos tristes das filhas,
que ao longe sem luz, perdidas
se lamentam nas soldões...
ouvir os gritos da esposa,
que soluçando estremosa,
com sua voz lamentosa
vae acordar as prisões!...

E nem ao menos poder
fallar de la e dizer:
«chorae, filhinhas, choraes;
«que ficaeis orphans no mundo,
«se vos falta vosso pae!»

É triste, senhores, é triste
ver as lagrimas candentes
sobre peitos innocentes
em continuo borbulhar!...

É triste ver a innocencia
sem allivio, sem clemencia
aos pés do algóz haquear!

Mas não pensemos nas máguas,
que ja la vão, que passaram:

(*) Recitados e offerecidos por Domingos José d'Almeida a Firmino Eduardo de Sousa Peres na noite de 4 de janeiro de 1864, numa reunião de familias, organizada pelo senhor a quem estes versos vão offerecidos, na sua casa em Penella.

sejam ellas, como as aguas,
que p'ra sempre se olvidaram!
Nos olhos sequem as lagrimas;
que não venham neste dia
por nós hoje celebrado,
como espectro do passado,
perturbar nossa alegria!

Celebremos o triumpho
Da justiça e da verdade:
na balança da egualdade
so teve péso a razão;
por isso ergámos um brado,
que por todos celebrado,
neste dia de ovação
seja o *salve* da justiça:
seja a voz do coração!

J. Simões Dias.

AHI VAE!

AO MEU CARISSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

(Continuado de pag. 84)

IV

Estadio por estadio, marcando epochas, que
se chamam civilisações, o progresso tem por
divisa caminhar sempre.

É pois continuo e indefinido; mas nunca irá
confundir-se com o infinito, (como muitos er-
radamente crêem ou querem); — que são es-
tas duas ideias bem diferentes, — e até basta-
va aquelle ter o caracter da indefinidade, para
nunca chegar a ter o da infinitidade.

Entretanto, por estes dois caracteres se asse-
melha o homem com o seu Creador, e o ser
moral se avisinha de Deus; porque este, tendo
dado áquelle a terra por patria e por condão o
trabalho, quiz, por tal meio, a lucta ingente que
o homem agita e agitará, até que o debate por-
fioso lhe venha depôr e assegurar nas mãos a
palma da victoria, dando-lhe como certo o trium-
pho do genio sobre a materia, que não cessa
de render áquelle o legitimo preito e devidos
tributos de vassallagem.

Tal é a proclamação unisona de todos os arau-
tos do progresso hodierno.

E, se não, vêde.

Le monde marche! — dizia ahi ha pouco *Eu-
gène Pelletan*. E *Eugène Pelletan* marcha com
o mundo na vanguarda do progresso.

O poeta francez, dominado d'este pensamento, converteu-o num livro d'inspiração, a que deu por título aquella mesma expressão tonante.

E não menos inspirado que elle, a sorte nos deu a nós um sabio, que moldou nas bellezas do seu estylo fluente e grave o pensamento do insigne escriptor de França; mas por fórma bem mais galharda e poetica, para calar-nos fundo no amago d'alma.

«A acção do soffrimento sobre o homem responde a reacção do homem sobre o soffrimento. — Toda a philosophia da historia girá no vai-vem perpetuo d'este dualismo.»

Assim se exprime o escriptor portuguez.

E, com effeito, assim é.

Acções e reacções resumem todo o progresso e definem toda a vida do homem. E sobre estes dois polos gira constante a actividade humana, que é um perfeito vai-vem entre o nascimento e o occaso da vida terrena, cuja felicidade, moral e material, a todos cumpre promover com zeloso afincio.

Nisto vae todo o progresso que conduz á felicidade. E a felicidade é o destino do homem. Não pôde ser outro.

Aperfeiçoar pois o espirito e o involucro material, que lhe serve de templo augusto, é trabalhar por um bem real, é trabalhar pela verdadeira felicidade; porque esta deve e não pôde deixar de estar na razão directa do aperfeiçoamento; que é, em especial, para o espirito humano tanto maior, quanto maior for o seu uso.

No tocante á materia, o aperfeiçoamento d'ella versa sobre o exercicio regular de todas as nossas forças e faculdades; de modo que, guardada sempre a devida proporção entre todas e cada uma das suas funções, tenhamos constantemente, em resultado, productos analogos, que dêem de si a uniformidade nos actos da vida.

Fóra d'este regramento, não ha a harmonia, ha o desaccôrdo. E, se deixamos, podendo evitar, que uma ou outra paixão nos tome d'improviso, ahi vamos caminho do erro, como consequencia fatal d'uma omissão do entendimento, que nos pôde levar a uma situação precaria e ás mais desvantajosas condições, tanto a respeito do espirito, como a respeito do corpo.

De forças e faculdades, o facto d'uma acção anarchica attesta irrevogavelmente desmancho, por um lado, e desvio, pelo outro; e, se d'ahi vem a irregularidade no funcionalismo hominal, d'ahi pende tambem, em grande parte pelo menos, a sua ruina e destruição, que conduzem á morte do individuo.

Taes são as relações d'união, tal é o consorcio ou o commercio de vida, em que se acham

o espirito com o corpo entre si! Ao soffrimento de um se segue logo o soffrimento do outro, se a tempo não cortamos a causa viciosa que gera os incommodos.

Porque o espirito porém, em virtude da excellencia de sua condição, deve dominar a materia; d'aqui vem, que ao desinvolvimento e aperfeiçoamento d'esta se deve sempre antepor o desinvolvimento e aperfeiçoamento d'aquelle: e os apóstolos do progresso, que trabalham neste sentido, são verdadeiros obreiros da civilização verdadeira, — denodados campeões na mais sancta das *cruzadas!*

Neste seculo, que se diz *das luzes*, muitos ha, comtudo, que têm empenhado seus esforços em sentido contrario!...

Mas — ainda bem! — a ideia não ha dominado todos os animos.

Os mesmos chamados *tribunos do povo* não são todos, por ora, apóstolos do progresso material, de preferencia ao moral!...

Que o digam..... mas não, não é mister nomeal-os aqui; vós os conheceis ja; — e suppor o contrario de leitores illustrados, seria attentar contra a san doutrina, e commetter um crime de lesa-ciencia. *(Continúa).*

G. B. Garcia Pereira.

DUAS BARCAS

Uma sahia — quando a outra entrava,
E para ambas era bravo o oceano...
E uma abria ao vento as velas brancas,
Quando a outra abaixava o roto panno.

Moço e velho — saudaram-se nas ondas,
Seguindo cada um sua viagem;
— E vaes, Colombo?!... Ao acenar do mundo!
— E tu, ó velho?... — Vou pisar na margem!

O velho, fronte curva, olhar sombrio!
O moço, olhar de fogo, o sol bem vindo!
— Dizia o velho — Como é bella a patria!
— Responde o moço — O horisonte é lindo!

E disseram-se adeus: boa viagem!
Sombras ao velho! ao joven luz e brilhos!
A um — o mar, o sol que nasce, a ideia:
Ao outro — os lares, a mulher, os filhos!

Homem, a vida é a barca que se agita
Ao sopro das paixões d'uma e outra idade;
Uma tem — a esperança da ventura!
A outra — do passado a tempestade!

F. A. Felgueiras, Sobrinho.

UM BAILE CAMPESTRE

(VERSAO)

I

Que tinha feito a senhora de Foligny, desde o momento em que se levantou até á hora em que começámos a nossa narraçáo, duas horas depois do meio-dia? Estava profundamente aborrecida.

Um livro, do qual ella tinha vinte vezes encetado o primeiro capitulo, cahia no tapete, escoregando do *fauteuil*, onde tinha sido desdenhosamente abandonado. Soavam ainda as ultimas notas d'um piano, cujas teclas tinha experimentado animar com seus lindos rosados dedos.

Mirava-se a aborrecida senhora em todos os espelhos da sua camara; tinha successivamente aberto e fechado as janellas; tinha ja contado as flores do tecto, e os arabescos do estuque: vãos esforços! De todos os inimigos da especie humana, o mais difficil de vencer é o aborrecimento, ou por outras palavras — a semsaboria.

Depois d'uma lucta heroica, mas não coroada de successos, a senhora de Foligny, cansada dos esforços, enterrou-se nas almofadas do seu *divan*.

Soupire, étend les bras, ferme l'oeil... mas não adormeceu... o que ella deveu á voz de Victorina, sua criada de quarto, que, com um canto o mais alegre possível, a despertou.

Immediatamente a senhora de Foligny apoia o dedo sobre o botão d'uma campainha electrica, e apparece a alegre Victorina.

— Mademoiselle, não é hoje, creio eu, um dia de melancolia?

— Oh! pelo contrario senhora... Mas eu peço perdão á senhora de ter cantado, e por pouco que isso lhe desagradasse...

— Não, rapariga, eu estou Bem longe de te criminar pela tua alegria, somente não desgostaria de lhe conhecer a origem.

— A origem, senhora, é ser hoje domingo. Instada por sua ama de se explicar mais claramente, Victorina não se fez rogar. Nós porém não a seguiremos em todos os detalhes da sua proliza narraçáo. Diremos somente que a jóven e esperta criada de quarto tencionava, segundo o costume, aproveitar-se do dia de passeio, para exercer o poder dos seus grandes olhos, e a agilidade dos seus pésinhos num baile campestre ás portas de Paris, o que de ordinario, era para ella uma origem de tão agrá-

dáveis recordações, que bastava para o entretenimento do seu bom humor até á sahida seguinte, isto é, durante uma quinzena.

A senhora de Foligny, depois de ter escutado muito attentivamente a historia de Victorina, despediu-a, e cahiu numa profunda meditaçáo.

Feliz rapariga! pensava ella; na sua posiçáo, liberta d'este decoro que me condemna a não sahir d'um certo circulo de prazeres falsos e insipidos; ella pôde ir onde se diverte realmente, em quanto que, retida captiva, no seio de uma sociedade dourada, affectada e arrebicada, eu vejo escoarem-se no vacuo os meus bellos annos e o meu coração desalentar-se...

De repente ella levantou-se com energia.

— É escravo quem quer! exclamou ella, se me convem soltar por uma vez a minha cadeia, quem me impedirá? Não sou eu viuva?

E uma linda viuva de vinte e cinco annos, accrescentaremos nós como narrador fiel. Com effeito, para que serve a viuvez se uma pobre mulher não acha nella liberdade d'acçáo?

A nota aguda da campainha electrica foi pela segunda vez ferir o timpano da criada de quarto.

— A senhora tocou?

— Victorina, o *toilette* que tinhas hontem era encantador.

— Era um costume bem simples: um vestido de mouselina, um mantelete de seda preta, um bonnet com lilazes, botinas da mesma cor; a senhora ha de convir comigo que não se poderia imaginar um *toilette* mais simples.

— Em todo o caso ficava-te a mátar.

— A senhora é demasiadamente boa.

— Victorina?

— Minha senhora?

— Gostava de saber se tudo isso me ficaria tão bem como a ti.

— Nada mais facil de verificar.

E num instante o vestido, o mantelete, o bonnet, tiveram logar sobre o *divan*.

Victorina assumiu logo as suas funcções, e tractou de despir e vestir sua ama.

A methamorphose operou-se no meio de estrepitosas gargalhadas das duas loucas. O aborrecimento tinha ja desaparecido, o que prova em favor da efficaciedade do meio.

A senhora de Foligny viu-se ao espelho, e nunca se tinha visto tão bonita.

— Victorina?

— Minha senhora?

— Eu compro-te este costume.

— A senhora está a rir?

— Fallo muito séria.

E mettendo na mão da criada uma bolsa com meia duzia de peças d'ouro:

— Estás contente, Victorina? lhe perguntou ella.

Julgo que sim; por este preço eu venderia todo o meu guarda-roupa á senhora.

(Continua.)

Ignacio R. da Costa Junior.

ESCUITA?

AO MEU AMIGO

J. A. B. S.

Infeliz coração, recobra alento,
Sêcca as inúteis lágrimas que choras.

Camões — Sonetos.

Que de prantos tu exhalas,

Triste victima d'amor!

O lagrim de tuas fallas

Bem demonstra horrivel dor!

Que teu peito grande e nobre

A paixão ja não encobre

Que perdido quasi o tem!

Essas lagrimas ardentes

Que te queimam de ferventes

Por quem as choras?! por quem?!

Amaste-a, sim!... era o anjo

Que adoravas com paixão;

Era na terra o archanjo

Que te merecia affeição!...

Era ella a estrella tua

Que como a pallida lua

Meiga luz te vinha dar!

Como a estrella era formosa,

Innocente como a rosa

Ou como a virgem do altar!...

Foi qual mimososa bonina

Nascendo bella entre mil

Que desdobra na campina

Nas meigas tardes d'abril!

Era a rainha entre as flores

— O condão dos teus amôres

Que no teu peito nasceu;

Com ternura de pombinha

Fez-te crer que n'alma tinha

Um amor que era so teu!...

Foste-lhe sempre fiel

Em teu puro, eterno amor;

Deu-te em troca negro fel

Para allivio á tua dor!

A mais cruel indifferença

Eis qual foi a recompensa

Dos ternos protestos teus!

E tanto que confiavas

'Nesse amor que tu julgavas

Mais puro que a luz dos ceus!

Ja ves, amigo, na terra

Onde agora és triste e so

Que as bellezas que ella encerra

Não são mais que apenas po...

Para que chorar agora

Se teu sancto amor d'outr'ora

Não soube ella comprehender?!

Deixa-a — risca-a da tu'alma

Que teras por premio a palma

Que o martyr no ceu vae ter!

Olha — deixa-a, qu'inda um dia

Tambem pranto verterá;

Se hoje nada em alegria,

Amanhan triste sera!

Não queiras d'ella vingar-te,

Não queiras tanto abaixar-te,

Que vingado ja tu és!

Deixa-a, que inda has de vel-a

Sem o seu brilho d'estrella,

Pedir perdão a teus pes!...

E quando — o brilho abatido —

A teus pes pedir perdão,

Lembra-lhe então que trahido

Foi teu terno coração!

Lembra-lhe mais que constante

Deve ser sempre da amante

O amor, que nos jurou;

Porque a promessa trahida

Não pôde ser esquecida

D'um peito que a dor matou!...

Torres-Novas, setembro de 1863.

Antonio Cesar d'Almeida.

CHRONICA

... E Emilia das Neves, se ca deixou saudades, levou-as n'alma tambem; e senão, amaveis leitoras, lêde comigo a carta que ella se dignou enviar-nos ao ausentar-se de Coimbra; vêde como ella se despede da briosa mocidade academica, que tão bem sabe acolher sempre em seu coração de vinte annos, cheio de vida e d'amor, os artistas que a visitam, que lhes faz derramar a todos lagrimas de saudade no momento da partida.

É que a academia, se sabe repellir com orgulho quem se atreve a desconsideral-a, é prodiga

também d'acrisolado affecto para com quem a respeita e lhe dá a importancia que por direito lhe pertence, e de facto se lhe não contesta porisso os artistas que vêm ao nosso theatro despêdem-se sempre de nós com os olhos humidos de lagrimas.

Ora vêde a carta de Emilia; eil-a: —
«Sr. redactor. — Não encontro no coração expressões assás vivas, com que possa manifestar o meu eterno reconhecimento, pela extrema amabilidade, e pelos immensos obsequios que acabou de receber do conselho dramático em particular, e de toda a academia em geral.

Faltaria a um dever sagrado, se antes de deixar com saudade esta bella cidade, eu deixasse de dar publicidade aos sentimentos de estima e gratidão, que me acompanham.

Receba pois a mocidade esperançosa do nosso paiz, nestas mal alinhavadas phrases, os meus mais cordeas agradecimentos por tanta benevolencia e tão repetidos obsequios, e com elles um saudoso e sentido adeus da actriz, que mais uma vez recebeu a distincta honra de pisar o palco do theatro academico com tão amaveis cavalheiros.

Peco, sr. redactor, o especial obsequio de dar cabida nas columnas do seu acreditado jornal, a esta carta, escripta á pressa, e no momento que deixo saudosa esta bella cidade de gloriosas recordações, aproveitando a occasião para me subscrever com inteira consideração — De v. muito att.ª veneradora e criada. — Coimbra, 7 de março de 1864. — Emilia das Neves.»

E Emilia deixou-nos a chorar também! Inda-bem que nos deixou cá ficar o grande Sanctos, para não morrermos logo de semsaboria.

Sanctos é também artista de incontestavel mérito; é inda uma criança, e pôde dizer-se que anda ainda nos seus primeiros ensaios; dá ja porém tantas esperanças, que não duvidamos avançar a que, com mais alguns annos de estudo e posse do palco, Sanctos venha a conquistar em breve os foros de nosso primeiro actor. E Sanctos tem uma grande vantagem, que é saber-se apresentar em ambos os campos da scena com mestria e naturalidade. No dramático tem o condão de fazer chorar as rochas, no comico o de fazer rir as pedras. Tanto no drama — Pedro — como na scena comica — a Bengala — que subiram á scena em D. Luiz nas noites de quarta e quinta feira, se viram as provas do que deixámos dicto.

Sanctos andou segundo a nossa opinião inexcusavelmente. — O sympathico actor teve repetidas chamadas, e muitas vezes foram enter-

rompidas as scenas com fortes rajadas de freneticas palmas e entusiasticos bravos. O Pedro é incontestavelmente um dos primeiros ornamentos da nossa litteratura dramatica, ja pela excellente elocução com que está escripto, ja pelo enredo altamente moral e civilizador. — É de Mendes Leal, e tem-se dicto tudo; é por certo a sua corôa de dramaturgo, se é que não é também, com mais ou menos cambiantes, a sua biographia egualmente. Não tememos asseverar-o; pois quem ha ahi que conheça Mendes Leal, e que não veja logo que aquella força de vontade e nobreza d'alma que se revella em Pedro, são as devisas com que tem militado sempre o grande poeta ja como escriptor particular, ja como estadista?!

Estamos ao facto de todos os dramas de Mendes Leal, mas gostando e achando merecimento em todos, com nenhum sympathisamos ainda tanto, como com o seu — Pedro. É que ali ha episodios tão parecidos com outros que nós conhecemos... que nos fazem redobrar por elle o interesse e a sympathia...

Em ambas as récitas a enchente era real; por todo o theatro reinava immensa vida: la de cima cahia ella a jorros — via-se mesmo cahir — sobre os leões da plateia, que contavam mais uma noite de conquistas e felicidades.

Em ambas as noites o thrôno de rainha do theatro, era o camarote n.º 8 da 1.ª As damas haviam entregado rendidas o sceptro e a coroa de belleza á menina Q. Debalde pretenderam roubar-lh'o na segunda noite as interessantes e coquettes A. R., que são lindas como duas estrellas; mas as estrellas empallidecem ao pe do brilho do sol. Na primeira noite attrahia também... com uma força magnetica a direcção dos binoculos o n.º 13 da mesma; é que la estava J. L. pallida, romantica, encantadora como sempre.

Na mesma noite e no mesmo n.º 13 da 2.ª la estavam também aquellas tres graças, em que ja fallei d'outra vez; tem ainda a mesma graça e encantos. Em ambas as récitas sobresahia com especial graça, com aquella graça dos espiritos elevados — que suspensos em suas azas mysticas pairam pelas regiões ethereas — a cantora das veigas do Mondego, que na segunda noite brindou a Sanctos com a seguinte poesia:

AO ACTOR SANCTOS

A arte é como um livro precioso,
Que a cada nova phrase mais se infiltra
N'alma de quem o lê:

Que obriga a meditar se mais bellas
Mostrar pôde o talento — e volve a folha,
Pasma do mais que vê!
Sempre um novo primor — mais um encanto —
Mais suave harmonia, um leve gesto,
Onde o dedó de Deus
Escreve, que infinitas como Elle,
São as graças do genio — azas formosas,
Que deu aos filhos seus.

Nesse palco que pisa, ja minha alma,
Amante do que é bello — a dois artistas
Seus hymnos offertou.
— Emmudecêra a lyra — quando o astro
Da scena portugueza — Emilia Neves —
As cordas lhe vibrou!

E eu, ainda tremulante d'enthusiasmo,
D'ouvir aquella fada inspiradôra,
No proscenio te vi.
Fizeste-me sentir, que a harpa do genio
Tinha mais uma corda, — um som mavioso,
Encontrado por ti!
Coimbra, 10 de março de 1864.

Amelia Janny.

La estavam tambem na segunda noite as elegantes Ab.^{as} no camarote n.º 11 da 1.ª ordem. C. estava n'esta noite sympathicamente tentadora.

Variemos d'assumpto. O estado sanitario da academia não tem decorrido lisongeiro n'esta epocha.

Ao facto desastroso de J. da Gama, seguiu-se uma epidemia terrivel de *beixigas*. Foi Deus a castigar a academia pelo extravagante delicto d'um so de seus filhos, como castigou toda a humanidade pelo delicto d'um so homem.

No Seminario foi que este flagello carregou com maior força, mas nem porisso se infira d'aqui, como alguém inconsideradamente disse ja, que o estado de saude naquella casa tem sido mais arriscado por falta de condições hygienicas, ou de providencias das auctoridades d'aquella casa, que se não tem poupado a fadigas nem a despesas para que os doentes sejam tractados com disvello, e o mal se tenha tornado o menos contagioso possivel. Os doentes atacados eram logo retirados dos dormitorios para salas separadas, onde eram quasi sempre assistidos por medico ou cirurgião, conforme a gravidade do mal.

Nalgumas vesitas que temos feito aquella casa, temos encontrado juncto ao leito dos en-

fermos o rev.^{mo} sr. padre Gaspar Alves de Frias, vice-reitor do Seminario, que é sempre atetividade incansavel quando a casa se acha n'uma d'estas crises; saes além dos sacrificios pessoais a que nunca se poupa em taes occasiões, mau grado o seu continuo padecer, tem tomado todas as medidas e dado todas as providencias para atenuar o mal, que se pôde dizer quasi extinto, senão de todo eliminado. Louvores pois á auctoridade solícita, desvelada e energica; louvores ao sr. vice-reitor do Seminario.

Não vae no que deixámos dicto, vislumbre de lisonja ou de adulação; livres por convicção, detestámos com rancor a adulação e a lisonja, e so poderá duvidar d'isto quem não conhece nosso verdadeiro character.

Fomos guiados so pela luz da verdade a que procedemos pelo exame rigoroso dos factos, e por informações dos proprios alumnos que julgámos os mais competentes para se queixarem, havendo razão de queixa.

À ÚLTIMA HORA

Nas noites de sabbado e domingo houve recitas no theatro academico, em que tomou parte o eximio actor Sanctos. Na primeira noite a enchente era regular; na segunda nem porisso; o que não admira por ser vespôra de dia de aula.

Subiu á scenã a comedia-drama em 4 actos — *Os amigos intimos*. — A peça é de chiste e gôsto, se bem que bastante impropria d'aquelle theatro, e do tempo quaresmal: não queremos com isto dizer que seja immoral, mas achámos-lhe as scenas vivas de mais, e a phrase um pouco livre; somos d'opinião que o conselho teria andado melhor, regeitando-a; ou reservando-a para melhor occasião.

É escusado dizer que — Sanctos — andou divinamente, e que foi freneticamente applaudido; basta dizer que elle é um dos nossos primeiros actores, e que representou no theatro academico, onde o merito artistico é sempre acolhido com delirio e phrenesi.

Todos os demais actores andaram bem, distinguindo-se sobremaneira *Parente* por sua especial graça e naturalidade de maneiras. *Paiva* tambem merece especiaes louvores, por se haver, como não era de esperar, attenta a circumstancia de ter pegado no papel de vespôra. *Bandeira* seria prudente se não voltasse ao palco; a sua caracterisação e maneiras affectadas, tem affectado um pouco o systema nervoso á plateia; não somos nós que o dizemos, é ella nas rizadas sarcasticas que lhe lança quando elle falla.

Eram poucos os camarotes occupados; mas esses poucos adornados pelo que ha de mais bello e elegante do sexo amavel de Coimbra.

Estavam as encantadoras Ab.^{as}, a Sapho coimbricense, as sympathicas M.^{as}, a vaporosa L. A.^{as}, a terna e meiga D. F.^{as}, e la em cima, muito em cima, quasi a perderem-se no azul do ceu... do theatro viam-se ora apparecer ora desaparecer cinco brilhantes estrellas, que attrahiam nos seus repetidos reaparecimentos uma descerrada batteria de binoculos que mal podiam conduzir a vista a taes alturas. Se tão lindos astros continuarem a pairar por tão elevadas regiões, para lhe admirarmos o brilho, em lugar de binoculo teremos de ir munidos d'um telescopio!

Mas desçámos do mundo das illusões ao mundo da realidade... uma lagrima depois d'estes sorrisos!... o mundo é assim! rizos e lagrimas, eis o terrivel contraste em que se cifra toda a vida humana. Ainda hontem abrilhantava com o seu nome as columnas da *Chrysalida* essa flor de tanta esperança, que ja hoje é feita em pó. Curvemo-nos irmãos, que passam por deante de nós as cinzas venerandas do mancebo protentoso, do desvelado amigo, do filho dedicado, d'um dos primeiros ornamentos da nossa academia, que frequentando hoje o 1.^o anno de direito e o 4.^o de theologia, sempre premiado em todos os annos, era ja para a familia o seu amparo no presente, e a sua esperança para o futuro.

Coragem e resignação, são as unicas gotas de balsamo com que podemos adoçar o seu calyx d'amargura; é bem mesquinha a nossa offerta, que sabemos que não ha filtro que adoce tão agra dor; mas ao menos reste-lhes por linitivo que Joaquim Ferraz de Carvalho nunca morreria, se o anjo da morte tremesse diante do talento e da virtude.

Coimbra, 14 de março de 1864.

O chromista.

A CHRYSALIDA

Jornal litterario

(Academico)

SEMANARIO

Redactor responsavel—Duarte de Vasconcellos.
Collaborador effectivo—J. Simões Dias.

Entra este jornal no segundo trimestre da sua publicação, com o n.^o 43.

Aquelles senhores que so quizerem assignar

d'este número em diante, devem remetter á redacção do mesmo jornal,—Coimbra—o importe de 420 réis de estampilhas; aquelles porém, que quizerem a colleção completa, enviarão pelo mesmo meio 840.

Não se aceitam assignaturas por menos d'um trimestre (pagas adiantadas).

Quem enviar á redacção seis assignaturas realisadas, ou por que se responsabilise, terá uma *gratis*.

Assigna-se em Coimbra—rua de S. João na loja do sr. Sanches;—rua das Covas na do sr. Jose de Mesquita;—na Calçada na livraria da V. Moré.—Em Lisboa, na Praça de D. Pedro, Pharmacia Azevedos, ao ill.^{mo} sr. Moreira Feio, e na livraria da rua-Augusta n.^o 474.—Em Braga, em casa do ill.^{mo} sr. dr. Moura, professor de grego.—Em Castello-Branco, em casa do ill.^{mo} sr. dr. Manuel Pires Marquês, professor de theologia, e commissario dos estudos d'aquelle districto; e na do ill.^{mo} sr. negociante José do Espirito Sancto Caio.—Vizeu, na botica do hospital, ao ill.^{mo} sr. Luciano Teixeira de Mendonça.

Aquelles senhores, que não sendo ainda assignantes, receberem comtudo este número da *Chrysalida*, junctamente com o proximo número antecedente, e os não devolverem ambos á redacção até ao número seguinte, ficarão sendo considerados como taes, neste segundo trimestre.

EXPEDIENTE

Salhe hoje (15 de março) o 2.^o n.^o do 2.^o trimestre. Ja vêem os srs. assignantes que a *Chrysalida* principia de novo a marchar com regularidade; e se alguma vez dá algum passo para traz, creiam os srs. assignantes, que não provém de nós a culpa.

O nosso principal fim é fazer a vontade a todos, mas sentimos que *alguns* srs. assignantes tenham sido tão remissos na remessa do importe de suas assignaturas; pois não se lembram que a *pobresinha* assim não póde viver?! A proposito. Pergunta-se a um cavalheiro de Vizeu que alli se incumbiu da gerencia da *Chrysalida*, á razão porque nos não envia o dinheiro que alguns honrados assignantes têm depositado na sua mão; ou porque não responde ao menos ás nossas cartas. Esperará que aqui lhe apresentemos o nome em letras gordas?!...

Duarte de Vasconcellos.



UM NOIVADO DE SANGUE

É ella! a noiva! ella a mais formosa,
Que lindo noivo tão gentil que tem!...
Os outros dizem que elle é bem ditoso
Feliz na posse de tão grande bem.

Almeida Braga.

(Continuado de pag. 100)

Foi quasi ao anoitecer que Amelia regressou ao castello.

Era isto em junho. O firmamento, como de ordinario nesse tempo, azul limpido, pallidamente doirado pelos ultimos raios do sol, começava a marchetar-se de brilhantes estrellas.

Amelia olhou a relva que pisava, o sol que parecia dizer-lhe um sentido adeus, o formoso ceu que a cobria e sentiu no peito uma saudade infinita.

Mas ella precisava dar de mão a este sentimento, a estes quadros mundanos, que o despertavam, para levar a effeito o seu temeroso projecto.

Entrou em seus aposentos, fez-se mais bella com arteficios, e desceu ao salão.— Aquelle, cujo portão ainda alli se vê — disse o sr. Vasconcellos, mostrando-nos uma porta arruinada que, no dizer d'elle, communicava com o salão nobre do castello.

Alli a donzella encontrou seu pae, Fernando, e parentes tanto d'ella como do noivo.

O nobre castellão beijou-a na fronte reprehendendo-a amavelmente de se fazer esperar tanto.

— Mas agora apparece como sol brilhante que vem apagar as trevas do nosso insoffrido esperar — diz Fernando em tom apaixonado.

Louvaram muito a noiva por sua belleza e discrição, e felicitaram o mancebo pela boa estrella, que o encaminhára aos paços de D. Ambrozio.

No dia seguinte mal a donzella descerrou os olhos, que por certo so a fadiga do espirito conseguira adormentar, entrou uma aia com as suas ricas vestes de noiva e uma linda corôa de flores de laranjeira.

— Que vestido tão improprio para o meu

noivado! — exclamou Amelia com um triste sorriso.

— Não lhe agradará acaso, senhora minha?

— É rico de mais!

Depois com infantil curiosidade examinou as flores.

— Encommoda-me este aroma!

E repelliu a corôa.

A aia recuou espantada do pouco aprêço que Amelia dava ao presente do seu noivo.

Que festas não iam neste castello naquelle dia, que tão tragicamente acabou!..

Numerosas cavalgadas chegavam de todos os lados.

Nomes illustres echoavam na vasta quadra onde os convidados eram urbanamente recebidos pelo castellão.

Ginetes e palafrens empinavam-se relinchando naquelle grande terreiro.

Musicas harmoniosas soavam de todos os lados.

Por todos os sitios prepassavam pagens de ricos vestidos.

A formosa noiva ainda não tinha apparecido. So o seu toucador e suas aias podiam dizer o que ella fazia.

D. Fernando chegou acompanhado de seus paes, que tinha ido esperar, todo resplandecente de alegria e felicidade.

O corcel que montava era negro, e fogoso como um selvagem.

Até o seu escudeiro parecia assumir arê de grande importancia.

Ao entrar a cavalgada no terreiro ia quasi atropelando um mendigo que desde pela manhã se conservava alli, encantado, talvez, do brilho d'aquelles paços e com a mira na esmola.

— Desvia-te, vil farrapilha — bradou-lhe o enfatuado escudeiro — ou as patas do meu cavallo sujar-se-hão no teu corpo immundo.

Debaixo do velho capuz do mendigo reluzia um olhar de colera.

D. Fernando apeou-se sorrindo ao gracejo do escudeiro que lhe segurava ja o estribo; lançou aos pes do pobre uma moeda de prata, que elle não levantou, e dirigiu-se para as escadarias do castello sem reparar nas vistas ardentes e desesperadas com que o mendigo o seguia.

(Continúa)

Ephigenia do Carvalho.

QUEM?

Tu não ris, perolas choras!..

São perolas com que enfloras
a c'roa da pallidez!

Quem á sombra dos palmares,
dos palmares do Oriente
te embalou tão docemente,
te inspirou tal languidez?

Quando a lua se retrata
nas mansas aguas de prata,
tu vaes c'os astros fallar!

Quem te disse que as estrellas
são as fideis mensageiras,
que me vêm, rindo, ligeiras
teus devaneios contar?

Quando rompe a leda aurora,
e o sino da ermida chora,
tu volves a vista aos ceus!

Quem te disse, que do sino
o murmúrio doce e brando,
na montanha retumbando
exprime o nome de Deus?

Tu em sonhos me appareces
e até julgo que adormeces
no meu leito, a par de mim!

Quem te disse que incessante
busco uma ideal figura,
que, nas azas da ventura?
me dê abrigo por fim.

A tua fronte engrinaldas
de boninas e esmeraldas,
rosa de magico alvôr!

Quem te disse que é teu rosto
— tincto da côr do martyrio—
entre as flores, branco lyrio
na túnica do Senhor?

Tu so vens ao fim da tarde,
quando o sol apenas arde
nas cumiadas d'alem!

Pallida virgem, quem disse,
quem te disse, que 'nesta hora
meu coração se enamora
so de ti, d'onde amor vem?

Porto, 18 de Fevereiro de 1864.
F. M. de Sousa Viterbo.



NECROLOGIO

« ... fugit velut umbra! »

(JOB, XIV.)

E fugiu! Fugiu, qual sombra passageira que assenou por momentos nos pareceis da vida!

Era hontem entre nós, cheio de vida, cheio d'esperanças! — Fanaram-se estas, fugiu-lhe aquella, desapareceu do meio de duzentos camaradas, que ha pouco pisavam com elle o escabroso trilho, essa senda alagada d'espinhos, por onde se vae á conquista do saber!...

O amigo!... sumiu-se!... não é ja nosso!... arrebataram-n'ol-o do seio!.....

Para onde?!...

Oh! A tão fatal pergunta só ésta, dura, cruel resposta:

Joaquim Ferraz de Carvalho ja não existe, morreu!!! — *Fugit velut umbra!* — Após sereno dia, tremenda borrasca escurecendo toda a luz com medonha cerração!...

Foi sombra ligeira o anjo da tempestade, que, passando sôbre nós e sob este céu, tombou no chão entre nós e apanhou nas garras, qual ave de rapina e sinistro agouro, o condiscipulo, o amigo, que ainda hontem estreitavamos!...

E o anjo da tormenta, agora ave segando vidas, ergueu-se, levantou-o e levou-o, e com elle dezenove primaveras que repelliram, ingratas, mais uma e outras muitas, que pareciam vir abraçar-se com ellas, para espaçarem mais este sacrificio intempestivo á sciencia.

Mas a sciencia não transigiu. E a victima, a despeito de morte prematura, foi immolada! — Foi!... é, pelas dôres do trabalho, mais um martyr da fé no seu futuro, e — quem sabe?! — no futuro, talvez, de uma familia inteira, que alli, nos amparos provaveis, tinha o anjo da sua guarda 'nesta vida, — oh! terrivel fatalidade! — mais um martyr gemeu um a um até o último os golpes tremendos de uma dôr multiplice, 'que, cravandô por último o desventurado no leito da morte, ainda ahi parecia querer com forças exauridas do corpo levantar-lhe o braço, ja tão debil, e auxiliá-lo em seus frouxos movimentos, tendentes a atalhar futuros males que o coração lhe presagiava tristemente, e que a intelligencia, quando ja suspensô em parte, tentára desviar com empenho, talvez desmesurado!, para longe de sôbre muitas cabeças!!!.....

Infeliz joven! Comprehendeste quanto deviam doer os espinhos do soffrimento! Sentiste-te inspirado pelas sympathias do infortunio! Trabalhavas por adoçal-o! E então, coitado!, foste surprehendido nos ardôres do teu disvello filial!.....,

Embora! Era teu condão talvez!...

Pois bem! — Ainda assim, em recompensa d'homens, resta a gloria do teu amor e dedicação pelo trabalho! Que ella te fique, em fim, e seja, como eu creio sera, padrão eterno e memoria duradoira aos extremos do teu affecto! Lá, 'noutra patria onde vais viver, outro melhor premio te sera; que não é Deus capaz de faltar aos homens com aquillo que elles merecerem.

Creio-o, eu, — crémol-o, todos nós, os que, associados pela dôr, aqui — nos seios d'alma — te erguemos este singelo mas firme monumento d'eterna saudade.

E vós, amigos e condiscipulos!, vós, cujo coração vae todo por certo nas sympathias de tristeza, que tanta dôr inspira, ide, acompanhae o irmão á sua última jazida! Dae-lhe para sempre o último adeus da despedida! abraçae-o! offertae-lhe as vossas lagrimas, por último tributo d'amor!... E, antes de retirar-vos da mansão veneranda, onde o deixaes, tomae logar aos lados d'elle, reparae-lhe nos labios, e vereis que a saudade, fallando por elle em echos saídos d'aquelle peito, e ferindo nossos ouvidos, nos dirá em seu nome, d'elle, pelas palavras do poeta da dôr (a):

Aqui!...
« Longe do mundo, na soidão d'um sêro,
« Perdido ao mar, a namorar-lhe as iras,
Sagrae, amigos, ao meu somno infindo
Gelido leito!...

« Cavae bem fundo, seja negra a pedra,
E em letras brancas escrevei-lhe — *Um triste!* —

Triste!...

Repete o echo ainda.

E bem triste foi esse amigo, que parecendo ainda estender-nos a mão ja myrrada, parece tambem estar dizendo, por último, a cada um dos amigos, com Job (C. 7):

« *Ecce nunc in pulvere dormiam; et si mane me quaesieris, non subsistam* » — Dormirei aqui neste pó até ámanhan; e, se voltardes, não me achareis.

(a) João de Lemos.

Em fim, a nós, que ficámos por ora, cumpre orar pelo descanso do condiscipulo-amigo, que fugiu rapido como sombra leve e tenue que pareceu dissipar-se ao calor dos primeiros raios d'um sol de primavera!

Oremos!

Coimbra, 13 de março de 1864.

Um amigo e condiscipulo do finado, do 4.º anno de theologia.

MAIS UMA ESPERANÇA

AO MEU AMIGO

Duarte de Vasconcellos

Eu amei-a com delirio
Como se ama uma vez!
Eu amei-a como a Pedro
Amou a formosa Iñez!
Amei-a como Camões
Amou os lusos pendões,
Como Tasso amou Leonor!
Amei-a mais do que a gloria,
Mais que o soldado a victoria,
Mais que a mariposa a flor!

Como o proscripto ama a patria,
D'onde a sorte o separou!
Como o lyrio ama a corrente,
Onde viçoso brotou!
Como ama o peregrino,
Perdido no seu destino,
A vinda do arrebol!
Como as tufadas da aragem
Amam do bosque a folhagem,
Como a relva o rouxinol!

Amei-a como o Calvario
Ama reverente o christão!
Amei-a como na infancia
Sabe amar um coração!
Ao ouvir seus juramentos,
Quasi meus labios sedentos
Lhe iam as faces queimar!
E estreitada em doce enleio,
Era agitado seu seio
D'um assiduo palpitar!

Tudo p'ra mim era júbilo,
Tudo fallava d'amor,
Tudo dizia — és ditoso —
Não sentia um dissabor!

Julguei então ser a vida
 Vasta campina florida,
 Sem um so espinho ter!
 Conveni-me de que o fado
 Tinha o homem destinado
 P'ra um continuo prazer!
 Mas veio logo o martyrio
 Terminar esta illusão!
 Veio a dor do abandonô
 Ulcerar meu coração!
 E essa amargura immensa,
 Precursora da descrença,
 Sentí n'alma penetrar!
 Meu sofrimento foi tanto!...
 Mas enxuguei o meu pranto,
 Sem que o vissem deslizar!
 Assim passei em silencio
 A minha acerba agonia!
 E cada dia volvido
 Um sofrimento trazia!
 Mas quando o triste momento
 Do terrivel desalento
 Eu ao longe divisei,
 Vieste, ó casta donzella,
 Qual ao nauta vem a estrella,
 Guiar meus passos — Marchei!!

P. Augusto.

UM QUADRO SOCIAL

(Continuado de pag. 94)

Como disse, Antonio passava por ter grandes sommas de dinheiro, e a familia, que antes queria o dinheiro que a vida de Antonio, vestiu lucto por fóra e gala por dentro. É que contava receber muito conto de réis, julgando-se com direito á herança.

No seu entender, Antonio era um homem nobre, e a filha, pertencendo á infima classe da humanidade, não podia, como pean, succeder a seu pae.

Sahiram-lhes logradas as esperanças. O pae de Maria deixou, morrendo, apenas algumas centenas de mil réis, e os parentes, vendo que aquillo repartido por todos dava em resultado um pequenissimo quinhão a cada um, e que ainda assim seria necessario sujeitarem-se ás despesas de uma demanda, renunciaram á herança que entendiam caber-lhes.

Nunca mais se viu um sorriso para a pobre

Maria, no rosto d'aquelles que mais proximos lhe eram pelos vinculos de sangue. A expectativa de grandes haveres, malogrados, fez que aroilhassem com odio.

Felisberto não lhe queria menôs mal que os outros parentes, mas por diverso motivo. Para este, Maria estava accusando, a todos quantos a viam, um desdouro para a familia C.

Houve, porém, alguém d'esta familia, que, condoído da sorte da pobre Maria, a acolheu debaixo de sua protecção.

Carlos, casado com uma sobrinha de Felisberto, senhora que se fazia estimada de quantos a conheciam, porque a natureza a enriquecera de estimaveis dotes, d'accôrdo com esta, propoz-se protegê-la, fazendo até com que fosse nomeado seu tutor. Tomou-a para casa, e principiou de educal-a.

Não pôde Felisberto perdoar a Carlos um procedimento tal; e, tractando-o até láhi com amizade, foi até indispor-se com elle.

Carlos, homem de sentimentos nobres, de principios de rectidão inabalaveis, quiz convencer a Felisberto de que o seu proceder para com Maria, não tinha nada de deshonoroso para elle, antes fizera aquillo que a sua consciencia lhe dictára, e que a sua razão apoiava.

Que mal, dizia elle, escrevendo a Felisberto, que mal nos faz Maria, para assim a desprezarmos? Se nas veias lhe corre sangue africano, nelle anda misturado o sangue de minha mulher.

Maria é da mesma condição que nós, tem corpo como nós temos, e alma para pensar, sentir e querer, como nós pensamos, sentimos e queremos, alma dotada das mesmas faculdades e que se revela pelos mesmos productos, corpo sujeito ás mesmas impressões de prazer ou dôr, conforme é a causa, que produz essas impressões. — Tem a côr negra? Que importa isso? A côr é apenas um accidente que em nada altera a natureza da substancia, que modifica.

— Pobre Maria, que crime commetteste em nasceres no torrido paiz da Africa e teres por pae um europeu? Vieste ao mundo com a mesma natureza, que eu tenho. É diferente a côr? Não te despresarei por isso.

Christo, prégando a egualdade e fraternidade entre os homens, não fez distincção de raças, nem mandou que os negros fossem servos dos brancos. A humanidade é que, entre as aberrações que a envergonham, e lhe mancham as paginas da sua historia, conta a abjecção da raça africana.

Muito custam a fructificar as boas doutrinas, quando não são lançadas em terreno preparado! Ja la vão dezoito seculos, desde que Christo pró-

clamou a egualdade de todos os homens, e ainda hoje os que têm a infelicidade de nascerem de côr negra, são vendidos por seus irmãos como se foram irracionaes. Quando acabará por uma vez o vil trafico da escravatura, que faz revoltar a todos aquelles, para quem a idéa de um ser supremo não é mera ficção?

Felisberto não era homem para se convencer assim. Tinha um pensamento predominante: era o da arvore genealogica da sua familia, arvore que lhe estava retratada no espirito, e de cujos ramos via pender grandes homens. Agora rebrantar novo ramo, e n'elle pendente um fructo negro, era idéa que se lhe não arredava do espirito, nem lhe dava cabida a novos pensamentos. — Continuou portanto Felisberto a olhar mal á pequena Maria, e mal a Carlos porque a protegia. Não se importou este com isso, a ponto de que retirasse a sua protecção á pobre negrinha. Lamentava apenas o não ter podido convencer Felisberto do erro em que estava, suppondo que Maria era para a sua familia uma nodoa, que se não lavava, e que pôr tal motivo interrompesse relações com elle, relações, que aliás Carlos estimava, porque, seja dicto em abono da verdade, Felisberto era obsequiador, e tractavel mesmo, quando o não assaltava a idéa de nobreza.

Carlos, pois, moço de espirito esclarecido, e coração generoso, continuou acolhendo debaixo da sua égide a negrinha. Deu-lhe com o auxilio dos escassos meios, que elle possuia, e com o apoio de uma vontade firme, uma tal ou qual educação em harmonia com esses meios, e como o permittia a terra em que vivia, terra pequena, em que a educação de Maria não podia ser muito apurada por falta de meios de instrucção. Aprendeu Maria com extrema facilidade o que em tal terra se poderia ensinar-lhe, revelando desde logo o talento, de que era dotada. Quiz Deus favorecer a sorte da pobre negrinha, e desde então seguiu-a uma boa estrella: Martha, mãe de Maria, recebeu na Africa uma avultada herança de seu irmão, que morrera sem descendencia: sabendo por cartas de Carlos do talento da filha, quiz Martha que se continuasse a educação em terra que para isso offerecesse melhores meios, e pediu a Carlos que continuasse o trabalho que com tanta generosidade tinha encetado, pondo meios á sua disposição. Carlos teve nisto extraordinario contentamento, porque sabia do talento de Maria. Promoveu immediatamente a entrada de Maria para um collegio em Lisboa. Escusado é dizer que Maria fez extraordinarios progressos, resultado do seu talento e applicação.

Aprendeu, além de outras cousas que entram na educação de uma senhora, musica, desenho, francez e inglez, fazendo-se professora em piano, em que tocava composições suas, e fallando com perfeição o francez e inglez. Maria, coração bondoso e grato, nunca esquecera a protecção, que lhe dispensava Carlos, e os carinhos com que fôra tractada por Adelaide, mulher d'aquelle. Sahindo do collegio pediu a sua mãe para que viesse para Portugal. Accedeu a mãe aos rogos da filha, e resolveu-a esta a que fossem viver por algum tempo com a familia de Carlos.

Maria, como dissemos, não esquecera o que devia áquella familia, e offerecia-se-lhe occasião de poder mostrar-lhe a sua gratidão.

Recebeu-a a familia de Carlos com lagrimas de contentamento. Que muito, se Maria fôra criada com ella, e tractada como filha!

Correu logo fama do talento de Maria e das estimaveis prendas com que no collegio se enriquecera. Professora em piano e canto, e dotada de linda voz, Maria tornava-se o enlevo de quem a ouvia. Deixava admirados aquelles com quem conversava nas duas linguas estranhas que aprendera, pela facilidade e perfeição com que o fazia. Maria tornou-se adorada de ricos e pobres, de nobres e plebeus. (Continúa).

Abel P. do Valle.

Amigo redactor.

A vida tem-me corrido tão enredada e lerdada nestes ultimos dias, como regular tem sido a publicação da tua *Chrysalida*.

Este numero 15 tão apressado o via, que a sua pressa me surpreendeu. Quero dizer: havia-se-me acabado o meu peculiosinho dos versos ineditos, e eu sem ter dado por tal! Dei quatro voltas pelo quarto e decidi — nada escreverei d'esta vez.

O nosso amigo Gerardo — pessoa muito conhecida pela cor indecisa de suas barbas — que me ouvira as ultimas palavras, desata em voz roufenha e esganiçada uma choradeira tão fóra do seu usual modo de chorar, que mais parecia rabujento ganir de muitas creanças na primeira dentição (vid. Camillo?) do que chorar d'homem que soe ser mudo.

Era que — segundo elle ia dizendo entre soluços — não podia concilliar o somno sem a prévia leitura d'alguns meus versos ineditos, que segundo a minha expressão não appareciam na *Chrysalida* d'esta vez. Tive dó do homem. Procurei de novo na gaveta, e num cantito lá ap-

pareceram, como envergonhados, esses versos-dormideiras, que te remetto.

Têm elles uma historia muito longa, que eu não trago para aqui. Saiba-se somente, para sua intelligência, que duas senhoras deviam psalmejar éstas cantilenas em presença e honra de sua mãe que Deus guarde, em certas reuniões, e o meu amigo Erse Junior — que lhe compoz uma lindissima musica — devia orgulhar-se ouvindo na bôcca d'outrem as notas que d'alma lhe sahiram...

Resam assim as taes quadritas.

AMOR FILIAL

Nós somos nuvens de insenso,
que evolvam não sei para onde:
somos luz do espaço immenso,
que la se apaga e se escondê.

Somos estrellas sem lume
vagando no azul dos ceus:
sons de plangente queixume,
que sobe ao throno de Deus.

Vimes que um vento de morte
fôrça a rojar pelo chão:
nautas que vagam sem norte
em busca da salvação.

Nós somos folhas perdidas
que ao tronco não voltam mais:
gotas de pranto cahidas
entre suspiros e ais.

Nós somos como as hervinhas
longe das aguas do rio:
tristes, como as andorinhas
longe da patria no estio.

Viageiras sem caminho
por guia sem ter ninguem:
nós somos aves sem ninho
se nos falta nossa mãe!

Dezembro de 1863.

J. Simões Dias.

INDUSTRIA

(Continuação)

Portugal, a quem a mão desastrada das revoluções parecia ter arrojado do cume elevadíssimo em que se tinha perdido, pelos esforços produ-

gios de seus filhos, vae enfim receber o influxo da civilização e partilhar, na communhão da familia europeia, de todos es bens que ella disfructa, e de que a nossa patria se podia considerar *relegada* e muito distante.

Fomos felizes e considerados nação de primeira ordem, quando a felicidade se obtinha sulcando as ondas com flotilhas erriçadas de canhões, levantando exercitos, que levavam a destruição e a morte por todas as regiões do velho e do novo mundo.

O estandarte da cruz, levantado pelo nosso primeiro monarcha, guiou por muito tempo os portuguezes, que timbraram em o sustentar puro de toda a mancha; e o valor desenvolvido por tal arte encheu os cofres publicos de muita riqueza, tornando nossos feudatarios muitos povos, que aos nossos abasteciam de immensos valores.

Mas a face do mundo voltou-se. Não é pela mesma fórma que hoje se alcança a fortuna das nações. Aos factos succedeu-se a observação e o desenvolvimento moral e intellectual dos povos, que por toda a parte se vae operando gradual e progressivamente; achou outros principios, que mais permanentes e humanitarios do que os antigos promettem á geração presente e ás futuras, fortunas mais solidas e muito maiores.

O trabalho e a associação vão dominando o mundo; e a exploração do homem pelo homem vae desaparecendo, como um anachronismo so proprio de epochas barbaras, em que o sentimento da fôrça é tudo, e a razão cousa nenhuma.

E na verdade, 'nessa vasta officina todos somos artistas, e so quando todos trabalharmos e empregarmos reunidos todá a nossa actividade, poderemos dizer então que o fim individual está obtido, porque hade resultar d'esse mais importante e mais vasto fim social, que so pôde ser conseguido, quando todos trabalharem, e se ajudarem.

É por ésta fórma, que vemos hoje, que as nações se engrandecem, e que esses duellos do exterminio, que 'noutros seculos se presenciam entre as nações, vão desaparecendo e cedendo o campo a ideias mais proveitosas e racionais.

As vias ferreas são a maior conquista dos modernos tempos, porque além de servirem ao desinvolvimento da associação servem tambem ao desinvolvimento do trabalho, unicos principios capazes de desterrar antigos erros, e de reunir os homens 'numa so familia.

Ninguem ja desconhece ésta verdade, e so o espirito mesquinho das facções poderá preten-

der offuscá-la para, sôbre o descredito d'outros, fundar o proprio credito. Mas quando uma ideia chega a dominar um povo com força irresistivel, nem as facções nem os partidos podem obstar á realisação d'ella, sem que fiquem envolvidos no pó, e a sua memoria detestada por todas as gerações.

É o que acontece com as vias ferreas. A observação e a reflexão têm convencido a todos das immensas vantagens que nos trazem, e não ha ninguem que, em boa fé, se opponha á construcção d'ellas; e, mais ainda, que não esteja disposto a fazer todos os sacrificios para obter uma perfeita rede d'estes caminhos, que so pôde dar todas as vantagens de que elles são capazes. Por ésta fórma, Portugal voltará a tomar posição ao lado das primeiras nações da Europa, porque o seu solo é fértil, e a população robusta e intelligente. Possui portanto todos os elementos para o trabalho, e o que lhe falta é a comunicação e a convivencia com os outros povos e mesmo entre as povoações, que o constituem.

— E comtudo não julgámos que essa viação só basté, porque se os caminhos districtaes, municipaes e vicinas continuarem como no estado presente, pequeno resultado poderão dar aquelles; sendo por isso de absoluta necessidade tirar os municipios d'esse torpor, em que têm vivido, para acompanharem a civilisação na sua marcha magestosa, desenvolvendo toda a sua actividade, e provimento das necessidades publicas mais imperiosas.

Coimbra, 16 de março de 1864.

Annibal Augusto Pereira.

UM BAILE CAMPESTRE

(VERSÃO)

(Continuado de pag. 110.)

II

No domingo seguinte todos os jovens frequentadores do baile de R... fixavam, com admiração, a vista no vestido, mantelete e bonnet de Victorina, ou antes sôbre quem os vestia, que, posto que não fôsse Victorina, nem por isso tinha deixado de ser a rainha incontestavel da festa, desde o momento da sua apparição.

A senhora de Foligny saboreava com delicias o seu triumpho. Lembrava-se das ceremoniosas homenagens nos salões da Chausuè d'Antin, e via a franca e expressiva admiração de que ella

era objecto, num recinto de verdura, e num mundo todo novo para ella! Mas não se teria ella animado, se entre os *leões* que voltejavam em redor de si não tivesse encontrado um que captivou mais especialmente a sua attenção, e cuja conquista mais lisonjeou o seu amor proprio.

Mr. Ledit voltejava com uma graça particular, e era impossivel imaginar-se nada mais *coquette* que as suas azas.

Este maravilhoso vestuario parecia ter vindo dos *ateliers* de Dusantoy, e em todo o caso bastava elle so para fazer a reputação do habil alfaiate.

A figura não era ma; as maneiras, sem serem irreprehensiveis, não careciam d'um certo verniz, e so tinham o defeito de parecerem um pouco estudadas. É muito provavel que um critico severo lhe tivesse notado, na maneira de dançar, uma agitação contínua de pernas, d'um gôsto alguma cousa exquisito... Mas qual é o homem que é perfeito?

E mesmo as mulheres estarão bem certas de que o são?

Sommando tudo, o *leão* não desagradou, e a senhora de Foligny não se oppoz a que elle viesse queimar as azas no fogo do seu amor incendiario.

Na verdade, pensava ella, encontra-se nesta casta de modestos burguezes seres privilegiados, como *desgraçadas na nossa*. E fazendo ésta philosophica reflexão ella dançou, polcou e conversou toda a *soirée* com o seu *leão*. Junctaremos que não era o medo de ser criticada que a convidou a acceitar do adonis, orchata, limonada, doce e biscoutos. Era isto alguma tanto compromettedor para uma criada de quarto de casa grande; mas a senhora de Foligny, uma vez introduzida no seu palacio, *cahiam* o vestido, bonnet e mantelete, *desapparecia* a camarista e só ficava a grande dama: a identidade não se podia contestar.

Escutava, pois, a senhora de Foligny os amorosos devaneios do seu galante *leão*, e contentava-se em sorrir quando na *chaine des dames* elle lhe apertava a mão um pouco mais do que a circumstancia o demandava; e se elle lhe deitava alguma olhadella assassina, os seus olhos respondiam com chammas abrasadoras.

O nosso *leão* — continuaremos a denominá-lo assim — tinha ao fim da tarde conduzido a sua conquista para um bosquesinho bastante affastado do logar da dança. Os ultimos raios do sol poenté penetravam através da folhagem neste encantador recinto, e derramavam por elle uma doce luz; o ar estava tépido. Ouviam-se vaga-

mente ao longe os sons expirantes da musica do baile; é impossivel achar um lugar e hora melhores para uma declaração d'amor. Diremos em abõno da senhora de Foligny, que não foi para isso que ella se deixou conduzir, mas sim para respirar o ar puro e fresco da tarde, o que era impossivel no meio da poeira do baile. A senhora de Foligny assentou-se sôbre um banco coberto de relva, mas o seu inflammavel companheiro julgou opportuno precipitar-se inopinadamente a seus pés. (Continúa).

Ignacio R. da Costa Junior.

CHRONICA

Coimbra está outra vez avara de noticias. Acabaram-se as noites de theatro, e ésta boa terra voltou ao seu estado normal,—ao da pasmaceira! —

Foram-se Sanctos e Emilia, como ja todos sabem; que dizer agora?!

A proposito d'Emilia. C. L. diz na sua carta ao Benjamim que o elogio que lhe tecemos era *baço e frivolo*. Não respondemos a C. L. porque não temos o *Diccionario dos palavrões*; porisso mal o podemos entender; — diremos apenas que o talentoso mancebo é um pouco incoherente comsigo mesmo e com os seus principios, quando nos accusa de demazia, por chamarmos a Emilia das Neves «a primeira actriz do mundo civilizado» porque logo em seguida elle a compara ao *infinito*: — pergunta-se qual das duas ideias abrange mais? Responda quem quizer, que eu vou continuando.

Como não ha mais que dizer; vou fallar *do tempo*, que é *refugium peccatorum* — quando não ha novidades.

Ha oito dias temos tido por aqui *plena primavera*. Os dias têm corrido amenos e fagueiros, e as noites limpas, mornas e estrelladas, como o costumam ser as bellas noites d'agosto — as noites das *escamisadas*. —

Domingo foi a festa dos Lasaros — a festa das amendoas e rofadas.

A concurrencia ao jardim foi extraordinaria, porque a amenidade da tarde convidava a isso. Aquelle recinto havia-se convertido naquelle dia em paraizo terreal; por la se viam aqui e alem as mais lindas e tentadoras *Evas* d'esta terra; viam-se atrás d'ellas os *Adões* em cardumes, arastados e seduzidos pelos seus encantos.

Mas o tempo retomou o seu aspecto chuvoso, e parece-nos que temos Semana Sancta molhada. Os *leões*, que esperam por este *sancto* tempo, como os judeus pela vinda do Messias,

hão de dar com isso um *cavacão*! Mas seja o tempo qual for, nada poderá obstar a que procuremos a Deus naquelles dias; — depois, na chronica seguinte, diremos o que houver de mais interesse no desempenho do *drama da redempção*. E d'esta vez fica por aqui.

O chronista.

A CHRYSALIDA

Jornal litterario

(Academico)

SEMANARIO

Redactor responsavel—Duarte de Vasconcellos.
Collaborador effectivo—J. Simões Dias.

Entrou este jornal no segundo trimestre da sua publicação, com o n.º 13.

Aquelles senhores que so quizerem assignar d'aquelle numero em diante, devem remetter á redacção do mesmo jornal — Coimbra — o importe de 420 réis em estampilhas; aquelles porém, que quizerem a colleccção completa, enviarão pelo mesmo meio 840.

Não se aceitam assignaturas por menos d'um trimestre (pagas adiantadas).

Quem enviar á redacção seis assignaturas realisadas, ou por que se responsabilise, terá uma *gratis*.

Assigna-se em Coimbra — rua de S. João na loja do sr. Sanches; — rua das Covas na do sr. Jose de Mesquita; — na Calçada na livraria da V. Moré. — Em Lisboa, na Praça de D. Pedro, Pharmacia Azevedos, ao ill.º sr. Moreira Feio; e na livraria da rua Augusta n.º 171. — Em Braga, em casa do ill.º sr. dr. Moura, professor de grego. — Em Castello-Branco, em casa do ill.º sr. dr. Manuel Pires Marques, professor de theologia, e commissario dos estudos d'aquelle districto; e na do ill.º sr. negociante José do Espirito Sancto Caio. — Vizeu, na botica do hospital, ao ill.º sr. Luciano Teixeira de Mendonça.

EXPEDIENTE

Démos pressa á sahida d'este numero para ainda ser entregue aos srs. assignantes academicos antes de irem para ferias; — o jornal não deixará de sahir durante os quinze dias feriados; porém so sera expedido para as provincias, e na cidade so áquelles srs. que o solicitarem, ficando a distribuição para segunda-feira de Paschoela; e isto para evitar desvios de exemplares, e embaraços no serviço.



UM QUADRO SOCIAL

(Continuado de pag. 118)

A uns captivaram os dotes e prendas que Maria possuía; aos outros prendia-os a caridade, que dos seus rendimentos dispensava Maria quanto podia para os necessitados. Por isso os que soffriam chamavam-lhe o anjo da caridade: e era, que se não contentava ella em dar-lhe o pão para matar a fome: dava-lhes tambem a esmola das consolações, procurando os enfermos necessitados, e ensinando-os a soffrer, apontando-lhes para o ceu, aonde não ha ricos nem pobres, e vertendo-lhes no coração a luz suave da esperanza, fazendo finalmente aquillo que não sabe fazer a philantropia. Philantropia!... Como esta palavra diz pouco ao pe da palavra *caridade*.

Na essencia e na sua origem differe tanto a philantropia da caridade, como o que é do ceu differe do que é da terra. Esta, a caridade, prende raizes no ceu, e fructifica para a terra; a philantropia nasceu ca 'neste mundo. Tambem esta dá os seus fructos, é verdade, mas estes alimentam so a vida do corpo.

Os da caridade, esses alimentam tambem a vida do espirito e os sentimentos suaves do coração.

Maria era, pois, para os pobres — o anjo da caridade. — Dava-lhes o pão com que matavam a fome, roupa com que se resguardavam dos frios do inverno, e consolações com que se resignavam na sua sorte.

Assim, pois, não admira que Maria fôsse por todos adorada; e era. Dizia ella que a Carlos e Adelaide devia as consolações que experimentava em prestar consolações, porque com elles aprendêra, quando era pobre, pelo bem que lhe dispensaram, ao dispensal-o aos outros, agora, que podia fazel-o.

Maria, como dissemos, nunca esquecerá o

que devia a Carlos e Adelaide, e queria mostrar-lhes a sua gratidão.

Carlos tinha duas filhas, que eram o enlevo dos paes. Quando Maria sahiu do collegio estavam ellas tocando a idade, uma dos oito, e outra dos doze annos.

Carlos, supposto vivesse com muita decencia, não era comtudo abastado; so com grande sacrificio poderia dar ás filhas uma educação esmerada. Sabia-o Maria. Porisso, querendo mostrar a sua gratidão, e tambem pela amizade que conságrava ás filhas de Carlos e Adelaide, as quaes considerava como irmans, encarregou-se da educação d'ellas, ensinando-lhes tudo o que sabia, e que havia aprendido no collegio. Carlos não cabia em si de contente, vendo os progressos que iam fazendo as *suas delicias*, como elle dizia das filhas, e comprazendo-se na sua consciencia da protecção que dera a Maria.

Repetia elle muitas vezes que não se devia perder occasião de fazer bem: que d'isso resultava, quando mais não fôsse, o prazer de consciencia, prazer que não tem igual.

Felisberto é que ficou varado, quando viu e ouviu Maria a primeira vez, depois que sahiu do collegio. Parecia-lhe impossivel que a filha de uma negra podesse aprender tanta cousa, e com tanta perfeição, e que se apresentasse com maneiras tão delicadas.

Andava comtudo ainda um pouco desviado d'ella por causa da côr. Entendia elle de si para si que os fidalgos por tal motivo haviam de consideral-a como um borrão na sua genealogia. Quando, porém, viu que estes mesmos a cercavam de respeitos e considerações, ficou de todo enleiado, e disse consigo mesmo: pois sera possivel que Maria não envergonhe a minha familia, provindo la da Africa, e sendo d'aquella côr?

Passeiava Felisberto 'numa sala, e passeiando, ruminava esta ideia. Não sabendo que resposta deveria dar á pergunta que a si mesmo fizera, sentou-se de fatigado, juncto a uma mesa. Sobre esta estava um livro, que acabava de sahir do prelo, e que 'nesse dia lhe haviam entregado, como assignante que era.

Principiou cortando algumas folhas, e ao passo que ia cortando, lançava a vista por uma ou outra página.

Quando estava 'nisto deu com os olhos nas seguintes palavras:

«Falla-se ahi hoje muito contra clero e nobreza. Eu, não, que sou apologista d'um e d'outro.»

(Continúa).

Abel P. do Valle.

ESPERANÇA

(A MEU IRMÃO EMILIO DE BARBOSA)

Doce amigo, ésta vida amargosa,
No passado e presente incessante,
Ha de um dia sorrir-te gostosa,
Com prazer e fortuna constante.

Ha de, sim, que José malfadado,
P'lo destino cruel perseguido,
Foi depois no ceu puro, estrellado,
Encontrar o seu astro perdido.

O trabalho, a virtude, a brandura,
Feliz Ruth tornaram outr'ora;
Vae, meu anjo, e terás a ventura
Na coragem que mostras agora.

Ir pisar novo solo estrangeiro,
É bem triste, saudoso e pesado;
Ai! so póde um porvir lisongeiro
Compensar-te d'um negro passado.

Magestoso ergue a fronte abatida,
As tormentas encara sorrindo,
E no peito gentil, renascida,
Olha a esp'rança, risonha, surgindo.

Doce amigo, ésta vida amargosa,
No passado e presente incessante,
Ha de um dia sorrir-te gostosa,
Com prazer e fortuna constante.

Ponte da Barca, 7 de janeiro de 1864.

Hortencia Paulina de Lima Barbosa.

AHI VAE!

AO MEU CARISSIMO AMIGO E CONDÍSCIPULO

Luiz Maria da Silva Ramos

(Continuado de pag. 103.)

Esses, sim; esses — que não são muitos, infelizmente! — cujo saber e virtudes são incontestáveis e incontestadas (e cujos nomes, aliás respeitáveis, uma especie de modestia, bem ou mal cabida, faz substituir por meia duzia de reticencias, por não offender susceptibilidades), esses, dizemos, é que têm sabido inculcar ao mundo, que é a sua patria, porque o mundo é

a patria do genio, as mais solidas e fundamentaes theorias do progresso, os melhores e mais são principios de civilisação; e quaes, emfim, os mais seguros e adequados meios de pôr aquelles por obra, traduzindo-os em prática que não desdiga dos racionaes dictames de um entendimento vigoroso, nem contrario, mas antes se conforme e harmonise com os generosos sentimentos, de que sóem inspirar-se os corações bem formados!

Esses, — digamol-o assim, por dizer tudo em poucas palavras — é que melhor têm comprehendido a verdadeira missão do homem que pelea pela illustração do povo e pela fé no futuro!

A elles, sôbre todos, cabe pois o melhor quinhão da gloria, por terem pugnado com maior ardor e zêlo pelo engrandecimento moral e material do homem, lembrando-lhe a dignidade de sua duplice natureza, chamando-o, por isso, ao cumprimento dos seus devêres, e por último, invidando os seus e os esforços de todos, para que a boa direcção e a applicação d'estes com a plena satisfação e desempenho d'aquelles, promovam e produzam a felicidade real e cabal a que todos devemos aspirar, sem jamais nos transviarmos da senda que conduz a ella.

So assim — todos o sabem, embora nem todos o digam — a humanidade chegará a lograr o grande *desideratum* da moderna philosophia. So assim, as promessas d'esta serão realisaveis e realisadas, e do mesmo modo satisfeitas as lisongeiças esperanças d'aquella. Numa palavra, só assim — crémol-o piamente; porque é o móte escripto na bandeira de todos os partidarios do progresso — voltará esse reinado d'Astrêa, tão decantado pelos poetas do nosso seculo e geralmente apregoadô por todos os modernos escriptores, que se dizem ou reputam verdadeiramente inspirados d'amor fervente pelo bem da humanidade, ou antes pelo mais completo bem-estar social.

V

Mas, em taes dados, teremos nós ja, por ventura, bem garantida a solução d'este grande problema social?

Não, por certo. Crêmos, e sinceramente o confessamos, que 'neste logar a substituição da negativa pela affirmativa seria, por extemporanea, inconveniente, além de extravagante; — seria a reprovação injusta e desdenhosa do juizo reflectido de tantos pensadores profundos, que têm deixado amadurecer na prudencia mais trabalhada os sabios conceitos que exprimem no meio dos seus intuitos e louvavel proposito!

Resta ainda, ao que parece, trabalhar na ac-